



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

GISELLE VASCONCELOS DOS SANTOS FERREIRA

**REPERCUSSÕES LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A
PRESENÇA DE ANGLICISMOS NO PROGRAMA *MANHATTAN
CONNECTION***

Campo Grande/MS
2017

M	 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
G. V. S. FERREIRA	GISELLE VASCONCELOS DOS SANTOS FERREIRA
REPERCUSSÕES LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A PRESENÇA DE ANGLICISMOS NO PROGRAMA <i>MANHATTAN CONNECTION</i>	<p style="text-align: center;">REPERCUSSÕES LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A PRESENÇA DE ANGLICISMOS NO PROGRAMA <i>MANHATTAN CONNECTION</i></p>
2017	<p style="text-align: center;">Campo Grande/MS 2017</p>

GISELLE VASCONCELOS DOS SANTOS FERREIRA

**Repercussões lexicais no Português Brasileiro: a presença de anglicismos no programa
*Manhattan Connection***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS
2017

F441r Ferreira, Giselle Vasconcelos dos Santos.

Repercussões lexicais no Português Brasileiro: a presença de anglicismos no programa *Manhattan Connection*/ Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

134p. ; 30cm.

Orientador: Nataniel dos Santos Gomes.

Dissertação (Mestrado) – Letras - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, MS, 2017.

1.Léxico 2. Neologismos. 3. Estrangeirismos. I.Título.

CDD 23.ed. 413.028

GISELLE VASCONCELOS DOS SANTOS FERREIRA

**REPERCUSSÕES LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A PRESENÇA DE
ANGLICISMOS NO PROGRAMA *MANHATTAN CONNECTION***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof(a). Dr(a). Aline Saddi Chaves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva – Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luiz Carlos Pais – Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 04 de dezembro de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação, com carinho especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, por ter acreditado no meu trabalho, ter compreendido minhas limitações. A mistura de cobrança e incentivo fez com que esta tarefa árdua se transformasse em um percurso prazeroso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e força nos momentos de desânimo. Aos meus pais Rizoleide Vasconcelos dos Santos (*in memoriam*) e Gerson Pereira dos Santos (*in memoriam*), pelo incentivo aos estudos desde os mais tenros anos, que guardo em minha memória.

Ao meu companheiro de jornada Cesar Christian, pela paciência, carinho e apoio em todos os momentos, não podendo deixar de citar nossas trocas de ideias e discussões sobre linguística e literatura. Aos meus “pedacinhos”, Isabelle e Natália, por compreenderem a minha, muitas vezes, prolongada ausência.

À minha querida amiga Luciene, por apresentar-me à UEMS, e, logo, ao programa de mestrado. Aos professores Doutores: Aline, João Fábio e Geraldo, pelos valiosos conselhos e sugestões feitas a este trabalho por ocasião da qualificação e defesa.

FERREIRA, Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira. *Repercussões lexicais no Português Brasileiro: a presença de anglicismos no programa Manhattan Connection*. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo principal descrever e analisar os itens lexicais estrangeiros em um *corpus* constituído de vocábulos vindos da língua inglesa e retirados das transcrições das falas dos apresentadores do programa *Manhattan Connection*, transmitido pelo canal a cabo *Globo News* e selecionado para a pesquisa por demonstrar um uso, considerado acentuado, de anglicismos durante os debates e entrevistas, mesclados nas falas dos jornalistas e, em muitas ocasiões, são empregados sem traduções ou legendas. Os itens lexicais estrangeiros coletados foram analisados conforme a sua origem, dicionarização, classe gramatical, forma e fase de adoção, uso ou necessidade e área de atuação, além da verificação de palavras estrangeiras que serviram de base para a formação de novas palavras no português e outras que tiveram ampliação semântica no processo de importação. A pesquisa foi realizada com base nos estudos sobre neologia e empréstimos linguísticos realizados por Carvalho (2009), Alves (2004) e Correia e Almeida (2012) e verificou se os itens lexicais estrangeiros utilizados no programa supracitado constam em dicionários tanto gerais da língua quanto de terminologias específicas, se sofreram alterações morfológicas e/ou ortográficas e se são considerados estrangeirismos, xenismos ou empréstimos. Os estrangeirismos coletados e posteriormente analisados demonstraram que itens lexicais importados da língua inglesa, ainda que alguns não se encontrem dicionarizados, têm contribuído para a ampliação do acervo lexical do português, uma vez que, a mídia televisiva é uma fonte de divulgação dessas palavras, especialmente na política e na economia.

Palavras-chave: Léxico. Neologismos. Estrangeirismos.

FERREIRA, Giselle Vasconcelos dos Santos Ferreira. *Repercussões lexicais no Português Brasileiro: a presença de anglicismos no programa Manhattan Connection*. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

ABSTRACT

This master's dissertation has for main goal describing and analyzing the foreign lexical items in a corpus constituted by words coming of English language and retired from transcription of speech of the presenters of *Manhattan Connection* program, transmitted by *Globo News* cable channel and selected for this research for demonstrate an use of Anglicisms, considered accentuated, during the debates and interviews, mixed in the speeches of the journalists and, in many situations, they are used without translations or subtitles. The foreign lexical items collected were analyzed accordingly their origin, register in dictionary form, part of speech, form and level of adoption, use or requirement and area of performance, besides of examination of foreign words that have served as base for formation of new words in the Portuguese language and others that have had semantic amplification in the process of import. The research was carried out based on the studies about neology and loanwords realized by Carvalho (2009), Alves (2004) and Correia and Almeida (2012) and checked up if the foreign lexical items used in the program aforementioned consist in dictionaries general languages as well as terminology specific, if they have suffered morphologic change and/or orthographic and if they are considered loanword or xenism. The loanwords collected and subsequently analyzed show that the lexical items import of the English language, although some aren't registered in dictionary form, has contributed for the enlargement of the Portuguese lexical collection, as the television media is a source of propagation of these words, especially in the policy and economy areas.

Keywords: Lexicon. neologism. loanwords.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A JORNADA DA COMUNICAÇÃO HUMANA: DOS PRIMÓRDIOS À TELEVISÃO	17
1.1 A evolução da comunicação humana.....	17
1.1.2 Símbolos e Sinais.....	19
1.1.3 Fala e Linguagem.....	19
1.1.4 Escrita.....	20
1.1.5 Imprensa.....	22
1.1.6 Comunicação de massa e o início da era digital.....	24
1.2 O que é mídia?	27
1.3 Televisão no Brasil.....	28
1.3.1 As primeiras transmissões da TV brasileira.....	29
1.3.2 1960: A popularização da TV brasileira.....	31
1.3.3 1970: A modernização e as mudanças na TV brasileira.....	34
1.3.4 1980: A volta dos programas populares na TV.....	35
1.3.5 1990: Adaptação ao mundo digital.....	37
1.3.6 2000: A TV e as tecnologias digitais.....	40
1.4 A TV por assinatura e o canal a cabo Globo News.....	41
1.5 <i>Manhattan Connection</i>	43
2 A AMPLIAÇÃO LEXICAL POR MEIO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	46
2.1 O léxico.....	46
2.2 O léxico do português.....	46
2.2.1 Origens do português.....	47
2.2.2 A formação do léxico português.....	50
2.2.3 As contribuições linguísticas na formação do léxico do português do Brasil....	54
2.3 A produtividade lexical.....	56
2.4 Neologia e neologismos.....	57

2.5 Classes de palavras.....	61
2.5.1 As classes fechadas.....	62
2.5.2 As classes abertas.....	63
2.6 Significado lexical e significado gramatical.....	64
2.7 Estrangeirismo e empréstimo linguístico.....	65
2.7.1 Nomeação e fases do processo.....	68
2.7.2 Origem dos empréstimos e classificação quanto ao contato linguístico.....	69
2.7.3 Tipos de empréstimos.....	74
2.7.4 Formas de adaptação dos empréstimos.....	77
3 EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS EM <i>MANHATTAN CONNECTION</i>.....	80
3.1 O <i>corpus</i> e análise dos dados coletados.....	81
3.2 Análise dos resultados.....	123
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

INTRODUÇÃO

A televisão é a mídia que apresentou um rápido crescimento, mais do que qualquer outra mídia, até a chegada da internet. Mudanças em termos de tecnologia, organização e conteúdo fizeram da televisão um dos principais meios de comunicação de massa. A primeira transmissão da televisão brasileira foi ao ar em setembro de 1950 (BARBOSA, 2010, p.17) e, ao longo de sua existência, tornou-se uma das opções mais procuradas na busca por informação e entretenimento pela grande maioria da população.

Com a disseminação e ampliação da tecnologia digital, a televisão começou a atravessar um processo de reinvenção, já conhecido de outras mídias anteriores, como o jornal e o rádio. Tecnologias anteriores foram superadas por alternativas digitais avançadas, e, no mundo digital, móvel e multicanal, a televisão passou a ser compreendida como uma combinação de imagens em movimento e sons assistidos em uma variedade de telas.

Os canais a cabo possibilitaram a concentração de programas para segmentos de públicos específicos. O grupo Abril e o grupo Globo foram as primeiras empresas a investir em canais por assinatura. O GNT, que compunha o conjunto de canais a cabo oferecido pela Globosat, foi inaugurado em 1991 e inicialmente oferecia programas de moda, telenovelas e noticiários. Em março de 1993, o programa *Manhattan Connection* estreou no canal GNT com o objetivo de levar informações ao público em meio a debates e conversas descontraídas.

Segundo Diniz

O programa *Manhattan Connection* é um típico programa que atende a um público específico. Exatamente pela qualidade com que escolhe e coloca assuntos (...). Não que o público em geral não possa consumir os ditos “assuntos de qualidade”, mas que principalmente a forma como eles são explorados, exige-se que se conheça a contemporaneidade de forma amplamente crítica, sob uma visão um tanto expansionista, característica essa, atribuída comumente a uma pequena parte da população que consome produtos televisivos (DINIZ, 2011).¹

O programa, idealizado pelos jornalistas Lucas Mendes e Paulo Francis, foi transmitido pela GNT por 17 anos. Em dezembro de 2010, foi transferido para o canal Globo News, alcançando altos índices de audiência. O programa é transmitido diretamente de Nova Iorque, abordando fatos que ocorreram durante a semana na política, na economia, além de apresentar dicas culturais e gastronômicas da cidade. Nesse estilo de programa, em que os acontecimentos geram comentários polêmicos entre os jornalistas, o uso de itens lexicais de origem inglesa permeia essas discussões.

¹ Disponível em: <http://dinizjessica.blogspot.com.br/2011/08/manhattan-connection-conexao.html>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Por apresentar essa particularidade de usar e mostrar a língua inglesa por meio de palavras e expressões carregadas de aspectos culturais dessa língua fonte e inseridas em um contexto real, o programa *Manhattan Connection* desperta o interesse por apresentar um material rico para pesquisas sobre a influência lexical estrangeira no vernáculo do português.

A importação de itens lexicais estrangeiros é um processo linguístico comum a todas as línguas vivas. A formação do português, além de ser o resultado do “desdobramento histórico dos falares românicos” (FARACO, 2016, p. 14), é também o resultado da contribuição lexical dos diferentes povos que invadiram a Península Ibérica ao longo de séculos. Segundo Azeredo (2010), o acervo lexical do português entre o final do século XII e início do século XIII era composto de 80% de vocábulos vindos do latim e cerca de 20% de línguas germânicas, árabes e pré-românicas (AZEREDO, 2010 *apud* MANZOLILLO, 2014, p. 47).

Após sua chegada ao Brasil, a língua portuguesa recebeu contribuições lexicais dos povos indígenas e africanos no período da colonização, e essa contribuição se propagou durante os séculos seguintes com os movimentos migratórios de povos vindos dos continentes europeu e asiático, nas situações fronteiriças entre o Brasil e países vizinhos, e, mais recentemente, com os “contatos à distância, mediatizados por canais artificiais” (CARVALHO, 2009, p. 48), como a televisão e a internet, que ajudam a introduzir no léxico do português uma série de itens especialmente vindos do inglês, que entram na língua designando novos fatos, mecanismos e situações.

No século XXI, o intenso intercâmbio comercial e político entre as nações e o processo de globalização que se verifica em vários setores da sociedade, destacando a área da comunicação, com a popularização da internet e das mídias digitais², têm acentuado a adoção de itens estrangeiros que são amplamente divulgados pela mídia televisiva e adotados pelos falantes. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo geral identificar os anglicismos utilizados no *corpus* e verificar sua inserção na língua portuguesa. Os objetivos secundários, decorrentes do objetivo geral, consistem em analisar os anglicismos elencados a partir dos seguintes aspectos: origem, fase de adoção, forma de derivação, forma de adoção, intenção ou necessidade de uso, área de atuação, tipo de neologia e neologismo e classe de palavras, e verificar a incidência dos anglicismos em dicionários de língua geral e de terminologia.

A hipótese que guiou esta dissertação foi a de que a mídia televisiva exerce uma influência na ampliação do léxico da língua portuguesa, utilizando anglicismos, distribuídos em diversas

² Segundo Parry, são exemplos de mídias digitais a internet, a *World Wide*, a *Web* e o *iPad*. (PARRY, 2012, p. 03).

áreas, tais como a economia, a política, a cultura, a informática, dentre outras. O empréstimo, em sua grande maioria, deriva de uma língua de prestígio e revela-se mais do que uma simples escolha formal. Conforme Reis (2012, p. 105) “ao importar o novo item lexical, importamos também a ideologia da cultura de onde ele se originou. Os novos termos estrangeiros são por nós adotados porque necessitamos deles, embora não dominemos seu processo de produção”.

Os anglicismos foram coletados por meio de transcrição de recortes das falas dos apresentadores do programa *Manhattan Connection* durante o ano de 2016. Os anglicismos coletados foram destacados em itálicos na transcrição, e posteriormente analisados segundo os aspectos supracitados baseados nos pressupostos teóricos de Carvalho (2009) e nos estudos de Alves (2004) e Correia e Almeida (2012).

O problema a ser investigado consiste em como o acervo lexical do português está sendo ampliado pela influência da mídia televisiva, utilizando anglicismos, e como estes estão sendo incorporados na língua.

Para o desenvolvimento da pesquisa, algumas perguntas foram traçadas, com base no *corpus* apresentado e, que foram respondidas no decorrer da pesquisa: 1) Qual a incidência do uso de anglicismos em textos orais divulgados pela mídia? 2) Quais são as palavras que se encontram registradas, seja em dicionários de geral de língua ou de terminologia? Como os anglicismos ainda pouco conhecidos são apresentados pela mídia televisiva, por meio de tradução e/ou explicação? Como os anglicismos dicionarizados encontram-se registrados? Na forma original, em forma de decalque, aportuguesado?

A pesquisa justifica-se por analisar a ampliação do acervo lexical do português pelo uso de anglicismos na mídia televisiva, contemplando na análise aspectos referentes ao processo de empréstimos linguísticos, delimitar os fatores culturais, sociais e políticos que levam ao uso dos anglicismos pela mídia e expor a influência desta na divulgação desses anglicismos e a consequente ampliação do léxico do português do Brasil. Para tanto, a seguir, serão apresentados alguns conceitos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Um dos conceitos relevantes para a pesquisa em questão refere-se ao léxico de uma língua, que consiste em um reservatório de itens renováveis. A todo instante, novas palavras são criadas pelos usuários da língua ou adotadas por outros sistemas linguísticos. O léxico, assim, é um setor privilegiado da língua, conforme aponta Borba (2003, p. 79), pois permite ao falante dispor de sua criatividade nos momentos em que surge a necessidade de (re)criar novos itens até mesmo utilizando itens estrangeiros como base para a formação de novas palavras, como é o caso, por exemplo, de *dogão* (um cachorro-quente tamanho grande).

Essas novas palavras que surgem em uma língua e permitem ao falante nomear os itens lexicais que ainda não tinham designação na língua, são classificadas como neologismos. O neologismo, segundo Correia e Almeida

É uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 23).

A partir dessa definição, podem ser classificadas como neologismos as palavras formadas pelos mecanismos que a língua oferece, os novos sentidos que uma palavra pode adquirir e as palavras adotadas de outras línguas, os estrangeirismos e empréstimos linguísticos.

Um item lexical estrangeiro torna-se comum ao falante da língua, que o adota após um processo gradual que vai desde a adaptação do item aos padrões da língua receptora até a incorporação em dicionários. De modo geral, o estrangeirismo refere-se ao item vindo de outra língua que é utilizado na língua receptora. Já o empréstimo linguístico refere-se ao item que, de alguma maneira, foi integrado e adaptado ao novo ambiente linguístico. Contudo, na prática, essa divisão entre o que é estrangeirismo e o que é empréstimo pode revelar contradições, pois, segundo Manzolillo (2001, p. 19), “variados e subjetivos são os critérios passíveis de utilização no seu estabelecimento.”

Em alguns casos, o item estrangeiro é adotado sem sofrer alteração ortográfica, mesmo com o constante uso do vocábulo. O falante, nessas situações linguísticas, busca manter as características e padrões do elemento estrangeiro mesmo que intencionalmente. Nomes próprios de pessoas e lugares são exemplos do que Carvalho (2009) chama de xenismo, “palavras que permanecem na forma original, apesar da grande frequência de uso” (CARVALHO, 2009, p. 57). Carvalho (2009, p. 57). A autora ainda observa que, se o elemento estrangeiro permanece escrito na sua forma de origem, será sempre sentido como alógeno ao sistema linguístico (CARVALHO, 2009). Nesse sentido, vocábulos como *offshore* e *brunch*, ainda que incorporados a dicionários de língua geral, são reconhecidos como estranhos à língua de acolhimento.

Ao ingressar em uma língua, o item estrangeiro pode encontrar resistência por parte dos falantes. Nessas situações, o falante pode recorrer ao calque ou decalque, que é a tradução literal do termo importado, tal como *audiobook*, que é utilizado no português como *audiolivro*. Esse processo, segundo Alves (2004), é de difícil reconhecimento e pode, em muitos casos, concorrer com a versão original.

Os conceitos supracitados e brevemente definidos serviram de base para o estudo deste trabalho que está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o surgimento da comunicação humana e como esta se desenvolveu ao longo da história até a chegada dos meios de comunicação de massa, que proporcionaram o acesso à informação e ao entretenimento à população comum.

Dentre esses veículos de comunicação de massa, a televisão será abordada em seu aspecto histórico e no que concerne à sua adaptação a um contexto de ampla evolução tecnológica e exigências de um público que cada vez mais procura na TV programações específicas, como a Globo News, canal de TV a cabo que atende as expectativas de um público que busca informações a qualquer hora sobre a atualidade nacional e mundial.

O segundo capítulo refere-se à revisão bibliográfica sobre o léxico e a produtividade lexical que é responsável pela ampliação do acervo de uma língua, o processo neológico e os neologismos resultantes desse processo. Também serão apresentados os conceitos de estrangeirismos e empréstimos linguísticos e as fases que envolvem o processo de adoção de itens estrangeiros.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia para a coleta do *corpus* e a análise de cada anglicismo recolhido, tendo por base os estudos de Carvalho (2009), Correia e Almeida (2012) e Alves (2004). Em seguida, foi feita uma discussão sobre os resultados obtidos com a análise. Finalizando a dissertação, a conclusão apresenta os resultados obtidos confrontando-os com os objetivos formulados e estudos realizados.

O percurso, aqui proposto, proporciona a reflexão sobre a dinamicidade da língua e as diversas influências que ela sofre e que, ao mesmo tempo, são responsáveis pela manutenção e sobrevivência do idioma.

1 A JORNADA DA COMUNICAÇÃO HUMANA: DOS PRIMÓRDIOS À TELEVISÃO

A jornada da comunicação humana apresenta, ao longo da história da humanidade, uma trajetória de constante expansão e transformação dos meios pelos quais o homem utiliza em suas situações comunicativas. No início, o homem primitivo transmitia informações por meio de gestos e sons guturais. Entre trinta e quarenta mil anos atrás, o homem desenvolveu a fala e descobriu novas técnicas para registrar suas descobertas, como as pinturas rupestres, e tempos depois, cerca de 4000 a.C. surgiram inscrições na antiga Mesopotâmia e no Egito que foram consideradas como o primeiro passo para o surgimento da escrita.

Com o surgimento da imprensa, o homem pôde registrar e divulgar informações e conhecimentos e, com a chegada do rádio e do cinema, a comunicação ampliou-se e pôde ser levada a lugares mais distantes. A televisão conseguiu reunir aspectos do rádio e do cinema e tornou-se, a partir da década de 1950, um dos principais veículos de comunicação de massa. Mesmo com os avanços tecnológicos, a televisão conseguiu se adaptar e hoje leva informação e entretenimento a nichos do público que buscam conteúdos específicos.

Acredita-se que a invenção da televisão, reunindo som e imagens em movimento, só foi possível graças às descobertas feitas pelo homem desde a era primitiva, no intuito de facilitar a transmissão de informações e notícias. Sendo assim, far-se-á, a seguir, um breve histórico sobre a trajetória da comunicação humana até a chegada da televisão.

1.1 A evolução da comunicação humana

A evolução da comunicação é um processo que DeFleur e Ball-Rokeach (1993) classificam como de acumulação. Segundo os autores “a história da comunicação humana tem sido de combinação de sistemas de comunicação antes do que de simples passagem de um para o outro” (DEFLEUR;BALL-ROKEACH, 1993, p. 24).

À medida que os seres humanos evoluíram, sua capacidade de se comunicarem também evoluiu. Quanto mais aperfeiçoada ela ficou, tanto mais fácil lhes foi inventar, emprestar soluções de outros, e acumular certa massa de conhecimentos e sabedoria que os ajudou a sobreviver (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p.34).

Parry (2012) também concorda que o surgimento de novos meios de comunicação não corresponde à extinção dos antigos. Na verdade, eles foram se adaptando e assumindo novas funções, sem deixar de existir por completo. Segundo o autor:

Cada nova mídia não vem apenas substituir as anteriores, mas também absorve alguns aspectos destas e modificam-nas. As antigas formas de mídia não desaparecem, evoluem. As novas formas adotam e adaptam as convenções passadas. Cada era disponibiliza meios mais ricos e amplos de comunicação que suas predecessoras (PARRY, 2012, p. 02).

Cada meio de comunicação teve sua época áurea, alcançando o auge em determinado momento histórico sem, contudo, desaparecer por completo. As mídias ou meios de comunicação mais antigos influenciam as suas sucessoras, porém, não são abandonadas e ambas coexistem e interagem entre si.

Para compreender todo esse processo de mudanças significativas dos meios de comunicação, DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 21) apontam a necessidade de “encarar o que ocorreu anteriormente com a humanidade, quando modificações igualmente amplas ocorreram na capacidade de compartilhar significados.”

Segundo os autores, cada etapa da evolução humana, dividida por antropólogos e eruditos em Eras ou Idades, mostra os acelerados avanços dos primeiros humanos no que concerne à confecção de ferramentas utilizando diversos materiais e à criação de tecnologias para a solução de problemas.

Foi com o domínio da capacidade de comunicação que os mais significativos avanços da civilização foram alcançados. Tais avanços ocorreram em eras distintas, e cada uma dessas etapas contribuiu para o desenvolvimento da comunicação humana. DeFleur e Ball-Rokeach (1993) explicam essas sucessivas e distintas etapas por uma teoria da transição. Conforme os autores:

Deve-se ter em mente que esta teoria das transições é uma de acumulação, antes de que um relato de períodos dispostos em série porém distintos. Isto é, nosso ancestrais primitivos aprenderam a usar símbolos e sinais muito cedo, e ainda os usamos muito amplamente. A fala e a linguagem foram-lhes acrescidas. A seguir, a escrita adicionou-se, seguida pelas comunicações impressa e de massa (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 24).

A partir das considerações de DeFleur e Ball-Rokeach (1993) acerca da teoria da transição, uma breve análise será feita de cada etapa da evolução da comunicação

humana desde os primórdios até o surgimento dos veículos de comunicação de massa e da tecnologia digital.

1.1.2 Símbolos e Sinais

A primeira etapa na evolução da capacidade de comunicação humana é designada por DeFleur e Ball-Rokeach (1993) como *A Era dos Símbolos e Sinais*, marcada pela utilização de gestos, sons e sinais padronizados pelas antigas espécies hominídeas. Nesse período, a comunicação era simples, realizada por meio de expressões faciais, movimentos corporais, sinais manuais e diversas posturas que eram entendidas, aprendidas e compartilhadas.

Em princípio, a comunicação nesse período era basicamente como a dos demais mamíferos, baseada em respostas herdadas ou instintivas. Com o desenvolvimento da capacidade mental desses seres pré-humanos, “sistemas de comunicação baseados em símbolos e sinais foram ficando cada vez mais elaborados, convencionados, e, de fato, efetivados” (DEFLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p.23).

Um número limitado de sons que essas primeiras formas humanas eram capazes de produzir não era, contudo, considerado fala e sim “um sistema elementar de grunhidos” (DEFLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p.25). A natureza fisiológica, que se assemelhava, em alguns traços, com a de chimpanzés, macacos e outros primatas, não permitia aos remotos ancestrais a capacidade da fala humana.

No período seguinte, surgem os Cro-Magnon, uma nova forma de *Homo Sapiens* e ocorre o ingresso dos seres humanos na *Era da Fala e da Linguagem*, que será descrita a seguir.

1.1.3 Fala e Linguagem

Há cerca de 50 mil anos, houve um súbito e rápido desenvolvimento da espécie humana. Nesse período, segundo DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p.30), surge o Homem de Cro-Magnon, cuja natureza fisiológica era parecida com a do homem moderno: esses homens apresentavam a estrutura craniana, da língua e da faringe semelhante a nossa e provavelmente estes nossos ancestrais mais imediatos começaram a falar, embora não se sabia ao certo se isso ocorreu.

Indícios arqueológicos no ocidente revelam que esses primeiros humanos faziam ferramentas com sílex e pedra, confeccionavam roupas de couro, desenvolveram a agricultura e passaram a domesticar animais. Além disso, pinturas foram encontradas nas áreas onde o Cro-Magnon viveu. Eram representações de bisões, renas e outros animais que caçavam, pintados em paredes de cavernas na Espanha e no sul da França. Essas pinturas rupestres foram, provavelmente, uma tentativa de armazenar informações e, consideradas por DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 30) como “precursoras da escrita.”

O que muitos antropólogos consideram como “o grande salto” foi a capacidade de realizar trabalhos coletivos; muito provavelmente, essa cooperação social foi possibilitada pelo desenvolvimento da fala. Segundo Parry (2012, p.12), “as primeiras palavras provavelmente eram onomatopaicas. A sonoridade de palavras como ‘tinir’, ‘murmúrio’, ‘ribombo’ e ‘sussurrar’ assemelha-se à dos fenômenos que descrevem”.

Diferentemente da escrita, a linguagem falada não deixou registros históricos que possam desvendar as suas origens. O fato é que, com o desenvolvimento da fala, mudanças significativas ocorreram para a existência humana. Conforme observa Parry (2012, p.12), “tendo ultrapassado o estágio primitivo, a linguagem falada nos permitia relatar e comunicar ideias e conceitos, além de meras descrições”.

A capacidade de utilizar a fala provocou mudanças significativas individual e coletivamente. Uma expressiva mudança foi a possibilidade de transmitir, receber e entender mensagens bem mais complexas e extensas, o que não era possível com o emprego de sinais e ruídos na era antecedente.

Para tornar permanente a sua mensagem, o homem primitivo recorreu aos desenhos. Com o passar dos séculos, a tentativa de representar uma ideia, se não um desejo, por meio de desenhos, deu lugar à utilização de simples letras que representavam sons. Surge assim a escrita, procedimento que permitiu ao homem apreender seu pensamento e fazê-lo ultrapassar o tempo e o espaço.

1.1.4 Escrita

As representações pictóricas foram os primeiros recursos utilizados pelo homem primitivo para armazenar informações. Elas se assemelham a rudimentos da escrita e pode-se dizer que são suas precursoras.

A escrita surgiu há cinco mil anos a.C. na antiga Suméria e no Egito. Nesse período, segundo Janson (2015, p. 63), “as pessoas começaram a produzir figuras que não eram símbolos de criaturas ou coisas, mas símbolos de palavras que podiam ser ordenados em sequência para imitar a estrita sucessão temporal dos sons e palavras da fala.”

A padronização dos significados das imagens foi um passo importante para o surgimento da escrita. A figura de um sol, por exemplo, representava o dia, um arco e flecha, uma caçada, e uma forma humana, um homem. A união desses símbolos formava uma sentença ou até mesmo uma história que, convencionada, podia ser decifrada por outra pessoa. O que motivou, porém, a criação e a padronização de pictografias foi a necessidade de registrar atividades relacionadas à agricultura, desenvolvida em torno dos rios Tigre e Eufrates e ao longo do rio Nilo.

Os sumérios, que viviam no Vale do Tigre e Eufrates,

“inventaram a escrita chamada cuneiforme, ou seja, ‘em forma de cunha’³, e o traço distintivo desse tipo de escrita são os caracteres formados por marcas em forma de cunha (...) sobre tabuinhas de argila” (JANSON, 2015, p.66).

A escrita cuneiforme foi utilizada por três mil anos. Apesar das adaptações que foram realizadas ao longo do tempo, alguns sinais e traços foram preservados. Mesmo com o seu desaparecimento por volta de 1800 a.C., a escrita cuneiforme continuou sendo utilizada pelos escribas da Babilônia, que aprenderam a ler e a escrever em Sumério, junto com sua língua nativa.

Os egípcios criaram um sistema complexo de caracteres simbólicos denominados hieróglifos. O sistema pictográfico egípcio compreendia cerca de 700 imagens que representavam coisas, conceitos ou ideias. Em princípio, os hieróglifos eram talhados em pedras, sendo posteriormente pintados e desenhados em uma espécie de papel fabricado com papiro, considerado uma importante invenção dos egípcios, pois permitia o transporte dos escritos de forma mais leve e fácil. Conforme citam DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 36), “o mais importante, nessa mudança da pedra pesada para veículos leves e portáteis é ter aberto a possibilidade para uma significativa mudança da organização social e cultural de sociedade.”

Para tentar representar um grande número de palavras utilizando uma quantidade menor de símbolos, os fenícios inventaram, há cerca de três mil anos, o alfabeto

³ Segundo Houaiss (2011, p. 250), cunha é uma “peça triangular de metal ou madeira que se introduz numa brecha para rachar, ou calcar, ajustar e/ou nivelar algo”.

fonético. Segundo Parry (2012, p. 18), a escrita fonética “foi inventada pelos Fenícios para resolver o problema de como representar um grande número de palavras com um número reduzido de símbolos. As letras representavam os menores sons que podem ser combinados.” A princípio, usavam-se caracteres para representar sílabas; com o passar do tempo, os caracteres foram usados para representar consoantes e, posteriormente, vogais.

A escrita alfabética se espalhou pelo mundo antigo sofrendo alterações, dependendo das necessidades dos povos que a usavam. Mas, ao chegar à Grécia, o sistema alfabético foi padronizado e simplificado. Em seguida, o alfabeto grego foi passado para os romanos, que adicionaram as letras maiúsculas e minúsculas.

Segundo Parry (2012, p.16), “o alfabeto não passa de um discurso comunicado por meio de imagens desenhadas.” Com o surgimento da escrita, a humanidade pôde registrar a sua história, armazenar informações que ultrapassam o tempo e o espaço e avançar nas ciências e nas artes.

A escrita, no entanto, era dominada por um grupo minoritário que incluía escribas, eruditos, padres e elites políticas. Com a invenção da prensa tipográfica no século XV, o monopólio do conhecimento começou a ser dissolvido e a Era da Impressão disseminou a alfabetização e revolucionou a maneira de desenvolver e preservar a cultura da humanidade.

1.1.5 Imprensa

A criação da prensa tipográfica no século XV trouxe novas formas de comunicação sem, contudo, eliminar as antigas, que foram remodeladas e adaptadas segundo as necessidades de cada época.

Para Briggs e Burke (2006, p.15), “a mídia precisa ser vista como um sistema em contínua mudança, no qual elementos diversos desempenham papéis de maior ou menor destaque.” É o que se verifica com os manuscritos que assumiram um novo formato com o surgimento das publicações, porém continuaram sendo importantes.

Antes da chegada da impressão gráfica, os livros eram produzidos por meio de cópias manuscritas dos já existentes. Esse trabalho era laborioso e suscetível a erros. Ademais, só podiam ser adquiridos por pessoas que possuíam recursos consideráveis. Com o surgimento da impressão gráfica, vários livros puderam ser reproduzidos sem os erros cometidos comumente com as cópias feitas à mão, satisfazendo, assim, a crescente

demanda por material de leitura. O livro, segundo Parry (2012, p.59), “ampliou o alcance dos autores, transmitindo ideias a um público mais amplo e preservando-as ao longo do tempo.”

A ideia de reproduzir uma imagem a partir de um original começou com os chineses por volta de 800 a.C. O primeiro livro do mundo, o Sutra do Diamante, foi impresso “a partir de blocos de madeira entalhada que reproduziam tanto textos quanto as ilustrações” (PARRY, 2012, p.64).

No Ocidente, a impressão gráfica surgiu em Mainz, na Alemanha, com os experimentos do ourives Johannes Gutenberg. Conforme Parry,

Gutenberg usou suas habilidades para o trabalho com o metal para desenvolver tipos móveis de chumbo, combinando-os com uma prensa de uvas adaptada e um novo tipo de tinta a óleo. Em 1450, já produzia pequenos impressos- e, nos anos seguintes, imprimiu pelo menos 180 exemplares de sua obra prima, a Bíblia (PARRY, 2012, p. 63).

No século XVI, a demanda por obras impressas aumentou. Outros impressores surgiram imitando o método de Gutenberg e a publicação dos livros passou a ser feita em várias línguas da Europa. Com o acesso crescente da população às obras, houve um aumento no interesse pelo aprendizado da leitura e, na visão de Parry (2012), o livro tornou-se o primeiro veículo de comunicação de massa da história.

Assim como o livro, o jornal também passou a ser impresso, mas sua origem ocorreu tempos antes do surgimento da imprensa gráfica. A ideia de um noticioso já era praticada pelos romanos, as chamadas *acta diurna*, que eram folhas escritas a mão e fixadas em locais públicos com notícias de interesse da grande população. A publicação de notícias regulares surgiu no norte da Itália. Tratava-se de uma pequena folha com notícias semanais “para manter seus cidadãos informados dos acontecimentos em outras cidades e no restante do mundo, que pudessem ser relevantes para suas atividades comerciais” (PARRY, 2012, p.136). Esse jornal podia ser comprado com uma pequena moeda de ouro chamada gazeta, nome utilizado até hoje para nomear jornais em várias partes do mundo.

O jornal se transformou em um veículo de massa quando pôde ser comercializado por um preço acessível. O chamado “Jornal de tostão” surgiu em meados de 1830, em Nova York, trouxe inovações que revolucionaram as publicações jornalísticas. O tamanho foi reduzido em relação ao comercializado anteriormente, proporcionando a leitura em transportes públicos. As vendas tornaram-se avulsas e

substituindo as assinaturas anuais, e o conteúdo enfatizava acontecimentos locais, descrições sensacionalistas de noticiários chocantes e outros assuntos de interesse da população em geral.

Além do preço baixo, outros aspectos relevantes foram imprescindíveis para que o jornal se tornasse um veículo de comunicação de massa. Segundo Parry (2012, p.141), “a associação entre uma educação melhor, a prensa a vapor, a fabricação de papel barato e o desenvolvimento de bens de consumo” foram fatores que contribuíram para que o jornal se tornasse um sucesso e, em poucos anos, se espalhasse por diversas partes do mundo.

Após a descoberta da escrita, a prensa tipográfica foi a invenção que proporcionou mudanças significativas na sociedade. A mídia impressa representou uma nova forma de comunicação e impulsionou o interesse pelo conhecimento e aprendizado, além de favorecer áreas como o comércio e a política.

Na fase seguinte, surgem o rádio, a televisão e o cinema, veículos que foram criados para levar informação e entretenimento para a população.

1.1.6 Comunicação de massa e o início da era digital

Observando os períodos que marcaram a evolução da comunicação do homem, nota-se que a busca por novas formas de se comunicar é inerente à espécie humana. A cada novo período, o homem, com suas descobertas, derruba barreiras que isolam as pessoas, aproximando-as e trazendo mudanças para a sociedade.

Conforme DeFleur e Ball-Rokeach (1993), o período da comunicação de massa teve início no momento em que o jornal pôde ser adquirido pelo cidadão comum, fato este que se iniciou com os “jornais de tostão”, vendidos por um *penny* (ou tostão) o exemplar avulso na década de 1830, e estendeu-se até o século seguinte com a criação do cinema, do rádio e da TV.

Esses novos veículos de comunicação foram amplamente adotados pela população e “iniciaram a grande transição por nós continuada hoje em dia” (BAHIA, 2009, p.24). Os benefícios que essas novas mídias trouxeram para a sociedade são sentidos no ritmo cada vez mais intenso e rápido da comunicação humana.

O cinema surgiu pela acumulação gradativa de realizações científicas que não visavam ao desenvolvimento de um veículo pelo qual as pessoas pudessem se divertir. Conforme Parry (2012), fotógrafos como o francês Auguste Lumière e o britânico

Leland Stanford, realizaram tentativas no final do século XIX, adaptando materiais como uma máquina de costura, para conferir movimento a imagens estáticas. Stanford, por exemplo, no intuito de analisar um cavalo em pleno galope, fotografou, revelou e montou as fotos em um tambor giratório, que poderiam ser vistas por um orifício pelo qual mostrava o cavalo em movimento.

O princípio de cinema proposto por Standford foi aperfeiçoado surgindo, assim, a câmera mecânica e o projetor de imagens. Surge, então, a indústria cinematográfica tl como a conhecemos hoje. Segundo Parry

O cinema é uma mídia complexa e altamente técnica, nascida da combinação da química do filme fotográfico e da mecânica da criação de ilusões ópticas. Ao longo de um período de 100 anos, o que havia começado como uma novidade de feira científica migrou para o campo das belas-artses (PARRY, 2012, p. 259).

Outro veículo de massa que dominou o contexto midiático na primeira metade do século XX foi o rádio, idealizado a princípio por David Sarnoff, jovem engenheiro que descreveu a possibilidade de os lares possuírem uma “caixinha de música de rádio” que transmitisse músicas, palestras e acontecimentos importantes “mediante uma simples torção dum botão ou pressão em um interruptor” (SARNOFF⁴ *apud* DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p.114).

Em pouco tempo, os aparelhos de rádio tornaram-se objetos indispensáveis nos lares domésticos. Segundo Parry (2012, p.35), “da década de 1920 à de 1950, o rádio dominou o cenário da mídia” e foi o rádio, tempos depois, a base para o surgimento da TV. A estrutura, a programação, a base financeira e a tradição foram herdadas do rádio para a TV, esse novo veículo que, “a partir da década de 1940” (PARRY, 201, p. 278), começou a levar informação e, principalmente entretenimento para os lares domésticos.

A televisão tem suas origens no rádio. A partir deste que, entre as décadas de 1920 e 1950, destacou-se na área da comunicação, a televisão construiu a sua estrutura baseada nos aspectos técnicos, criativos e gerenciais. As primeiras transmissões nos Estados Unidos e no Reino Unido ocorreram na década de 1930 e, rapidamente, a televisão “virou símbolo de posição socioeconômica” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 2009, p. 129).

⁴ Não foi encontrado o ano da citação de David Sarnoff, retirada de Defleur e Ball-Rokeach (2003).

Grandes emissoras – BBC, ITV, ABC, CBS e NBC – começaram a definir a indústria televisiva e a TV iniciou uma fase de expansão, na segunda metade do século XIX, tornando-se popular. Segundo Parry

No começo da década de 1960, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido a televisão estava disponível para quase 80% da população, e havia receptores instalados em mais de 50% das casas. A televisão já era, então, o principal meio de comunicação de massa (PARRY, 2012, p. 282).

Com a chegada da televisão a cabo, em 1980, projetada inicialmente para solucionar problemas com a transmissão em determinados lugares, canais especiais começaram a oferecer programações específicas para públicos específicos, da mesma forma que muitas revistas impressas faziam até então e, puderam ser adquiridos por uma taxa mensal.

A televisão passou por mudanças no decorrer do tempo em termos de conteúdo, organização e tecnologia e, com a difusão da tecnologia digital, iniciou-se um processo de remodelagem e reinvenção, tão conhecidas do rádio e da imprensa.

O período digital, a partir da década de 1970, surgiu com o advento dos computadores e, a partir de então, novos sistemas de mídia surgiram. Segundo DeFleur e Ball-Rokeach

Embora o primeiro computador eletrônico fosse construído em 1946 (baseado na tecnologia da válvula eletrônica), o microchip, que é o componente indispensável dos pequenos porém potentes computadores de hoje, não se achava disponível antes de 1971. [...] O grau com que o ritmo de evolução se acelerou pode ser ainda mais ressaltado ao notarmos que a comercialização em massa de computadores pessoais não começou antes de 1975 (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p.348).

Com a evolução das tecnologias de comunicação, surgiram a internet, “uma rede de redes” e a Web. Conforme Parry

A Web é um aplicativo que se sobrepõe à rede de internet. As palavras ‘web’ e ‘internet’ não são intercambiáveis, embora muita gente as use como se fossem. A internet é uma tecnologia, uma rede de redes. A Web, e-mail, streaming de vídeos e redes sociais são exemplos de aplicativos que dela fazem uso. A internet é apenas o mecanismo mediante o qual computadores individuais conectam-se entre si. A Web possibilita o fácil acesso e manuseio de dados nessas máquinas (PARRY, 201, p. 333).

É importante ressaltar que os diversos períodos pelos quais o homem desenvolveu processos para se comunicar, têm como principal característica a acumulação nas fases de transição. Observa-se que os veículos mais antigos foram

adaptando-se e remodelando-se às necessidades de cada período, ocorrendo, assim, uma combinação de sistemas de comunicação.

Os meios de comunicação de massa elencados e brevemente descritos até aqui são designados por Parry (2012) e Briggs e Burke (2006) por *mídia*. Esse conceito e sua definição serão abordados brevemente a seguir.

1.1 O que é *mídia*?

O termo ‘*mídia*’ foi cunhado na década de 1920, período caracterizado pela expansão “do rádio, do cinema falado e do gramofone no campo até então dominado pela tecnologia da imprensa” (PARRY, 2012, p.4). Relacionando o conceito de *mídia* aos meios de comunicação de massa, Parry (2012) acrescenta que mensagens transmitidas ponto a ponto, do emissor para o receptor, como ligações telefônicas, tornam-se restritas, diferentemente das informações ou ideias transmitidas para um público maior, por meio de mecanismos de ampla difusão como rádio, TV ou jornal.

A partir dessa década, o termo *mídia* começou a ser amplamente utilizado “associada ao conceito de meios de comunicação de massa”, ficando “conhecido como um modelo de meio de comunicação baseado no sistema *um-para-todos*, ou seja, que produz e distribui o mesmo conteúdo para atingir um grande público” (COUTO *et al*, 2008, p.105).

A palavra “*mídia*” foi introduzida no português por meio do inglês. Trata-se de um vocábulo de origem latina *médium*, que significa meio, substantivo singular, e *media*, meios, o plural. Santaella (1992) afirma que a introdução desse vocábulo no português do Brasil trouxe ambiguidades quanto a seu uso, concorrendo entre si as grafias “*media*” e “*mídia*”, ou ainda “*mídias*”. No entanto,

(...) a palavra *mídia* sem s, antecedida do artigo feminino (a *mídia*), fixou-se mais dominantemente e é empregada quer no sentido estrito de jornalismo impresso, quer no sentido de meios noticiosos e informativos em geral, incluindo o rádio e a televisão (SANTAELLA, 1992, p. 8).

Desde o desenvolvimento da fala, que permitiu ao homem comunicar seus pensamentos e fazer do discurso um meio de divulgação de informações e ideias, como faziam os púlpitos da Igreja Católica na Idade Média, a história da humanidade é acompanhada pela criação e pelo constante desenvolvimento das *mídias*. Hoje, as *mídias* fazem parte do cotidiano das pessoas, concretizando, assim, a afirmação de

Marshall McLuhan (MCLUHAN, 1960, *apud* PARRY, 2012, p. 3) que, na década de 1960, classificou os meios de comunicação como extensões do homem.

No contexto brasileiro, a noção de mídia como meio de comunicação de massa, foi introduzida junto com a vinda da Corte Portuguesa, em 1808, trazendo o lançamento do *Correio Braziliense* e a instalação da tipografia da Imprensa Régia, dando início às atividades de impressão no Brasil.

Anos mais tarde, em 1892, com os experimentos do padre gaúcho Roberto Landell de Moura, surgiu mais um veículo de comunicação que permitia levar informação a um sem número de brasileiros: o rádio.

Mas foi em setembro de 1950, que surgiu um veículo de comunicação de massa que passou a ocupar lugar de destaque nos lares brasileiros: a televisão. E, tendo em vista ser esse meio do qual será retirado o *corpus* para esta pesquisa, será feito um breve histórico da televisão no Brasil, desde a sua inauguração até os dias atuais.

1.3. A Televisão no Brasil

Inaugurada nos Estados Unidos e no Reino Unido na década de 1930, a televisão passou por uma fase de avanços tecnológicos associada ao empenho da indústria da comunicação em garantir sua implantação garantindo, assim, a crescente produção de aparelhos, expandido a aquisição pelo público. Essa situação, porém, foi interrompida com o início da Segunda Guerra, sendo retomada, com grande força, com o término desta. Conforme DeFleur e Ball-Rokeach

A guerra interrompeu qualquer novo progresso enquanto durou. De certa forma, esta interrupção do desenvolvimento pode ter explicado o crescimento muito rápido da televisão ao retomar uma economia de tempo de paz (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 2009, p. 129).

A partir da segunda metade do século XX, a televisão passou a ser a mais poderosa mídia de entretenimento e informação. Suas origens baseiam-se nas programações do rádio, porém, mesclando imagem e som, atraiu o público apresentando um rápido crescimento no período posterior ao seu surgimento, mais do que qualquer outra mídia. Desde a sua chegada ao Brasil, a televisão passou por diversas fases e, ao longo das últimas décadas, precisou se adaptar às novas tecnologias, diversificando sua programação para atender a um público específico que busca, na televisão, informações

ou assuntos específicos. Veremos, a seguir, uma breve abordagem de cada fase da televisão no Brasil.

1.3.1 As primeiras transmissões da TV brasileira

Antes mesmo da inauguração da televisão no Brasil, em setembro de 1950, anúncios publicitários da empresa General Eletrics despertavam a imaginação televisual do público ao anunciar, na propaganda, que o desenvolvimento da eletrônica iria possibilitar a “transmissão de imagens em aparelhos domésticos” (BARBOSA, 2010, p.15).

Com o *slogan* “A Eletrônica trará a televisão ao nosso lar”, a General Eletric despertava a atenção do público mostrando a imagem de uma menina apontando para um aparelho televisivo com o formato de uma caixa que exibia um palhaço. Essa imagem era acompanhada de um texto explicando as potencialidades desse novo invento que, em breve, estaria nos lares brasileiros.

Essa propaganda da General Eletrics, exibida em janeiro de 1944, anunciava a chegada da televisão que só ocorreu, de fato, seis anos depois, em setembro de 1950, graças ao empreendedorismo de Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, uma rede multimídia que, no auge, reuniu jornais, emissoras de TV e rádio espalhadas por todo o território brasileiro. Para implantar a televisão no país, Chateaubriand:

Firmou contrato com a RCA, em 1948, para aquisição de equipamentos básicos, enviando também engenheiros da sua companhia para estagiar na rede NBC em Nova York. Depois dos testes iniciais, a TV associada faz a sua transmissão inaugural no dia 18 de setembro de 1950, dirigindo-se a uma audiência de elite. A empresa importou duzentos televisores, distribuindo-os estrategicamente em vários pontos da cidade para motivar a recepção dos programas e conquistar futuros telespectadores (MELO, 2010, p. 28).

As primeiras transmissões da televisão, no saguão dos Diários Associados, relembram o aglomerado de pessoas que se reuniam, em frente aos grandes jornais da época, para ler, em frente aos prédios, as grandes notícias que eram fixadas e passadas ao público em primeira mão. No caso da TV brasileira, Barbosa (2010, p. 17) narra que, na ocasião, homens e mulheres bem vestidos, juntos e em silêncio, “colocam-se de pé diante de uma espécie de móvel-caixa, de onde saem imagens esmaecidas e pouco nítidas.”

Esse primeiro momento da televisão brasileira foi marcado pelo improviso. Os altos custos para a transmissão dos programas, o baixo número de receptores, os constantes problemas técnicos e o alto custo dos aparelhos que impossibilitava a aquisição pela maioria da população foram contratempos que caracterizaram a fase experimental da televisão.

A primeira emissora de TV no Brasil, a TV Tupi de São Paulo, que integrava a Rede multimídia dos Diários Associados, foi a responsável pela primeira transmissão televisiva. No ano seguinte, em janeiro de 1951, o então presidente da República Eurico Gaspar Dutra inaugurou a TV Tupi do Rio de Janeiro, ao ligar o transmissor da emissora, que passou a transmitir seus programas no Canal 6 na Capital da República.

Ainda em 1951, Chateaubriand lança os primeiros receptores da marca Invictus, que passaram a ser produzidas no Brasil como forma de baratear o preço dos aparelhos, que, na época, eram acessíveis somente para pessoas de renda elevada. Possuir um aparelho de TV nesse período era sinônimo de luxo e status social. O incentivo de Chateaubriand, porém, não surtiu grandes efeitos em curto prazo, em um país com grande número de analfabetos e residentes em zona rural. Para reverter esse quadro,

(...) a imprensa dos Diários Associados, através da publicidade em jornais e revistas, motivava a população a comprar aparelhos. Estima-se que, no final de 1950, existiam apenas dois mil televisores em São Paulo – número esse que, um ano depois, aumentaria para sete mil, parte dos quais no Rio de Janeiro (BRANDÃO, 2010, p. 39).

Aos poucos, a televisão começou a ganhar espaço nos lares da população de classe ascendente e, classificada como “um híbrido entre o rádio e o cinema” (BARBOSA, 2010, p. 16), passou a utilizar características dessas mídias na estruturação de programas e nas formas de comunicação com o público. Surge o teleteatro, o principal programa ficcional nos primeiros anos da TV brasileira e de grande prestígio junto ao público. Segundo Brandão

Os anseios de se atingir um programa que trouxesse o prestígio aos canais, somados ao ideal de se fazer algo artístico na televisão, como se fazia no cinema, foram responsáveis pela aproximação do meio eletrônico com o vasto acervo da literatura e da dramaturgia e com técnicas cinematográficas (BRANDÃO, 2010, p. 39).

O teleteatro, “principal gênero dramático da televisão brasileira a que se assistiu nos anos 1950” (BRANDÃO, 2010, p. 37), foi um programa ficcional que exibia

clássicos da literatura mundial em uma programação única, sem ser dividida em capítulos, como são as telenovelas ou minisséries. Além disso, contava com a participação de atores do nosso teatro. Para transmitir as produções na televisão, toda a equipe realizava diversas ações para driblar a escassez de recursos financeiros e a precariedade técnica. Com o surgimento da telenovela diária produzida a baixos custos, e que começava a ganhar popularidade e, ainda dos filmes e seriados americanos na segunda metade da década de 1960, o gênero teleteatro se enfraquece, não só pela concorrência, mas também por ser considerada uma produção cara e de pouco retorno comercial.

O teleteatro, no entanto, não foi extinto. Segundo Flávio Luiz Porto e Silva (2008, *apud*, BRANDÃO, 2010, p. 48), ele foi “absorvido pela novela diária, que, para si, desviou os recursos de produção das emissoras, valendo-se inclusive dos mesmos produtores, autores, artistas e técnicos.”

Além da inserção das telenovelas na programação, os programas de auditório começaram a ganhar destaque em meio a outros programas populares, tais como musicais, esportivos e jornalísticos. “À medida que o veículo tornava-se acessível a todas as classes econômicas, a história do rádio se repetia na televisão” (BRANDÃO, 2010, p. 49).

A implantação das telenovelas na programação da televisão constituiu um dos aspectos que contribuíram para a implantação da TV como meio de comunicação de massa. A expansão das emissoras de TV, a chegada do videoteipe, o aumento do número de aparelhos em todo o país são outros fatores que também contribuíram para uma nova fase televisiva, que teve início na década de 1960.

1.3.2 1960: A popularização da TV brasileira

Na primeira metade do século XX, o veículo de massa que ocupava lugar de destaque nos lares era o rádio. Esse cenário começa a se modificar com mais intensidade a partir da década de 1960, quando a televisão torna-se mais acessível, devido ao aumento da produção do aparelho, que favoreceu a diminuição do preço e, conseqüentemente, a aquisição de aparelhos pelas famílias em diversos estados do Brasil. Até o final da década de 1950, apenas um número reduzido de famílias, que possuía um poder aquisitivo maior e se concentrava em São Paulo e Rio de Janeiro, possuíam um aparelho de TV. Ter uma televisão nesse período significava ter *status*.

Nesse período houve uma ampliação das emissoras de TV. “Em 1964 existiam 34 estações de TV, cobrindo uma parte significativa do território do país” (NAPOLITANO, 2010, p. 85). Os transmissores começaram a abranger maiores espaços e com a chegada do videoteipe, os programas podiam ser gravados, alcançando um número maior de telespectadores. A televisão, assim, começa a se configurar como um veículo de massa.

A programação da televisão modificou-se, adaptando-se à rotina das famílias, com horários definidos para cada programa. A família passou a ser seu público alvo.

Segundo Bergamo

A televisão foi gradativamente perdendo a característica de “lazer noturno familiar” para, ao estender cada vez mais sua programação para o horário vespertino e matutino, firmar-se como instrumento de “lazer” e de “informação” para todos os seus membros, para isso ajustando-se cada vez mais, à rotina de horários de uma casa” (BERGAMO, 2010, p. 64).

A TV Excelsior, do grupo Simonsen, foi a pioneira na elaboração e implantação de uma grade combinando uma programação vertical, com diferentes programas exibidos em um mesmo dia, com uma programação horizontal, que consiste na exibição de um mesmo programa todos os dias e no mesmo horário. Segundo Brandão

Ela implantou uma visão empresarial de emissora: programação obedecendo a horários; criou seu próprio logotipo e slogan – ‘Eu também estou no 9’ -; ofereceu salários mais elevados para compor seu elenco artístico e pessoal técnico, investiu na produção de telenovelas criando departamentos específicos de figurino e cenografia, etc (BRANDÃO, 2010, p. 54).

A dramaturgia de televisão, de adaptações de filmes ou de obras clássicas da literatura, descobre outra fonte de inspiração para suas produções, que se tornam originais e especialmente criadas para essa mídia. Essa fonte de inspiração é o público, sua vida e seus dramas. Essas produções resultaram na formação de profissionais ligados especialmente à televisão e que passaram a criar e desenvolver programas direcionados ao seu público, que era por excelência a família. Assim, a televisão foi aos poucos se dissociando do cinema, do rádio e do teatro e construindo sua grade de programas a partir do seu contexto social e técnico. Conforme cita Bergamo:

Os anos 1960 são, portanto, um período-chave para a história da televisão brasileira, pois é quando ela define rumos para si mesma que implicam rupturas tanto com o teatro ou o cinema (ainda que ele fosse uma fonte permanente de inspiração e imitação (BERGAMO, 2010, p. 81).

A Rede Globo de Televisão entrou no mercado brasileiro no ano de 1965 e, ao lado da TV Excelsior, foi uma alternativa às principais emissoras da época: TV Tupi, TV Record e TV Rio. Criada por Roberto Marinho, a Rede Globo consolidou-se por sua seriedade e pela produção com alto nível de qualidade. Competindo, no início, com emissoras que conquistaram a preferência do público, e apresentando uma programação convencional sem grandes inovações, a TV Globo demorou a despertar a atenção do público e a conquistar uma fatia da disputada audiência.

Melo (2010, p. 98) narra um fato que ajudou a emissora a ganhar a simpatia do público e uma maior audiência. Segundo o autor, após uma inundação no Rio de Janeiro, que deixou ilhada a cidade e também a emissora, a direção resolveu cobrir o fato de uma maneira diferente, “colocando as câmeras na rua para testemunhar a desolação da população desabrigada e ao mesmo tempo, realizando uma campanha de solidariedade às vítimas”.

Direcionando sua programação para o público popular, que na década de 1970 já possuía condições financeiras de adquirir um aparelho de TV, a Globo adotou um modelo mais tradicional investindo na dramaturgia e nos programas de auditório ou de variedades. ‘A Discoteca do Chacrinha’, um programa apresentado por Abelardo Barbosa, o Chacrinha, e o ‘Show da noite’, um programa de entrevistas, apresentado por Glaucio Gil, que contava com a participação do público, foram alguns desses programas.

Em setembro de 1969, a emissora levou ao ar no horário nobre um telejornal entre telenovelas: O Jornal Nacional que, conforme Benevenuto Jr. (2005, p. 229), foi “o principal informativo brasileiro de TV transmitido ‘em cadeia nacional’.” O Jornal Nacional foi lançado com a intenção de competir com o ‘Repórter Esso’, da TV Tupi, e, para se diferenciar dos demais telejornais, adotou um conceito diferente. Conforme Ribeiro e Sacramento, o telejornal da Globo

era produzido para a família brasileira reunida no ambiente doméstico, e usava uma linguagem mais direta e coloquial, [...] caracterizada por uma locução em voz grave e tom sério. Suas manchetes eram, em geral, curtas e rápidas. O texto era lido alternadamente por dois apresentadores de forma ágil e dinâmica (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 115).

Nas décadas seguintes, verificam-se a consolidação e a hegemonia da TV Globo, que atraiu o público e, conseqüentemente, a publicidade. A televisão estabeleceu-se

como veículo de massa, e formatos antigos de programas começaram a disputar a preferência do público. Esse período será abordado a seguir.

1.3.3 1970: A modernização e as mudanças na TV brasileira

Os anos 1970 são marcados pela consolidação da televisão como meio de comunicação de massa bem como da TV Globo no mercado, tanto do ponto de vista estético quanto comercial, e pela mudança dos formatos dos programas; antes produzidos em caráter experimental, nesse período, passam a ter um caráter empresarial moderno. Esta nova forma de produzir programas começou com a TV Excelsior na década seguinte (1980) implantando, segundo Ribeiro e Sacramento

os princípios de horizontalidade e verticalidade na programação (os programas eram exibidos de segunda à sexta em horários fixos) e substituiu as adaptações de obras estrangeiras, comuns à época, por programas com linguagem coloquial e temáticas nacionais (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p.109).

A TV Globo, nesse aspecto, destacou-se por empenhar-se em renovar a programação, pautando-se no planejamento e na supressão de equívocos e imperfeições. Assim, no início, a emissora seguiu um modelo mais tradicional de produção, voltando sua programação para um público mais popular que, no período da sua inauguração começou a ter condições de adquirir um aparelho de TV. É nesse período que a emissora inaugura a transmissão em cores, com a novela ‘O Bem amado’.

A chegada de novas tecnologias da comunicação e o empenho das emissoras em mudar a produção dos programas, devido às pressões do governo militar e de setores conservadores da sociedade que criticavam programas sensacionalistas, muito comuns na época, fizeram com que a televisão vivenciasse uma época que ficou conhecida como “modernidade televisiva” (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010, p.123).

A TV Globo consolidou-se como uma emissora de qualidade com programas que buscavam atingir um público mais elitizado. O Fantástico (1973), símbolo de inovação estética na televisão, que mesclava entretenimento e notícias, e o Globo Repórter (1973), que apresentava documentários com uma linguagem simples, direta e informativa são inaugurados nessa década, a teledramaturgia começou a expor dramas mais realistas, com temas urbanos e com linguagem coloquial. Segundo Ribeiro e Sacramento (2010, p. 124), “esse foi o momento que alguns autores chamam de

‘abrasileiramento’ da telenovela, caracterizado pela nacionalização dos textos, das temáticas e dos procedimentos de linguagem televisiva”.

A estratégia de substituir o modelo tradicional de fazer novelas, que consistia na adaptação de clássicos mundiais, por um modelo que enfatizasse o contexto nacional, reproduzindo fatos do cotidiano e utilizando uma linguagem coloquial, fez com que surgissem produções originais, com poucas adaptações.

As mudanças observadas nos programas de auditório e na teledramaturgia, a inauguração de programas de qualidade no jornalismo, principalmente na TV Globo, e as inovações tecnológicas, como a transmissão em cores, resultaram na modernização da televisão, que passou a adotar um modelo estético que visava à qualidade na programação. Conforme Ribeiro e Sacramento

a modernização dos programas de auditório e de variedades, assim como a do jornalismo e da telenovela nos anos 1970, se insere em um conjunto de transformações da televisão brasileira, em especial da TV Globo. Essas transformações dizem respeito à implantação de um modelo estético específico e também à consolidação da televisão como um empreendimento, um negócio bem-sucedido no campo da produção cultural e do entretenimento (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010, p. 132).

É importante observar que as mudanças pelas quais a televisão passou tiveram forte influência do governo que, no auge da Ditadura Militar, baixou uma medida censurando, principalmente, os programas de auditório, cuja pretensão era levar cultura para a população brasileira. Na década seguinte, com o fim da Ditadura Militar e o recomeço da democracia no país, os programas populares voltam a fazer parte do cenário da televisão. Essa nova fase da TV brasileira será abordada a seguir.

1.3.4 1980: A volta dos programas populares na TV

Nos anos 1980, com a volta da democracia no país, após anos de regime militar, teve início uma nova fase na TV brasileira. Segundo Ribeiro e Sacramento (2010, p.157), “a década do recomeço da democracia no Brasil também foi a de uma nova popularização da televisão. O afrouxamento da censura trouxe de volta os programas populares” em diferentes formatos, tais como jornalismo, humor e de auditório.

Uma das emissoras que mais contribuíram para a volta dos programas populares foi o SBT. Inaugurada em 19 de agosto de 1981, a emissora do apresentador Sílvio Santos nasceu após o fechamento da TV Tupi que, por motivos financeiros e

administrativos, teve a sua concessão cassada pelo então presidente General João Batista Figueiredo: com o seu fechamento, duas novas emissoras foram formadas: o SBT, do Grupo Sílvio Santos, que adquiriu quatro canais, e a TV Manchete, que ficou com 5 canais da extinta emissora.

Em maio de 1980, a TV Tupi saiu ao ar devido à greve de funcionários pelo pagamento de salários atrasados. Com a persistência da crise, o general João Batista Figueiredo, presidente da República, cassou a concessão da emissora junto com a de outros canais. Esse espólio serviu para a formação de duas redes de televisão. Uma com quatro canais, adquirida pela TV Studios Sílvio Santos (TVS) – canal 11, Rio de Janeiro (mas cujos principais escritórios ficavam em São Paulo) -, e outra com cinco, adquirida pelo Grupo Manchete, de Adolfo Bloch (ROXO, 2010, p. 183).

O SBT tinha como projeto resgatar antigos programas excluídos da TV, com o objetivo de “difundir cultura e entretenimento para as camadas populares. Para esse fim, o meio foi reavivar os programas de variedades, shows, humorísticos e outros centrados no jornalismo policial e violência urbana com sucesso no passado” (ROXO, 2010, p.183). Com a retomada de programas ditos ‘popularescos’, como de auditório, de entretenimento e de noticiários sensacionalistas, banidos da TV na década de 1970, a audiência no SBT chegou a atingir pontos altos no Ibope, empatando em alguns momentos com a TV Globo.

Porém, esse alto índice de audiência, com programas populares, apresentou um aspecto negativo: os anúncios publicitários na emissora tornaram-se escassos. As agências publicitárias viam com ‘maus olhos’ a programação do SBT e não achavam conveniente vincular seus produtos à emissora. Além disso, o público era considerado de nível socioeconômico mais baixo, o que também não atraía anúncios de produtos mais caros ou de luxo.

A TV Globo, desde a década de 1970, firmou-se como uma emissora cujos programas eram pautados em um alto padrão de qualidade que atraía um público de classe média em ascensão nesse período. Mas os altos índices do SBT no Ibope fizeram com que a Rede Globo voltasse a produzir programas populares e a recontratar apresentadores dispensados pela emissora na década anterior, como Chacrinha. Contudo, “na Rede Globo, eles não foram chamados de ‘popularescos’ devido a sua fórmula mais *soft*, mais bem produzida, com ‘padrão de qualidade’ (MIRA, 2010, p.169).

Com o desprestígio perante as agências publicitárias, devido aos programas populares, o SBT apostou em uma mudança de imagem, repaginando os programas,

porém, continuou a gravar os programas com a presença do público. Segundo Mira (2010, p.170), “desde o início, o SBT havia adotado a estratégia de gravar sua programação com a presença de auditório e não abriu mão dela após a ‘mudança de imagem’”, o que acabou tornando-se uma marca registrada da emissora.

O “Topa Tudo Por Dinheiro”, “Domingo Legal” e o ‘Programa do Ratinho’ são alguns exemplos de programas de auditório da emissora. Segundo Mira (2010, p.171), “na esfera da cultura de massa, o programa de auditório é o que mais se aproxima da festa popular” e, “de certa forma, a receita dos programas auditório, cujos ingredientes básicos são improvisação e descontração, preparavam o caminho para o que seria a televisão dos anos 1990”.

A chegada e a disseminação do controle remoto trouxeram uma preocupação a mais para as emissoras: manter o espectador atento à programação. Para tanto, os programas tornaram-se mais ágeis e emocionantes, e voltaram a serem feitos ao vivo. Essa mudança na programação das emissoras foi um das características da década de 1990, que será brevemente abordada no próximo item.

1.3.5 1990: Adaptação ao mundo digital

O período de redemocratização do Brasil, iniciado na década de 1980, após o fim da Ditadura Militar, consolidou-se na década seguinte, associado ao início da implantação de políticas neoliberais e à estabilização da economia como resultado do Plano Real de 1994. Esses fatores ajudaram a criar um cenário favorável para o mercado nacional. Além disso, o processo de globalização mundial e as inovações tecnológicas resultaram em transformações na mídia televisiva, que precisou se adaptar ao mundo digital.

A população passou a consumir mais, e os novos produtos vindos do exterior disputaram espaço com marcas nacionais, aquecendo o mercado, o que fez aumentar o número de anunciantes que queriam seus produtos expostos na programação televisiva.

A privatização do sistema Telebrás “estimulou a convergência entre telecomunicações e informática” (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 223) e propiciou a expansão da telefonia celular, da TV por satélite e do setor de telecomunicações.

Com a venda das companhias integrantes da Telecomunicações Brasileira S.A. (Telebrás), ocorreu a propagação de associações e fusões entre empresas com base de telefonia (concessionárias e autorizadas), televisão a cabo e

acesso à internet. O fornecimento de múltiplos serviços comunicacionais por uma mesma empresa, na grande parte das vezes multinacional, tornou-se tecnicamente possível e não tardou a ser ofertado no mercado (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 223).

O processo de globalização fez surgir um novo cenário, em que a informática, a telecomunicação e as novas tecnologias convergiam, e a televisão precisou se adaptar à nova realidade. A TV por assinatura surgiu para atender a um segmento do público que buscava uma programação específica, criando um novo hábito de consumo. Um amplo conteúdo de filmes (Telecine, HBO), séries (Warner, Fox), jornalismo (CNN, Globo News), esporte (Sport TV), documentário ((Discovery), variedades (GNT), dentre outros, já disseminado em várias partes do mundo, chega ao Brasil com opções variadas. Conforme Brittos e Simões,

O ingresso da TV por assinatura no Brasil correspondeu a um período de mudanças na estrutura de negócios da televisão no país, atuando tanto na construção dos padrões tecno-estéticos quanto no próprio modelo de negócios do setor. Trata-se de um serviço que adentrou o meio brasileiro buscando atender a um segmento de mercado desassistido pela televisão aberta e também atuando para gerar novos hábitos de consumo (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 227).

Os canais pagos eram restritos às classes A e B. Para a população em geral, sem suporte financeiro para adquirir o serviço, restava a TV aberta, que popularizou ainda mais sua programação. Em relação à TV aberta, segundo Brittos e Simões (2010, p.232), “além das três principais, Globo, SBT e Record, consolidadas respectivamente na primeira, segunda e terceira colocações de audiência, novas redes foram acrescentadas à concorrência, na década de 1990,” outras emissoras conseguiram se consolidar no mercado.

A própria Rede Record, apesar de fundada em 1953, somente em 1990 conseguiu se estruturar. A Manchete, apesar do aumento na audiência no início da década de 1990, não conseguiu se manter no mercado, perdeu afiliadas para a Bandeirantes, encerrando suas atividades em maio de 1990, sendo adquirida, posteriormente, pelo grupo liderado por Amilcar e Dallevo que, em novembro de 1999, fundou a Rede TV (BRITTOS; SIMÕES, 2010, p. 232-234).

A disputa pelo público fez com que as emissoras apostassem nos programas populares e, nesse período o telejornalismo, em particular, ganha cada vez mais lugar de

destaque na preferência do público. Segundo Murray⁵ (2003 *apud* BECKER, 2010, p. 252), “este crescimento é mundial e no Brasil foi acelerado pela redemocratização do país, pelo Plano Collor e pela Copa do Mundo.”

Surge, nesse período, a figura do âncora no telejornalismo, baseado em um modelo norte-americano. Ao longo dessa década, a TV Globo e o SBT continuaram a investir no jornalismo, assim como a TV Bandeirantes e a TV Manchete. Nessa fase da TV brasileira, as emissoras disputavam os melhores profissionais do mercado, ofertando altos salários, o que resultou em uma hipervalorização da figura do âncora e dos demais jornalistas, e em uma consagração do telejornalismo na grade da TV brasileira. Segundo Becker

nos anos 1990, a briga pelos índices do Ibope, a disputa acirrada entre as emissoras concorrentes realmente influenciou o telejornalismo brasileiro. Não só os noticiários de rede, mas também os telejornais locais (...) foram revalorizados pela ênfase na regionalização na grade da programação (BECKER, 2010, p. 254).

O ‘Linha Direta’, na TV Globo, foi um programa que apostou na inovação e na interatividade. Um híbrido de jornalismo e dramaturgia, o programa apresentava um caso de violência real que era narrado pelo apresentador e intercalado com situações feitas com elementos da dramaturgia. A interatividade com o público, convocando-o a realizar denúncias, foi um ingrediente que se tornou um instrumento narrativo adotado também por outros programas.

O processo de globalização e as novas tecnologias resultaram em mudanças na mídia televisiva no final do século XX. A TV por assinatura, ainda que acessível às classes privilegiadas, inaugurou um segmento da TV que buscava atingir públicos específicos e, em relação à televisão aberta, a interatividade e o investimento no telejornalismo foram fatores que atraíram o interesse do telespectador.

Nas décadas seguintes, novas formas de ver e produzir televisão surgem como resultado do processo de digitalização. Os programas, após o seu término, continuam em *blogs*, *chats*, *twitters* e celulares, apostando, ainda, na interatividade com o público.

⁵ MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 237.

1.3.6 Anos 2000: A TV e as tecnologias digitais

Segundo Fechine e Figueirôa (2010, p.281), as principais transformações que ocorreram na TV aberta e nos demais meios de comunicação a partir de 2000, um período de intensa globalização em diversas áreas como a economia e cultura, foram “de um lado, o desenvolvimento acelerado das tecnologias digitais e de outro, a intensificação dos fluxos midiáticos transnacionais.”

Outro aspecto importante que ocorreu nesse período e que é considerado um marco na história da TV foi a sua digitalização, que propiciou a convergência da TV com a internet, permitindo, além de uma imagem com alta definição, a mobilidade, a portabilidade e interatividade (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010, p. 282).

Nesse contexto, surge o conceito de transmídia, compreendido como “um conjunto de estratégias *cross media* que opera a partir da repercussão, das ressonâncias e da retroalimentação de conteúdo de um meio para outro” (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010, p.284). Os telejornais, por exemplo, desdobram os conteúdos apresentados na TV em seus sites, que oferecem conteúdos complementares, *chats* com especialistas, enquetes, envio de mensagens, participação *on-line*, dentre outros.

As convergências midiáticas entre TV e internet proporcionam a interatividade com o público, estimulando a participação direta do espectador no programa. Até mesmo a telenovela, considerada um dos formatos mais tradicionais da televisão, aderiu às possibilidades de articulação com a web. Sites de telenovelas da Globo fornecem, além de informações sobre os personagens e capítulos da novela, conteúdos relacionados à trama enviada pelos internautas. Segundo Fechine e Figueirôa

Aliada a uma cultura das mídias globalizadas, a convergência dos meios vem tanto provocando transformações nos formatos já existentes quanto favorecendo o surgimento de novas formas expressivas (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010, p. 283).

Um exemplo dessa nova forma expressiva, que surgiu com a convergência da mídia, são os *reality shows*, que se popularizaram na TV brasileira no início do século XXI, e sintetizam essa nova tendência. Programas como Big Brother, um *reality show* que foi sucesso na Holanda em 1999, e, rapidamente vendido, para outros 21 países, e que consiste em um programa no qual algumas pessoas ficam confinadas em uma casa, vigiadas por câmeras espalhadas pelo local (SOUZA, 2015, p. 126), “demonstram

exemplarmente a aposta das emissoras de televisão em formatos globais que comportam adaptações às características culturais e valores sociais de cada país” (FECHINE FIGUEIRÔA, 2010, p. 283).

A digitalização e a convergência entre as mídias alteraram a forma de ver e produzir televisão. A programação televisiva se expandiu para além da tela e se estende na internet, proporcionando uma interação contínua com o público. Essa interação pôde ser notada tanto na TV aberta quanto na TV por assinatura. Esta última, que proporcionou uma mudança na maneira como as pessoas se relaciona com a televisão, será abordada no item a seguir.

1.4 A TV por assinatura e o canal a cabo Globo News

Desde a sua inauguração em setembro 1950, a história da TV acompanha e reflete o progresso da sociedade brasileira que, a cada época, inova e apresenta diferentes formas de se obter informação e entretenimento.

A TV por assinatura surge em um momento de transformação cultural da sociedade, e também do mercado midiático. Com a chegada da internet, acreditou-se que seria o fim da TV e de outros veículos de comunicação. Mas o que ocorreu foi uma transformação e uma adaptação dos antigos veículos de massa. A TV por assinatura trouxe, assim, uma nova forma de buscar informação e entretenimento.

Segundo Possebon (2009, p.15), o início da TV por assinatura ocorreu em 1989, “momento em que, de forma independente, o Brasil ganhou as primeiras operações de TV em que conteúdos até então indisponíveis ao telespectador comum, passam a ser comercializados mediante pagamento de um valor”.

É impossível dizer, com precisão, quando e quem foi o primeiro operador de uma TV a cabo. Diversas tentativas foram realizadas em pontos diferentes do país, mas a experiência realizada em Petrópolis, no fim da década de 1950, é a mais plausível. Como a cidade recebia um sinal fraco da TV aberta, cabos foram distribuídos e os sinais eram captados do alto da serra por antenas comunitárias e levadas às residências em Petrópolis. Segundo Possebon “O serviço tinha um preço e o resultado era a possibilidade de assistir à TV com alguma qualidade de imagem” (POSSEBON, 2009, p.19).

A primeira empresa a entrar no mercado da TV por assinatura foi o grupo Abril, seguida, momentos depois, pela Globo e BS. Anos depois, estatais de telecomunicações

entraram para o mercado de TV paga. Além de oferecer um leque de opções, que incluía desde canais públicos, como a TV Senado e a TV Câmara, canais locais e universitários e os canais segmentados nacionais e estrangeiros, a TV paga trouxe novas tecnologias, que permitiram oferecer ao telespectador serviços como a banda larga e a TV digital.

O Grupo Abril tinha ambições de ocupar um espaço na TV por assinatura, já que, na TV aberta, não obtivera êxito. Segundo Possebon “O modelo que a Abril desenhou era baseado na marca TVA e em conteúdos diferenciados, sobretudo filmes, muitos filmes” (POSSEBON, 2009, p. 19). Já a Globo decidiu “transformar o conceito da distribuição de canais por assinatura, e concebe a estrutura de quatro canais voltados a esportes, filmes, shows e notícias [...] nascia ali o conceito Globosat” (POSSEBON, 2009, p. 39).

A Globosat ingressou no mercado da TV por assinatura oferecendo quatro canais: o GNT, com documentários, o Top Sport, atualmente Sport TV, o Multishow, com programas de variedades, e o Telecine filmes. Para atender a outros segmentos, a Globosat ampliou e diversificou seus canais, incorporando o Canal Universal, o Canal Viva, que exhibe novelas e minisséries que fizeram sucesso na TV, e o Canal Off, com programas sobre esportes e lugares paradisíacos, dentre outros.

Em 1996, ano de nascimento da Globo News, o mercado da TV por assinatura contava com os canais distribuídos pela TVA, do grupo Abril, e pela Globosat, das organizações Globo. O Canal CNN de notícias 24 horas, oferecido pelo Grupo Abril, atendia a um público que buscava informações e notícias, e não havia, na ocasião nenhum canal desse tipo produzido no Brasil. Segundo Paternostro (2006, p.41), a CNN foi o “modelo de referência para a criação da Globo News,” pois, além de ser o primeiro canal de TV a funcionar como agência de notícias, possuía um reconhecimento mundial, principalmente pela cobertura da Guerra do Golfo.

Foi então que Roberto Irineu, presidente das organizações Globo e Carlos Andrade, na época o diretor da Central Globo de Jornalismo, implantaram a Globo News. Na “terça-feira, 15 de outubro de 1996, 8h30 em ponto, a vinheta de abertura do primeiro canal brasileiro de jornalismo, a Globo News, entrava no ar” (PATERNOSTRO, 2006, p. 76).

A programação da Globo News divide-se em telejornais em formato tradicional preenchendo grande parte da programação diária, programas de entrevistas e debates e documentários abordando temas polêmicos e atuais. Dentre esses, está o *Manhattan*

Connection, um programa com formato de revista eletrônica, oferecendo informação e entretenimento com notícias e debates dos assuntos em pauta no Brasil e no mundo.

1.5 Manhattan Connection

Quando o canal a cabo GNT pretendeu incluir em sua programação um programa de reportagens internacionais, o projeto antigo do jornalista Lucas Mendes, juntamente com o também jornalista Paulo Francis, pôde ser concretizado.

A proposta apresentada por Lucas Mendes sugeria

(...) um formato de estúdio. A ideia da conexão surgiu de um projeto antigo que ele tinha com Paulo Francis para um programa de rádio que acabou não dando certo. Com a concretização do Manhattan, os dois amigos consolidaram uma parceria que começou ainda na década de 1970 (ABOS, 2017).⁶

Assim, em março de 1993, o programa Manhattan Connection estreou no Canal GNT com o objetivo de discutir, semanalmente, fatos econômicos, políticos e culturais do Brasil e do mundo. Segundo Lucas Mendes, “o segredo do programa é reunir pessoas com personalidade forte, controvertidas, ideias próprias” (PASCHOAL)⁷

A primeira formação do programa tinha, além de Lucas Mendes, os jornalistas Nelson Motta, Caio Blinder e Paulo Francis, este último famoso pelos comentários ácidos e pelo jeito particular de comentar os acontecimentos. Depois da morte de Paulo Francis em 1997, sua cadeira foi ocupada por Arnaldo Jabor, que permaneceu no programa por seis anos.

Outras mudanças ocorrem tempos depois.

Em 2001, Nelson Motta deixou o programa e foi substituído por Lúcia Guimarães. Em 2003, foi a vez do economista Ricardo Amorim tornar-se integrante do programa. No mesmo ano, mais uma mudança: Jabor deixou a bancada para abrir espaço para um novo polemista ocupar a cadeira que foi de Francis⁸ (ABOS, 2008).

⁶ABOS, Márcia. **Em 15 anos de Manhattan, três polemistas esquentaram os debates, mas ninguém...** Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/lucas-mendes.htm>>. Acesso em: 31 out. 2017.

⁷ Disponível em <<http://www.sandrapaschoal.com.br/lucas-mendes>>. Acesso em: 31 de outubro de 2017.

⁸ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-15-anos-de-manhattan-connection-tres-polemistas-esquentaram-os-debates-mas-ninguem-3624098>>. Acesso em 31 outubro de 2017.

Após a saída de Arnaldo Jabor, Diogo Mainardi passou a integrar a equipe do programa, e, atualmente, participa das gravações em Veneza, na Itália, assim como o economista Ricardo Amorim, que também participa das discussões via internet no Brasil. Em 2009, o apresentador Pedro Andrade passou a dividir a bancada junto com Lucas Mendes e Caio Blinder, apresentando informações locais de cultura e lazer em Nova York.

No canal GNT, o programa *Manhattan Connection* permaneceu durante 17 anos. Após uma reestruturação na programação, o GNT concluiu que o programa *Manhattan Connection* não se encaixava no estilo de programas do canal, que se destinava cada vez mais ao público feminino.

Ao ser transferido para o canal a cabo Globo News em 2011, o programa passou a ser exibido aos domingos, às 23 horas, horário de Brasília. Transmitido diretamente da cidade de Nova York, é comandado por Lucas Mendes, que divide a bancada com Caio Blinder e, algumas vezes, com alguns convidados.

O programa tem, aproximadamente, 45 minutos de duração, dividido em três blocos. No início de cada bloco, Lucas Mendes, com o auxílio de recursos audiovisuais, anuncia as pautas que são seguidas por perguntas do próprio Lucas aos demais apresentadores, iniciando, assim, debates em torno da pauta apresentada. No final de cada bloco, o apresentador Pedro Andrade mostra o lado cultural da cidade de Nova York, indicando restaurantes, bares, lojas de departamentos e exibindo exposições em museus e lugares para lazer na cidade. Todos os dizeres que aparecem nos lugares mostrados nas reportagens de Pedro Andrade não aparecem com legendas nem traduções, o que chamou a atenção pela escolha do programa para a realização da presente pesquisa.

E é nesse contexto que o programa apresenta termos do inglês. Durante os debates e entrevistas com convidados que vão ao programa, os apresentadores mesclam, em suas falas, palavras e termos anglófonos

Por apresentar essa particularidade de usar e mostrar a língua inglesa por meio de palavras e expressões carregadas de aspectos culturais dessa língua fonte e inseridas em um contexto real, o programa *Manhattan Connection* desperta o interesse por apresentar um material rico para pesquisas sobre a influência lexical estrangeira no vernáculo do português.

Além disso, a mídia, especialmente a televisão, mostra-se como um importante veículo de divulgação dos estrangeirismos, nas diversas áreas do conhecimento

humano. A adoção de palavras estrangeiras por um idioma é um processo comum a todas as línguas e, no caso do português, contribui para a ampliação do acervo lexical desde a sua formação nos diversos contatos lingüísticos, tema que será brevemente abordado no próximo capítulo.

2 A AMPLIAÇÃO LEXICAL POR MEIO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E ESTRANGEIRISMOS EM PORTUGUÊS

2.1 O Léxico

Léxico é todo o acervo de vocábulos de um idioma disponíveis aos usuários para a produção de enunciados. Por ser considerada uma classe aberta, o léxico é “uma entidade abstrata que se obtém por acumulação” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 23), ou seja, as palavras criadas e em uso pelos falantes de uma comunidade linguística, somam-se às palavras já existentes no acervo de uma língua.

Os vocábulos em uso na contemporaneidade somam-se aos que estiveram em uso no passado e que, por vezes, ressurgem, e, existem ainda, as palavras vindas de outras línguas. Assim, durante toda a vida, o indivíduo, inevitavelmente, irá escutar, ler ou aprender o significado de uma palavra ou de palavras que até então eram desconhecidas.

Nesse sentido, Villalva e Silveira (2014, p. 23) consideram o léxico como “um saber cumulativo e, também degradável”, porque, mesmo que o falante esteja constantemente exposto a experiências linguísticas durante a existência, possibilitando a aprendizagem de palavras ao longo da vida, há também perdas e esquecimentos de vocábulos devido ao desuso.

Segundo Biderman (1978, p. 139), “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, e as constantes mudanças que ocorrem no léxico são fruto de transformações sociais e culturais pelas quais a sociedade passa. Na perpetuação e reelaboração do léxico, é o indivíduo que exerce o papel de sujeito-agente, criando e conservando os vocábulos de uma língua. O léxico do português é fruto de diversas mudanças sociopolíticas e também de contatos lingüísticos. A seguir, será apresentado um breve histórico da formação da língua portuguesa.

2.2 O léxico do português

O léxico do português brasileiro é o resultado de um longo processo no qual muitas palavras foram incorporadas por meio de empréstimos, outras foram criadas, enquanto outras, ainda, ganharam novos significados e funções. Também há aquelas

mais antigas, que deixaram de ser usadas. Segundo Ilari e Basso (2012, p. 14), “a origem latina explica muitas características do português [...], além disso, voltar à língua anterior aos descobrimentos é a única maneira de aquilatar até que ponto o português se enriqueceu.” Para compreender esse processo que resultou em um acervo lexical heterogêneo, com contribuições de diversas línguas, faz-se necessário recuperar a origem do português, a começar pelo seu antepassado imediato, o latim.

2.2.1 A origem do português

As diferenças entre um texto falado e um texto escrito eram muito mais acentuadas na Antiguidade. Escritores gregos do século V a.C. não admitiam o uso da língua falada nos textos de comédias populares. A tendência era evitar a fala cotidiana, afastando-se desta o mais possível. Esse estilo literário, distante da linguagem corrente foi adotado pelos escritores latinos, estabelecendo-se como uma modalidade da língua.

Aproximadamente de 100 a.C até 100 d.C., o latim literário viveu seu momento de apogeu. Utilizado como instrumento literário, conservou sua forma observada pelo “apuro no vocabulário, pela correção gramatical e pela elegância no estilo” (COUTINHO, 1976, p.29). Com as produções de poetas como Virgílio e Horácio e prosadores como Cícero e Cesar, o latim literário serviu de base para a formação de gêneros literários e de uma língua literária que “tem servido de modelo para escritores ocidentais há dois mil anos” (JANSON, 2015, p.107).

O latim literário era uma língua homogênea, utilizada por autores romanos que pertenciam às classes mais elevadas da sociedade e que, além de saberem ler e escrever muito bem, sabiam pronunciar discursos persuasivos para uma platéia numerosa, daí a educação romana ser baseada na retórica.

Mas foi o latim vulgar, falado nas ruas e no comércio por pessoas simples e sem preocupações literárias ou artísticas, que serviu de base para as línguas românicas. Esse termo “latim vulgar”, atribuído pelos eruditos da época, diferencia o latim literário, rígido, artificial e indiferente ao uso coloquial, do latim utilizado pelo povo. Segundo Auerbach (2005, p.73), designava “a linguagem do povo, por oposição à linguagem literária, como língua ‘rústica’ ou ‘vulgar’ (língua latina rustica, vulgaris); e, de igual maneira, utilizou-se o termo, durante longo tempo, para designar as próprias línguas românicas.”

O latim vulgar não era algo fixo e estável. De acordo com Coutinho (1976, p.30), “encerrava ele não poucos arcaísmos, banidos da língua literária, a par de um grande número de inovações ou empréstimos, que se refletiam principalmente no vocabulário.” Era o principal instrumento de comunicação diária e, em cada região para onde o latim vulgar foi levado, havia diferenças locais. Isso porque o latim era uma língua de substrato, superposta à língua das regiões conquistadas. Conforme cita Auerbach

a língua de substrato, com cessar pouco a pouco de ser falada, deixara um resíduo de hábitos articulatórios, de processos morfológicos e sintáticos que os novos romanizados faziam entrar na língua latina que falavam; conservavam, outrossim, algumas palavras de sua antiga língua, fosse porque estivessem profundamente enraizadas, fosse porque não existisse equivalente em latim (AUERBACH, 2015, p.74-75).

Nas províncias fora de Roma, o latim se propagou e a sua imposição nas regiões conquistadas pelos romanos deu-se de forma lenta e gradual. O simples fato de ser dominado politicamente pelos romanos não fez com que a população adotasse de imediato o latim. A adoção ocorreu com a vinda de comerciantes, coletores de impostos, juízes, soldados e muitos outros. E, para fazer parte dessa sociedade em formação, era necessário aprender o latim. Segundo Janson

aqueles que desejassem progredir na sociedade ou, simplesmente, salvaguardar sua posição, tinham de aprender latim. Isso era necessário para quase todas as carreiras, e o domínio da língua acarretava diversas vantagens. [...] A língua do exército era sempre o latim, de modo que os que escolhiam essa profissão tinham de conhecê-la. [...] Quanto à educação formal, as escolas usavam exclusivamente o latim (e o grego em níveis avançados). (JANSON, 2015, p.109)

Na zona urbana, o latim foi adotado mais rapidamente em relação à zona rural que conservou a sua língua original por mais tempo. Um dos aspectos que motivaram a adoção do latim até mesmo pelos grupos mais resistentes foi a aceitação do cristianismo. A igreja usava maciçamente o latim e exigia participação e devoção dos cristãos. Além disso, o evangelho e textos cristãos passaram a ser traduzidos do grego para o latim.

A adoção do latim como primeira língua por muitos povos deu-se devido a aspectos econômicos, políticos e sociais. Conforme Janson

No primeiro estágio, as famílias se tornaram bilíngües e, na geração seguinte, as crianças já aprendiam uma língua nova em vez de aprender primeiro a língua original. Mais tarde ainda, as pessoas paravam totalmente de aprender a língua original (JANSON, 2015, p.111).

Esse processo, no entanto, não ocorreu de forma rápida: “A formação de uma língua com todas as suas palavras e sons, é um processo que leva anos” (JANSON, 2015, p. 111). Junto às ações linguísticas, toda a cultura de um povo se enraíza na língua adotada. Por isso é que quando uma língua é extinta, toda uma cultura se perde junto com ela.

No século V, os povos germanos invadiram o Império Romano e conquistaram uma parte do império que começou a ruir. Esse fato, contudo, não provocou mudanças linguísticas. As pessoas continuaram a utilizar o latim nas comunicações diárias e nas transações comerciais e políticas. Essa situação pode ser explicada pelo fato de que os germanos não possuíam “formas escritas de sua língua que pudessem substituir o latim em contextos legais e econômicos” (JANSON, 2015, p. 113).

Apesar de o latim ter continuado como língua oficial, outras mudanças ocorreram que ajudaram a modificar esse quadro. Com o Império Romano dissolvido em várias partes, formando pequenos reinos isolados, a comunicação e o comércio foram aos poucos interrompidos e, além disso, muitas escolas foram fechadas e a educação ficou reservada quase exclusivamente aos mosteiros e às igrejas.

Com os contatos externos reduzidos e sem a influência do poder central de Roma, cada região ficou entregue a si mesma e esse cenário resultou em consequências para a língua. Segundo Janson

as formas de falar em diferentes partes do que tinha sido o Império Romano divergiram rapidamente. Cada região formou seus próprios hábitos de fala. O latim não tinha apresentado quase nenhuma variação enquanto o império durou, mas dentro de poucos séculos depois de seu desmoronamento, a língua imperial homogênea se transformou numa miríade de dialetos regionais e locais. As mudanças linguísticas não tiveram mais freio (JANSON, 2015, pp.113-114).

Foi assim que, aos poucos, os falares locais, derivados do latim vulgar, transformaram-se nas línguas românicas: o romeno, o italiano, o sardo, o reto-românico, o occitano, o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português. Essa fragmentação do latim vulgar contrasta com a uniformidade do latim literário que continuou a ser usado especialmente na escrita. O latim literário tinha fins estéticos e se diferenciava do

latim vulgar tanto na estrutura gramatical quanto no léxico, e a modalidade do latim que estudamos hoje é o latim literário.

O que denominamos hoje de língua portuguesa é o resultado do “desdobramento histórico de falares românicos que se desenvolveram, nos séculos posteriores à dissolução do Império Romano do ocidente, no noroeste da Península Ibérica” (FARACO, 2016, p.14). E o português, tal como falamos hoje, passou por variações devido a aspectos sociais, culturais e influência de outras línguas. A seguir, será apresentado um breve histórico da formação do léxico da língua portuguesa.

2.2.2 A formação do léxico português

A diversidade de palavras que compõe o léxico do português antes de sua chegada ao Brasil é resultado de diversas circunstâncias e acontecimentos relacionados à história geral da Península Ibérica.

O latim vulgar levado pelos romanos a partir de 218 a.C. na parte Ocidental da Península deu origem à língua portuguesa, assim como às demais línguas românicas. Antes, porém, da chegada dos romanos, outros povos habitaram a Península Ibérica. Segundo Coutinho

é bastante confusa a história da Península antes da conquista romana. As investigações feitas através da arqueologia, etnologia e lingüística levam-nos a concluir que dois povos primitivamente habitaram o solo peninsular: um *cântaro-pirenaico* e o outro *mediterrâneo*. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o *basco* e o *ibero*. Coube a este último papel mais importante na história da Península. É de seu nome que os historiadores gregos chamaram à região Ibéria (COUTINHO, 1976, p. 46).

De origem ibérica, as palavras que se acham incorporadas ao português vieram, segundo Coutinho (1976, p.189), em sua maior parte, do basco e dentre eles estão: *baía, cama, garra, lousa, sapo, sarna*.

A região sul de Portugal e da baixa Andaluzia foi palco de disputas entre gregos e fenícios pelas riquezas minerais da região. Os gregos foram derrotados e os fenícios fixaram-se na região, na costa meridional da Península, em 1100 a.C., onde fundaram algumas colônias. Porém, os fenícios viviam da navegação e do comércio e, “quando o seu poderio marítimo se enfraqueceu, as colônias entregues à própria sorte não puderam manter a sua independência e desapareceram” (COUTINHO, 1976, p.47). A

contribuição lexical dos fenícios ao português é bem pequena, restando alguns topônimos e palavras como *mapa, mata, malha e saco*.

Tempos depois (século III a.C.), os celtas invadiram a Península ocupando o território que hoje corresponde a Portugal. A ocupação não ocorreu de forma pacífica, hajam vista as fortalezas erguidas ao redor das cidades pelos iberos. A coabitação dos celtas com os iberos resultou, conforme Coutinho (1976, p.48), em um “grupo importante de povos conhecidos pelos antigos como celtiberos.” Dentre as palavras de origem céltica incorporadas ao português, estão *bico, cabana, Camisa, carro, cerveja, gato, gordo e touca*, além de topônimos tais como *Coimbra, Bragança, Lima e Madrid*.

A ocupação romana iniciou-se no século III a.C. e, após anos de disputa e guerras púnicas, a Península Ibérica foi anexada como província do Império romano em 197 a.C. Após esse período bélico, iniciou-se uma época de paz sob o reinado de Augusto. Nessa fase, teve início o processo de romanização, que “começou pelas cidades ou centros mais povoados, passando depois às aldeias e finalmente aos campos.” (COUTINHO, 1976, p.48).

Esse processo, contudo, enfrentou resistência dos habitantes da península. O povo basco, por exemplo, não aceitou o latim e continuou a utilizar o próprio idioma. Aos poucos, os povos foram assimilando finalmente a língua e os costumes dos vencedores pela imposição das circunstâncias. O latim era o idioma utilizado nas transações comerciais, nas repartições e na escola. Além disso, outros fatores ajudaram no processo de romanização dos habitantes da península, tais como

o recrutamento militar dos jovens provincianos que, depois de prestado o serviço ao exército, volviam ao seio da família; o excelente sistema rodoviário romano, que permitia fácil intercâmbio com a metrópole; o direito de cidadania concedido às urbes hispânicas pelos imperadores, por último, o cristianismo pregado pelos padres num latim muito acessível (COUTINHO, 1976, p.49).

A modalidade do latim levada à população foi o latim vulgar, ficando o latim clássico restrito ao estudo nas escolas e tempos depois, aos mosteiros e conventos. No século V, a Península foi invadida pelos bárbaros, povos de origem germânica, rudes e bélicos. A influência germânica no português revela-se em “vocábulos referentes aos seus usos e costumes, na maioria designativos de armas, vestes, insígnias guerreiras” (COUTINHO, 1976, p.52). Dentre eles, estão *agasalho, banco, espeto, estaca, grupo, guerra, roupa, sopa*, além de contribuições na antroponímia (*Adolfo, Afonso, Frederico, Elvira, Rodrigo*) e na toponímia (*Gouveia, Resende*).

Tempos depois, no século VIII, os árabes invadiram a península e, por um longo período, dominaram o território. A civilização árabe era notadamente superior à da Península. “Os califas protegiam as artes e as letras. A ciência estava muito difundida entre eles. A medicina, a filosofia, a matemática, a história, contavam com grandes cultores” (COUTINHO, 1976, p. 52). A contribuição linguística árabe ao português verifica-se em vocábulos que designam plantas e flores (*algodão, alecrim, alface*), enfermidades (*enxaqueca*), alimentos e bebidas (*álcool, almôndega*), dentre outros.

Apesar da diferença de costumes, língua e religião, muitos habitantes da península adotaram os costumes e a língua árabe, surgindo assim os moçárabes. Segundo Ilari e Basso (2012, p.18), “o adjetivo *moçárabe* aplicava-se aos cristãos que viveram em territórios dominados pelos árabes [...]. De acordo com sua etimologia [...], essa palavra significa arabizado, ‘tornando árabe’, que se parece com o árabe.”

Uma parte da população cristã, porém, não queria submeter-se ao domínio árabe iniciando, assim, a luta pela reconquista do território dominado pelos árabes, e, para combatê-los e libertar o território ibérico, os cristãos organizaram as cruzadas. Segundo Coutinho

graças à eficiência dessas cruzadas é que se construíram os reinos de Leão, Castela e Aragão e entre os fidalgos que foram à península ajudar a combater os árabes, deve-se ressaltar a pessoa de D. Henrique, conde de Borgonha. Tão assinalados serviços prestou à causa da coroa e da religião neste particular, que D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, em sinal de gratidão, lhe deu em casamento sua filha natural D. Tareja e, lhe fez outorga do Condado Portucalense, território desmembrado da Galiza [...]. A nacionalidade portuguesa, porém, só começa com D. Afonso Henriques, filho do precedente, que, depois da batalha de Ourique (1139), sacudiu a suserania de Castela e se fez proclamar rei de Portugal, em 1143 (COUTINHO, 1976, p. 54).

Com a independência de Portugal, o português tornou-se o idioma oficial, diferenciando-se aos poucos do galego, dialeto falado juntamente com o português. A partir de então, o português foi utilizado em poesias e em traduções de obras latinas, alcançando o auge no século XVI, com o surgimento de conceitos escritos e da gramática normativa da língua.

As diversas mudanças pelas quais passou o português, tanto no aspecto estrutural, com alterações na fonologia, na morfologia e na sintaxe, quanto no aspecto social fez com que estudiosos como Leite de Vasconcelos (1970 *apud*, ILARI; BASSO, 2012, p.21), dentre outros, dividissem essas mudanças em fases, cada qual iniciando com obras clássicas literárias. Essa periodização do português, contudo, não apresenta uma padronização em relação ao período de tempo para cada fase, mas os estudiosos

concordam que a história do português pode ser dividida em período histórico, tendo como marco inicial as *Cantigas dos Trovadores*, e em período clássico, iniciando com *Lusíadas* de Camões.

No período arcaico, a expressão literária mais representativa foi a lírica trovadoresca. A língua utilizada pelos poetas trovadores era o galego-português e, apesar do grande prestígio que essa variedade de língua alcançou nessa fase, os documentos oficiais ainda eram redigidos em latim literário e apresentavam “interferências cada vez maiores dos falares vernáculos” (ILARI; BASSO, 2012, p.22). Com a independência de Portugal, o português tornou-se o idioma oficial, diferenciando-se aos poucos do galego. No início do século XIII, documentos oficiais começaram a ser redigidos em português.

O período clássico da língua portuguesa é caracterizado pela publicação de *Os Lusíadas*, de Camões, e pelas grandes navegações seguidas dos descobrimentos que proporcionaram o início de um ciclo comercial sob a liderança de Portugal. Nessa fase, algumas construções do período arcaico desapareceram e ocorreram modificações no léxico, como, por exemplo, a conjunção *porém* que “deixa de ser usada com o sentido explicativos de por isso e fixa-se definitivamente como adversativa” (ILARI; BASSO, 2012, p.29).

Além disso, o século XVI, época comumente chamada de Renascença, “foi marcado pela assimilação de gêneros [...], pela recuperação de modelos latinos [...], mas foi também um período da forte preocupação com a língua portuguesa” (ILARI; BASSO, 2012, p.30).

Os escritores e intelectuais renascentistas, escrevendo em português, fixaram algumas formas e construções numa tendência à regularização da língua e enriqueceram o léxico do português buscando, no latim clássico e no grego, vocábulos para nomear ações ou situações. Assim, palavras como *trêmulo* e *flutuar* foram incorporadas ao português. Essa ação de recorrer ao latim clássico em busca de vocábulos, fez do latim um adstrato permanente que, segundo Ilari e Basso

explica um fato que se observa com certa frequência no léxico do português: a existência, lado a lado, de palavras que nasceram da evolução vernácula do latim vulgar e de palavras criadas por imitação da mesma palavra latina, mas partindo de sua forma literária. É o caso de *olhos* e *óculos*, derivados ambos do latim *óculos* (ILARI; BASSO, 2012, p.30).

As conquistas ultramarinas levaram a língua portuguesa a algumas regiões submetidas à Coroa Portuguesa. Nas terras conquistadas, o quadro que se desenvolveu foi muito diversificado. No processo de ocupação e colonização das terras conquistadas, houve “um verdadeiro mosaico de línguas e dialetos” (ILARI; BASSO, 2012, p.38), ocasionando situações de bilinguismo, multilinguismo e criouliização. E essa diversificação de línguas e dialetos foi a responsável pelo rico acervo lexical do português do Brasil, que será abordado brevemente no próximo item.

2.2.3 As contribuições lingüísticas na formação do léxico do português do Brasil

Durante o processo de implantação do português no Brasil, ocorreram situações de multilinguismo. Conforme citam Ilari e Basso:

A situação lingüística do Brasil foi supercomplexa, pela presença de línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos africanos (a partir de 1532) e, depois das línguas européias e asiáticas faladas pelos imigrantes (ILARI; BASSO, 2012, p. 60).

Durante o período do Brasil-Colônia, o português conviveu com línguas indígenas de troncos-lingüísticos distintos entre si. E, no decorrer de cinco séculos de convivência, a contribuição lexical das línguas indígenas foi significativa, especialmente na toponímia (*Guanandi*) e em termos geográficos (*caatinga*, *Tietê*). A contribuição indígena também se verifica na alimentação (*guaraná*, *guariroba*, *tapioca*, *jabuticaba*), na cultura social e em materiais (*guri*, *taperá*), na flora (*buriti*, *bocaiúva*, *tarumã*) e na fauna (*jibóia*, *tatu*, *tamanduá*, *jacaré*).

O tráfico de escravos africanos iniciou-se simultaneamente à colonização do Brasil e, entre os séculos XVI e XIX, foi uma atividade comercial muito rentável. A influência das línguas africanas no português brasileiro produziu alterações no léxico, principalmente com termos relativos à culinária (*angu*, *vatapá*, *tutu*), objetos (*bengala*, *cachimbo*), dentre outros.

No início do século XX, o processo migratório de europeus e asiáticos vindos especialmente da Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, Arábia, Turquia e Japão deram continuidade à situação de multilinguismo no Brasil. Muitos desses imigrantes

chegaram para trabalhar em lavouras, principalmente de café, e, do contato cultural e social com esses povos, o léxico do português foi enriquecido com o acréscimo de palavras.

Segundo Petter (2011, p.266), “o léxico testemunha a história da língua e registra, portanto, os possíveis contatos lingüísticos e culturais de seus falantes.” É nesse aspecto, com a influência das línguas indígenas, africana e dos imigrantes, que a língua portuguesa do Brasil se diferencia do português de Portugal.

Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil em 1808, iniciou-se um processo de urbanização com a construção de linhas ferroviárias a cargo de companhias inglesas e a implantação de iluminação e bondes sob a responsabilidade de canadenses. A vinda dessa tecnologia proporcionou a adoção de novos itens ao acervo lexical do português. Segundo Ilari e Basso

no século XIX, o Brasil foi um grande importador de tecnologia inglesa: para dar apenas um exemplo, a construção das linhas ferroviárias ficou a cargo de companhias chamadas São Paulo Railway [...] ou Great Western of Brazil Railway, [...], a iluminação e a tração dos bondes de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro foram implantadas por companhias como a canadense Light Power (ILARI; BASSO, 2012, p. 140).

A partir do século XX, surge uma nova forma de contato linguístico: aquele feito à distância, por meio de veículos artificiais (CARVALHO, 2009). No início do século, percebe-se uma forte influência do francês e atualmente é o inglês que mais tem contribuído ao léxico do português com vocábulos das mais diversas áreas do conhecimento, especialmente na tecnologia e informática.

Para Rodolfo Ilari e Renato Basso, o acervo lexical da língua portuguesa pode ser dividido em:

quatro grandes conjuntos de palavras ou expressões: a) as que remontam ao latim vulgar, como resultado de seu desenvolvimento fonético; b) os empréstimos recebidos das línguas com que o português teve contato; c) palavras eruditas, tiradas diretamente do latim e do grego clássicos; d) criações vernáculas, isto é, palavras criadas no interior da própria língua com base em palavras preexistentes (ILARI e BASSO, 2012, p. 134).

O léxico português é o resultado de um longo processo nos quais muitas palavras deixaram de ser usadas e várias outras surgiram por meio de instrumentos que o próprio idioma oferece ou por meio de empréstimos linguísticos. Essa produtividade, tão

comum no léxico de um idioma utilizado por uma comunidade linguística, será abordado no próximo item.

2.3 Produtividade

Em nosso cérebro, está arquivada uma lista de palavras que podem ser acionadas na construção de enunciados para fins comunicativos. Segundo Basílio (2014, p. 9), “o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção de enunciados.”

O léxico, porém, não é um conjunto fechado de palavras. Constantemente, novos vocábulos são formados a partir de instrumentos disponíveis na língua ou por meio de empréstimos linguísticos.

A criação ou a inclusão de novos elementos de designação surgem com a necessidade de nomear novos objetos ou situações. O léxico, portanto, é um sistema dinâmico e aberto, pronto para receber novos itens, sejam eles produzidos por meio dos processos de formação de palavras ou pela incorporação de itens lexicais estrangeiros.

A ampliação lexical por meio da criação de palavras “é efetuada pelos processos de formação de palavras, que são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico” (BASÍLIO, 2014, p. 30).

É por meio desses padrões que novos itens lexicais podem ser formados, inclusive com elementos estrangeiros, como em *blogueiro* e *dogão*, formados a partir de *blog* e *dog*. Essa eficiência do sistema linguístico em produzir novas unidades só é possível porque “fragmentos de material em novas construções” são utilizados (BASÍLIO, 2014, p.11).

Basílio (2010, pp.201-202), em estudos sobre novas construções vocabulares, observa que “seu uso se concentra na língua falada coloquial” e “resultam do uso criativo de um esquema produtivo.” No processo de formação de novos itens lexicais, os conceitos de produtividade e criatividade são divergentes. Segundo a autora, “a produtividade é um conceito relacionado à representação do conhecimento morfológico por regras; [...] a noção aponta para a possibilidade ilimitada de novas formações definidas por regras de formação” (BASÍLIO, 2010, p.206).

A produtividade é um processo contínuo de formação de palavras novas determinadas por Regras de Formação de Palavras (RFP), conforme cita Rosa (2015). E

para dar conta dessas regras produtivas são necessárias as palavras potenciais, pertencentes às classes “que, sincronicamente, podem admitir novos membros e apresentam significado lexical” (ROSA, 2015, pp. 88-89).

Já a questão da criatividade é “uma noção complexa”. Conforme Basílio, “é muito difícil determinar critérios para avaliar a criatividade, já que a própria essência da criatividade está diretamente comprometida com a imprevisibilidade” (BASÍLIO, 2010, p.208). Dada a impossibilidade de uma definição, a autora adota em seus estudos, a visão de Veale (2006 *apud* BASÍLIO, 2010, p.208), que cita “a criatividade linguística tem o poder de mudar o modo como vemos e representamos o mundo”.

A criatividade lexical, conforme Alves (2004), é um direito de todo falante da língua. Ela reflete o processo e o aprimoramento da sociedade. A evolução em diversos campos do saber, observada nas últimas décadas, proporcionou um aumento de unidades lexicais vindas de sistemas linguísticos alógenos ou produzidos a partir de elementos da própria língua. Segundo Manzóllilo (2001, p.12), “o desenvolvimento da tecnologia, da ciência e das artes, alterações nos costumes e nos relacionamentos [...] se traduz em novos objetos, processos, instituições, métodos e técnicas, que precisam ser nomeados.”

Os processos produtivos de formação de palavras, incorporadas à língua, são classificados de neologismos, que revelam, em muitos casos, as transformações socioculturais pelas quais passa a sociedade.

2.4 Neologia e neologismo

O termo neologia refere-se, de um modo geral, ao processo de criação de novas palavras. Segundo Correia e Almeida (2012, p. 17), além de traduzir “a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos”, a neologia “é entendida, ainda como o estudo (observação, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua”.

Observando a história da língua portuguesa, pode-se constatar que a ampliação lexical do português é o resultado dos processos de composição e derivação, ambos utilizando mecanismos da própria língua, e pela adoção de unidades lexicais de outros sistemas linguísticos. Borba (2003, p. 120) acrescenta ainda que, além de incorporar novos itens no léxico geral, o processo neológico também é responsável pela

“recontextualização de palavras em circulação e conseqüente aparecimento de nova acepção.”

Correia e Almeida (2012) dividem o processo neológico em três tipos: neologia denominativa, neologia estilística e neologia de língua. A neologia denominativa é o processo de nomear novos seres, processos, objetos e situações que surgem conforme a necessidade do falante. As palavras que resultam do processo de neologismo denominativo são consideradas estáveis e sua entrada no sistema linguístico e, conseqüentemente, nos dicionários torna-se mais provável, sendo assim, esse processo é o principal responsável pela ampliação lexical de um idioma. A inserção das palavras resultantes do neologismo denominativo é mais rápida com os itens pertencentes às linguagens de especialidade. Essas palavras, denominadas neônimos, costumam entrar diretamente em dicionários específicos, incluindo diversos itens estrangeiros, principalmente, hoje, nas áreas de tecnologia e informática.

A neologia estilística surge da necessidade do usuário da língua em dar uma nova roupagem a palavras e expressões já existentes no idioma, traduzindo “idéias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito uma certa visão de mundo” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 18). A neologia estilística resulta em palavras que em, sua grande maioria, permanecem pouco tempo no sistema e dificilmente são registradas nos dicionários de um idioma. São produzidas no nível do discurso, aparecem com frequência em textos jornalísticos, humorísticos e em crônicas policiais, e são frutos da criatividade linguística do usuário da língua.

Correia e Almeida (2012) também apontam a neologia de língua, que consiste no processo de formação de palavras que não despertam no usuário da língua a sensação de novidade lexical. Dentre os itens que resultam de neologismos de língua, estão os advérbios formados pelo sufixo - mente (*reconhecidamente*), adjetivos formados por - vel (*imexível*) e participios passados adjetivados. Conforme Correia e Almeida

as unidades que resultam de neologia de língua são processadas, na comunicação, quer ao nível de produção, quer ao nível de recepção, como se se tratasse de sintagmas ou frases. Se por um lado, o que faz dessas unidades neologismos é o fato de elas não se encontrarem registradas nos dicionários representativos da língua em questão, por outro, é discutível a pertinência da sua inserção no dicionário (CORREIA; ALMEIDA, 2012, pp.18-19).

Os itens lexicais que surgem dos processos neológicos são denominados neologismos. O termo neologismo, segundo Manzolillo (2001, p. 12), é “uma palavra

nova, forjada como o escopo de responder linguisticamente a uma necessidade surgida no contexto biossocial, algo que circula entre o caráter ilimitado da realidade a ser expressa e as limitações do sistema lingüístico”.

O neologismo constitui um item novo que resulta da criatividade do falante. Inicialmente, esse item lexical novo é introduzido pelo falante por meio da linguagem oral e pode ter um caráter provisório. São itens vernáculos produzidos a partir de mecanismos que a língua oferece ou itens estrangeiros provenientes de outros sistemas lingüísticos. Conforme Correia e Almeida

o neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua. Dessa definição, decorre que os neologismos podem constituir palavras formalmente novas, palavras preexistentes que adquirem um novo significado, ou, ainda, palavras que passam a ocorrer em registros lingüísticos nos quais não costumavam ocorrer (CORREIA; ALMEIDA, 2012, pp. 23-24).

O item lexical estrangeiro, contudo, não é visto por Pilla (2005) como um neologismo. Nas suas atividades de tradução de textos, a autora verificou a dificuldade de encontrar, na língua-alvo palavras equivalentes às da língua de origem, e essa dificuldade criou para a autora um dilema: para traduzir as palavras sem equivalentes na língua-alvo seria necessária a criação de novas palavras, apelar para a paráfrase ou adotar *ipsis litteris* as palavras estrangeiras? Sem a autoridade necessária para criar novas palavras, a solução, em muitos casos, seria a adoção dos itens estrangeiros tais como são escritos na língua de origem. Porém, para a autora, esse item estrangeiro não constitui um item lexical novo. Segundo Pilla

a neologia – até mesmo pela etimologia da palavra – pressupõe algo novo, criado a partir de um processo racional, o que descaracteriza o empréstimo, por exemplo, como um neologismo, já que ele é uma transferência de um elemento totalmente formado de um código para outro (PILLA, 2005, p. 13).

A maior parte dos autores, como Correia e Almeida (2012) e Alves (2004), preferem, contudo, classificar o item lexical estrangeiro como um neologismo e, essa classificação é a adotada pela pesquisa na análise dos anglicismos coletados. Alves (2004, p. 07) aponta que, assim como as palavras formadas por processos autóctones, os itens lexicais estrangeiros também são considerados neologismos e podem ser enquadrados em seis tipos: neologismos fonológicos (criação de um termo totalmente

inédito no sistema sem ter por base nenhuma palavra já existente), neologismos sintáticos (combinação de elementos já existentes no sistema linguístico, incluindo a derivação e a composição), o processo de conversão (uso de adjetivos empregados como substantivos, também conhecido como derivação imprópria), neologismos semânticos (mudança formal em itens lexicais já existentes) e neologismos por empréstimos (adoção de itens lexicais estrangeiros).

Os neologismos são itens importantes e necessários para a ampliação lexical de um idioma, e criam no usuário da língua o sentimento de novidade. Para Correia e Almeida (2012, p.24), os neologismos podem apresentar três tipos de novidades: a novidade formal, a novidade semântica e a novidade pragmática.

A novidade formal consiste na introdução de uma forma nova no sistema, podendo ser vernácula, formada a partir de processos morfológicos ou sintáticos de formação de palavras ou pela adoção de itens lexicais estrangeiros, como por exemplo, *dogão* e *tuitar*. A novidade semântica consiste em uma palavra que já existe no sistema linguístico, mas que adquire uma nova acepção tornando-se polissêmica. O verbo navegar (viajar por andar no mar) adquiriu novo conceito, nomeando uma ação tecnológica, significando, segundo Correia e Almeida (2012, p. 65), “percorrer a internet através de uma aplicação adequada (*browser*)”.

A novidade pragmática consiste na transferência de um item lexical para outro sistema linguístico, porém evidenciando um sentido diferente em relação ao que possuía anteriormente. Um exemplo de novidade pragmática é a palavra *outdoor* que, segundo Santos (2006, p. 274), significa “painel, cartaz para publicidade, cartaz”, porém, “não tem tal significado nem nos EUA (*billbord*) nem na GB (*hoarding*)”. Ainda segundo Santos (2006), o novo sentido atribuído ao vocábulo, muito provavelmente, foi feito por publicitários da sentença em inglês *outdoor advertising* (publicidade do lado de fora/ ao ar livre).

O acervo lexical de uma língua viva “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (BIDERMAN, 1978, p. 139) o que torna o léxico um sistema aberto, dinâmico e de difícil precisão. Seja pela inovação ou pela adoção, novas unidades lexicais são recebidas pelo português e distribuídas nas classes gramaticais disponíveis no sistema linguístico. A seguir, será apresentado um breve resumo sobre as classes gramaticais.

2.5 Classes de palavras

Em todas as áreas do conhecimento, a categorização é uma ferramenta que permite, por meio da análise, encontrar pontos semelhantes em elementos com características distintas. Estabelecer categorias, contudo, não é uma tarefa fácil, porque, segundo Taylor (1989, *apud* VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 156) “a realidade é um contínuo difuso e a categorização que dela fazemos é, em último caso, do domínio da convenção”.

A abordagem clássica visualiza a categorização com fronteiras definidas e claras, analisando seus elementos a partir de regras, que são aplicadas de maneira idêntica para cada caso. Contrapondo a abordagem clássica, Villalva e Silvestre (2014) apontam a perspectiva prototípica. “Nesse quadro, as categorias não têm fronteiras claramente definidas e podem mudar” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 156). Em se tratando da categorização das unidades lexicais, a perspectiva prototípica não tem a intenção de desconsiderar a abordagem clássica, mas responder aos casos em que a “fronteira não é tão nítida” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 156).

Em toda língua, há um conjunto de palavras que possuem propriedades morfológicas e sintáticas semelhantes. A partir dessa constatação, surgiram as classificações das partes do discurso ou das classes de palavras. As classes de palavras, termo introduzido pelo estruturalismo no início do século XX, divididas em nove categorias, a saber: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, pronome, preposição, conjunção, numeral, artigo e interjeição são Segundo Basílio (2014, p. 21) “conjuntos abertos de palavras definidas a partir de propriedades ou funções semânticas e/gramaticais”.

As classes de palavras, também chamadas de partes do discurso (ROSA, 2015) ou categorias lexicais (por constituir elementos pertinentes ao léxico) (BASÍLIO, 2014), são formadas por um conjunto aberto de palavras e podem ser definidas a partir de critérios semânticos, sintáticos ou morfológicos. A definição de cada critério é apontada por Batista da seguinte maneira:

- (a) Critério semântico: significados são estabelecidos para a atribuição de palavras a determinadas classes.
- (b) Critério morfológico: palavras são classificadas pela observação das categorias gramaticais que contêm. Essas categorias são informações como

tempo, modo, gênero, número e outras; ou seja, categorias podem ser capturadas na forma, com função gramatical.

(c) Critérios sintáticos: definidos por propriedades distribucionais (posições das palavras numa estrutura) e/ou funcionais (funções sintáticas exercidas pelas palavras quando articuladas em sentenças) (BATISTA, 2011, pp. 67-70)

Pela tradição gramatical, as palavras podem ser distribuídas em dez classes de palavras e podem ser divididas em classes abertas ou fechadas de palavras, abordadas a seguir.

2.5.1 As classes fechadas

As classes fechadas possuem função gramatical e são assim consideradas fechadas por possuir um número limitado de elementos chamados de palavras funcionais e a sua expansão ou alteração “pressupõe processos complexos de mudanças lingüísticas” (BATISTA, 2011, p.67). No que tange aos empréstimos lingüísticos, são em número reduzido. As palavras funcionais que fazem parte das classes fechadas são:

- I) Pronomes;
- II) Elementos Qu- (traduzido do inglês Wh-, são os pronomes interrogativos);
- III) Conjunções;
- IV) Preposições;
- V) Determinantes (artigos, possessivos e demonstrativos);
- VI) Quantificadores (numerais, pronomes indefinidos) (BATISTA, 2011, p. 67).

Os pronomes são classificados por Rosa (2015, p. 109) como pró-forma, “denominação que engloba as palavras que substituem ou uma palavra lexical, ou um sintagma ou mesmo uma oração ou sentença. Os pronomes subdividem-se em pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

As conjunções são conhecidas tradicionalmente como uma palavra que liga orações. Para Batista (2011, p. 69), “as conjunções atuam como conectores entre as orações que se equivalem sintaticamente (orações coordenadas) e que pertencem a níveis diferentes (orações subordinadas)”.

As preposições são definidas como conectivos que ligam palavras em oposição às conjunções que ligam orações. Funcionam como instrumentos gramaticais dependentes de um substantivo, um adjetivo, um verbo ou u advérbio, “introduzindo

(com valor semântico) constituintes essenciais ou acessórios de sentenças” (BATISTA, 2011, p. 69).

Os determinantes podem ser divididos em referenciais (artigos e demonstrativos) e quantificadores, que exprimem quantidade. Rosa (2015, p. 122) expõe, como exemplos de quantificadores numerais cardinais, possessivos como *meu* e *seu* e as palavras: *todo*, *ambos*, *cada* e *algum*.

As palavras funcionais desempenham um importante papel na sintaxe, pois são responsáveis pela “organização e estruturação interna da língua” (CARVALHO, 2009, p.32) e apesar de dificilmente gerarem novas palavras, como as palavras lexicais que serão vistas a seguir, exercem papel fundamental na produção de enunciados linguísticos.

2.5.2 As classes abertas

As classes abertas são formadas por palavras que carregam significado, geram novas palavras e apresentam-se em maior número em relação às classes fechadas. Segundo Carvalho (2015, p. 122), as classes abertas representam o universo extralinguístico por meio de palavras de “forte componente semântico” e incluem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio.

O substantivo, de uma maneira geral, é a palavra que designa os seres, entidades ou eventos. Esse critério semântico é adotado pela maioria das gramáticas escolares. O critério morfológico apresenta e determina a flexão de gênero e número do substantivo, e o critério sintático atribui ao substantivo a função de núcleo do sintagma nominal (sujeito, objeto ou agente da passiva).

O adjetivo indica qualidade ou atributo a um substantivo e, conforme Basílio (2007, p.56), possui “uma função nitidamente semântica, a de especificar o substantivo, assim permitindo a expressão de um teor praticamente ilimitado de especificações.”

Quanto ao critério morfológico, o adjetivo apresenta flexão de gênero e número, assim como o substantivo. A diferença entre o adjetivo e o substantivo recai sobre o conceito de imanência/dependência proposto por Basílio (2007, p. 57). Segundo a autora, “o gênero e o número dos adjetivos dependem do gênero e número de substantivos a que se refiram, enquanto nos substantivos o gênero e o número são imanentes”.

A definição sintática do adjetivo como uma palavra que modifica e acompanha o substantivo é vista por Basílio (2007, p. 59) como insuficiente. Para a autora, essa definição não difere adjetivos de determinantes já que estes também acompanham substantivos. A diferença entre as categorias encontra-se no fato de que adjetivos “caracterizam ou especificam” substantivos enquanto os determinantes “apontam e estabelecem relações”. Essas definições, porém, são de ordem semântica e discursiva, sem, contudo, corresponder ao critério sintático.

O verbo, tradicionalmente, é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Essa definição, que corresponde ao critério semântico, não é suficiente para definir o verbo, uma vez que um substantivo pode exprimir ação, estado ou fenômeno da natureza. Faz-se necessário acrescentar o critério morfológico, que apresenta as flexões de modo, tempo, número e pessoa, e o critério sintático, que define o verbo como núcleo do predicado verbal.

O advérbio é uma palavra que indica circunstância de local, tempo, modo, dentre outras. Morfologicamente, é diferente das outras classes abertas por ser uma palavra invariável. Quanto ao critério sintático, apresenta a função de modificar o verbo, o advérbio ou outro advérbio.

As numerosas palavras que compõem o conjunto das classes abertas podem transitar de uma língua para outra, como acontece com os empréstimos lingüísticos. Além disso, as classes abertas são responsáveis pela ampliação do léxico, incorporando novas palavras e gerando outras pelos processos disponíveis na língua.

2.6 Significado lexical e significado gramatical

O léxico de uma língua é formado por um amplo repertório de itens à disposição do falante que o utiliza em seus enunciados lingüísticos. As palavras constituem os ingredientes da língua utilizados nas necessidades comunicativas do usuário da língua. Ao lado da gramática, o léxico constitui o grande componente da língua e, de acordo com Carvalho (2009, p. 20) “de um modo geral, os lingüistas fazem oposição entre léxico e gramática, como unidades significativas e regras combinatórias, respectivamente”.

Nesse sentido, Rosa (2015, p. 100) propõe a distinção entre palavras com significado lexical e palavras com significado gramatical. As palavras com significado lexical são aquelas que representam o mundo extralingüístico, incluindo os nomes, os

adjetivos, os verbos e os advérbios. Essas palavras “são rotuladas palavras lexicais, ou palavras de conteúdo” (ROSA, 2015, p. 101) e pertencem às classes abertas.

Para Batista (2011, p. 35), as palavras lexicais são caracterizadas como morfemas lexicais, semantema, ou raízes e “correspondem ao núcleo de significação da palavra”. Em oposição às palavras lexicais, há as palavras com significado gramatical, rotuladas de palavras funcionais ou gramaticais e pertencem às classes fechadas.

As palavras funcionais, em número reduzido, não possuem significado quando analisadas isoladamente. Possuem certa autonomia, que, segundo Rosa (2015), pode ser explicada por dois motivos

ou porque tais elementos não podem constituir-se na única palavra de um sintagma-como acontece com os artigos, por exemplo- ou porque somente podem ser interpretados quando em relação com outros elementos do enunciado-caso dos relativos, conjunções e reflexivos (ROSA, 2015, p. 100).

Se tomarmos como exemplo a frase *casaco de João*, a preposição *de* estabelece uma relação de posse, o casaco pertence ao João, mas se a preposição for analisada isoladamente, fora do exemplo, fica difícil estabelecer um significado para essa palavra. Além das preposições, fazem parte do grupo de palavras funcionais as conjunções, os artigos, os pronomes e os verbos auxiliares.

Historicamente, a grande parte dos empréstimos linguísticos verifica-se no grupo de palavras lexicais. As palavras funcionais contribuem com um número reduzido de vocábulos. O empréstimo linguístico é um processo comum em todas as línguas vivas, utilizado por uma comunidade auxiliando na ampliação lexical de um idioma. Os empréstimos linguísticos e os estrangeirismos serão abordados a seguir.

2.7 Estrangeirismo e empréstimo linguístico

O estudo sobre a história da língua portuguesa revelou que o léxico português, composto basicamente de palavras latinas, ampliou o seu acervo por meio da adoção de itens lexicais vindos de outros sistemas linguísticos, ocasionada pelo contato íntimo entre as comunidades linguísticas que ocuparam um mesmo espaço territorial, como a convivência das línguas indígenas e africanas e o português no período de descobrimento e colonização do Brasil, ou pelo contato cultural ou social de diferentes comunidades linguísticas mediado por canais artificiais como a mídia.

No período em que documentos passaram a ser escritos em português, entre o final do século XII e início do século XIII, o léxico do português, segundo Azeredo (2010, p.393-394, *apud* MANZOLILLO, 2004, p. 47), “reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes”. A partir daí, outras línguas influenciaram o léxico do português, evidenciando que o processo de enriquecimento por meio de empréstimos linguísticos é contínuo e pode ser verificado no momento atual pela quantidade de itens lexicais vindos do inglês.

Nos estudos sobre a adoção de itens lexicais estrangeiros, há uma diferenciação entre empréstimos linguísticos e estrangeirismos. Barros (2004 *apud* ZANFERRARI, 2006, p. 63-64), diferencia-os situando o “estrangeirismo entre os termos ou estruturas de uma língua que são sentidos como estrangeiros na língua que os recebeu” e o empréstimo linguístico “entre os termos ou estruturas de uma língua que se adaptaram e se integraram na língua que as recebeu e que, por isso, não produzem mais o efeito de estranhamento”.

Barros (2004 *apud* ZANFERRARI, 2006, p. 62) ainda aponta o

critério linguístico (adaptação do vocábulo estrangeiro ao padrão da língua), de uso (há maior frequência de uso nos empréstimos) e práticos (a presença ou a ausência do termo nos dicionários da língua).

Porém, como itens a serem utilizados na classificação de um elemento estrangeiro, Barros admite que discernir estrangeirismo e empréstimo não é uma tarefa fácil.

Segundo Alves (2004, p. 72), “numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua.” Em seus estudos sobre o emprego de estrangeirismos em mensagens publicitárias extraídas de revistas de circulação nacional, Alves (2004, p. 97) aponta que o estrangeirismo imprime no texto um caráter de novidade, podendo, assim, ser acompanhado de elementos que o decodifiquem, como a tradução ou uma explicação sobre o item estrangeiro.

A etapa seguinte é chamada por Alves (2004, p. 77) de “fase propriamente neológica do item lexical estrangeiro”. Nessa etapa, o elemento estrangeiro integra-se à língua receptora por meio de “adaptação gráfica, morfológica ou semântica”, ocorrendo, então, “a integração do neologismo por empréstimo”.

Villalva e Silvestre (2014) preferem designar o empréstimo, numa visão sincrônica, como “uma palavra que ainda não foi completamente integrada no vocabulário nativo, mantendo-se a percepção de que é uma palavra de língua estrangeira” como, por exemplo, a palavra *uístque*. Já a palavra que mantém a grafia original, merecendo destaque tipográfico (itálico ou aspas), como *best-seller*, é designada estrangeirismo. Segundo os autores, “estrangeirismo é uma subcategoria do empréstimo: a palavra não é completamente assimilada pela língua” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 37).

A palavra que foi incorporada pelo português é aquela em que a “sincronia dilui a memória de novidade” (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 36) fazendo-se necessário um trabalho de pesquisa etimológica do item lexical. Para essas palavras, Villalva e Silvestre (2014, p.36-37) preferem o termo inovação lexical, pois, segundo os autores, “os empréstimos mais antigos não são identificados como empréstimos por parte dos falantes”, dado o tempo de permanência do item lexical no sistema linguístico do português.

Carvalho (2012, p.30) designa o empréstimo como “uma palavra estrangeira adotada pela língua”. Essa palavra penetra no idioma receptor por meio de um adulto, quando um ou vários sujeitos-ouvintes passam a falantes. A autora ainda deixa clara a distinção entre os dois termos ao citar que o empréstimo é “o estrangeirismo adaptado de várias formas” (CARVALHO, 2009, p. 60).

Além de ser responsável pela renovação e ampliação lexical e introduzir traços linguísticos novos dentro de uma língua, o empréstimo traz consigo traços culturais da língua fonte, e, esse fato não ocorre ao acaso. Ele, o empréstimo, em sua grande maioria, deriva de uma língua de prestígio e revela-se mais do que uma simples escolha formal. Conforme Reis (2012, p. 105), “ao importar o novo item lexical, importamos também a ideologia da cultura de onde ele se originou. Os novos termos estrangeiros são por nós adotados porque necessitamos deles, embora não dominemos seu processo de produção”.

A importação de itens lexicais estrangeiros é condenada por linguistas que temem o empobrecimento da língua portuguesa, tamanho é o uso de palavras ou expressões estrangeiras, especialmente vindas do inglês. Garcia (1993 *apud* Alves, 2008, p.11), nesse aspecto, foi taxativo ao citar que “expressões em outros idiomas só podem ser usadas quando não houver palavra em português que exprima o que se quer dizer.” A respeito da invasão de estrangeirismos no português, Silva observa que

sob a ótica purista, os estrangeirismos constituem-se numa forma de invasão destruidora da língua receptora, enquanto na perspectiva linguística estuda-se a história das línguas observando-se várias contribuições linguístico-culturais entre nações e buscando descrever os empréstimos, que geralmente vêm de línguas de grande status cultural e econômico (SILVA, 2012, p. 315).

A substituição pode ocorrer em alguns casos, mas torna-se inviável em outros. Algumas palavras, vindas de outros sistemas linguísticos, não têm equivalentes no português e outras já estão tão incorporadas na fala que se torna inviável a substituição. Ao usar o computador, o usuário da língua não diz o “periférico que substitui o teclado na ação de movimentar o cursor na tela” (ALVES, 2008, p. 106), prefere simplesmente usar a palavra *mouse*.

De qualquer maneira, a adoção de palavras e termos estrangeiros é um processo antigo e contínuo em qualquer língua viva e demonstra que, antes mesmo da adoção de itens lexicais, outros aspectos já foram adotados, como a cultura, os produtos, os valores e os hábitos. Se tais aspectos são admitidos por uma comunidade, como evitar a vinda dos vocábulos que a eles se referem?

Além disso, os diversos contatos que as comunidades linguísticas estabeleceram ao longo da história da humanidade fizeram com que as línguas herdassem elementos lexicais de outros povos, e esse processo é contínuo, tornando, com isso, difícil atestar a pureza de uma língua como querem defender alguns linguistas. O tema a seguir irá apresentar as fases que Carvalho (2009) descreve do processo de empréstimo linguístico.

2.7.1. Nomeação e fases do processo

Na adoção de palavras e expressões estrangeiras, o termo ‘empréstimo’, decalque do francês *emprunt*, é polissêmico, designando conforme Correia

- (1) Processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro dentro da mesma língua (“empréstimo interno”), ou de uma língua para outra (“empréstimo externo”)
- (2) Unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito (CORREIA, 2012, p. 60).

Essa unidade lexical resultante do processo linguístico citado é adotada pelo falante para nomear algo novo no acervo lexical da língua que fala. Carvalho divide a introdução do elemento estrangeiro em uma língua receptora em quatro fases:

- (1) palavra estrangeira (existente na língua A);
- (2) estrangeirismo (usado na língua B);
- (3) empréstimo (adaptação de qualquer tipo na língua B);
- (4) xenismo (ausência de adaptação para a língua B) (CARVALHO, 2009, p. 56).

As fases apresentadas por Carvalho (2009) demonstram que o elemento, ao ser adotado por outra língua, deixa de ser considerado um estrangeirismo, passando a ser denominado empréstimo. Nesse caso, quando o item estrangeiro é utilizado apenas na escrita, pode ser considerado um estrangeirismo, mas, a partir do momento em que é utilizado na fala, sofre invariavelmente, adaptação fonética, sendo então considerado empréstimo linguístico.

É comum ocorrer rejeições de itens estrangeiros pelos falantes da língua receptora, pelas dificuldades fonética, ortográfica e semântica que o próprio sistema linguístico impõe. Nesse caso, há o recurso do decalque, que consiste na tradução literal do termo, evitando, assim, que o falante perceba a origem do item estrangeiro.

Se o item estrangeiro permanece na grafia de origem, apesar da grande frequência de uso, ocorre o xenismo, como *shopping center*. Nesse caso, o item estrangeiro será sempre sentido como termo pertencente a outro sistema linguístico.

Nem sempre o item estrangeiro é adotado pela língua receptora. Podem ocorrer rejeições ou substituições do termo emprestado. O vocábulo futebol (*football*), que foi adaptado ao português a partir de 1881 (SILVA, 2014, p. 216), trouxe consigo outras palavras que foram rejeitadas pelo falante, tais como *goal keeper* (*goleiro*) e *back* (*zagueiro*).

O item estrangeiro ao ser adotado por uma língua receptora pode, conforme os apontamentos acima, permanecer inalterado, conservando características ortográficas do seu sistema de origem ou adaptar-se à língua que o acolheu. O assunto a seguir, abordará a origem dos empréstimos a partir das situações de contato linguístico.

2.7.2. Origem dos empréstimos e classificação quanto ao contato linguístico

A adoção de itens lexicais estrangeiros provém de contatos linguísticos entre diferentes povos. Analisando a história da língua portuguesa, observa-se que ela está pautada em intermitentes contatos entre línguas diferentes, entre os povos que as falavam e entre suas culturas. Desses contatos diretos, várias palavras foram incorporadas de outros sistemas linguísticos pelo português. Hoje, no entanto, os intensos fluxos migratórios, a globalização e o contato cada vez mais intenso entre países distantes alteraram a dinâmica dos contatos linguísticos. O português do Brasil, assim como as demais línguas, passou a ter contatos mediados por canais artificiais, como a internet e a mídia, e, por meio desses recursos, a língua inglesa tem contribuído com um grande número de vocábulos para o português.

Os contatos linguísticos são divididos por Couto (2009) em interlinguísticos e intralinguísticos. Os contatos interlinguísticos são aqueles que acontecem entre sistemas linguísticos diferentes e em três situações ocorrem esse tipo de contato. A primeira refere-se ao deslocamento de um povo (ou parte dele) para um território ocupado por uma comunidade estruturada que utiliza uma língua já estabilizada. Nesse tipo de contato, podem ocorrer resultados diversos dependendo do poder econômico, político e militar, ou ainda do prestígio de uma das línguas em contato (COUTO, 2009, p. 51).

A imigração dos alemães, italianos e japoneses em pequenos grupos para o Brasil é um exemplo da situação acima citada. Nesse caso, o grupo imigrante é ‘mais fraco’ do que o país hospedeiro e, no léxico, pode-se notar a presença desse contato nas palavras relacionadas à culinária, tais como *sushi*, *yakissoba* do japonês, *pizza* e *lasagna* do italiano e *cuca* do alemão. A situação contrária, ou seja, do povo imigrante ser ‘mais forte’ do que o país hospedeiro, é típica de povos conquistadores, como os romanos na Península Ibérica.

A segunda situação de contato, segundo Couto (2009, pp. 53-54), refere-se ao deslocamento de povos ditos ‘fracos’ ou ‘fortes’ para um terceiro território, que não pertence a nenhuma das partes. Essa situação é propícia para o surgimento de um ‘pidgin’ e de um ‘crioulo’, formados de elementos heterogêneos e fonemas e morfemas de origens diferentes. Segundo Raso, Mello e Altenhofen:

Uma das características definitórias de pidgins é o fato de eles não serem geralmente língua materna nas comunidades que deles fazem uso, servindo como língua franca para o desempenho de diversas atividades, normalmente ligadas ao comércio. As línguas crioulas, por sua vez, são assim rotuladas pela sua “juventude” em relação a outras línguas conhecidas. Línguas

crioulas possuem léxico estável, uma gramática também estável e, frequentemente, são a língua materna das comunidades que delas fazem uso, assumindo, assim, o caráter de língua vernácula. (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 28)

Esses falares, pidgin e crioulo, resultam também do contato entre colonizador e colonizado provocando inovações e mudanças nos sistemas lingüísticos em que ocorrem esses fenômenos. Na última situação, segundo Couto (2009, p. 54), os contatos podem ser sazonais, ocorrendo em interações comerciais na troca de mercadorias, ou nas situações fronteiriças. Nesse caso, ocorrem convergências lingüísticas, como o portunhol na fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Há também a interferência de uma língua sobre a outra sem o contato direto entre seus membros, havendo contato por meio de canais artificiais. Essa situação ocorre com línguas que exercem grande prestígio e tornam-se língua franca como é o caso do inglês que também tem sido responsável pelo fenômeno chamado de ‘*globês*’, ou ‘*globish*’, associado à globalização, que proporciona uma difusão cada vez mais acentuada do inglês nas relações de contexto internacional na área da política, da economia, da ciência e da cultura. Trata-se de uma variante distinta do inglês nativo e pode ser considerado, segundo Raso, Mello e Altenhofen

um tipo de *xenoleto*, como um lingüista poderia chamar, em meio a tantos *letos* (dialeto, socioleto, regioleto, familioleto, idioleto) a variedade de língua falado por estrangeiros. Os traços principais desse globês envolveriam, entre outros aspectos, uma simplificação estilística e gramatical e um léxico básico reduzido. (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 45).

O termo língua franca ou *Sapir*, muito utilizado nas situações de bilinguismo e plurilinguismo, designa qualquer língua de intercuro utilizada entre falantes de línguas diferentes. Um exemplo é a língua geral, de tronco tupi-guarani, utilizada no período colonial do Brasil, antes de o português se estabelecer como língua oficial. Nessas situações, podem ocorrer ainda o chamado *code-switching*. “Trata-se, como o nome sugere, do uso de material de duas ou mais línguas tanto dentro de uma mesma sentença quanto de uma sentença para outra” (COUTO, 2009, p. 57). Esse fato é comum entre os hispânicos que vivem no sul dos Estados Unidos.

Além dos contatos interlingüísticos, há também os contatos intralingüísticos que ocorrem dentro de um mesmo sistema lingüístico e caracterizam-se pelo contato e influência de vários dialetos entre as diferentes comunidades que utilizam uma mesma língua, (COUTO, 2009, pp. 57-58). Para o estudo dos empréstimos lingüísticos, não

será feito um aprofundamento dos contatos intralinguísticos⁹, dada a especificidade do trabalho em questão.

A partir dos contatos linguísticos apontados, surgem, segundo Carvalho (2009), os empréstimos classificados como externos e internos. Os empréstimos externos ocorrem nas situações de contato interlinguísticos e os empréstimos internos, nos casos de contato intralinguístico. O empréstimo interno “pode ser usado para designar um termo de linguagem especial ou técnica que passou para o uso geral” (CARVALHO, 2012, p. 30). Segundo Correia e Almeida

os empréstimos internos são muito freqüentes na constituição das linguagens científica e/ou técnicas, onde se recorre frequentemente à utilização de palavras da chamada língua corrente (com base em processos metafóricos ou metonímicos). (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 67).

Um exemplo é o caso da palavra *bolsa* (saco para guardar objetos, nomeadamente dinheiro), que passou a ser utilizada na economia referindo-se a uma “instituição onde se transacionam títulos, ações”.

Bloomfield (1961 *apud* CARVALHO, 2009, p. 49) classifica os empréstimos linguísticos em íntimos, culturais e dialetais. Os empréstimos íntimos ocorrem nas situações em que povos diferentes ocupam um mesmo território relacionando culturas e línguas. Nessa convivência, há a dominância de uma língua sobre a outra, podendo ocorrer três tipos de situações, considerando *A*, a língua do povo que domina a língua *B*, idioma do povo dominado.

Na primeira situação, segundo Carvalho (2009, p. 49), a língua *B* desaparece deixando um substrato na língua *A*, ou, pode ocorrer o inverso, a língua *A* desaparece deixando um superstrato na língua *B*. O substrato ¹⁰consiste na assimilação da língua do povo invasor pelo povo dominado a partir de uma situação de diglossia em que duas línguas são utilizadas em um mesmo território. O superstrato consiste na assimilação de uma língua preexistente em um território deixando nela alguns traços.¹¹

⁹ Um exemplo de contato intralinguístico é o contato de dialetos que decorre de uma situação de poder, em que o dialeto de uma comunidade de se impõe a outra. (COUTO, 2009, p.57).

¹⁰ O conceito de substrato foi retirado do site:

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=11>>. Acesso em: 30 ago 2017.

¹¹ O conceito de superstrato foi retirado do site:

<<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=12>> Acesso em 30 ago 2017.

No português do Brasil, há diversos empréstimos íntimos vindos do contato com as línguas indígenas, os chamados indianismos, e do contato com os africanos, os africanismos. Segundo Carvalho (2009, p. 51), os indianismos consistem em empréstimos vindos das línguas gerais, “resultantes da adaptação à língua dos colonizadores de nomes designativos de um meio físico diverso e de realidades desconhecidas”. Também conhecida como língua brasílica, a língua geral de base tupi-guarani, exerceu grande importância no período de ocupação do território brasileiro. Conforme Raso, Mello e Altenhofen

a língua brasílica manteve sua importância como língua franca na maior parte do território brasileiro até pelo menos meados do século XVIII, quando houve a intervenção do Marquês de Pombal e o português passou a ser legalmente língua mandatória do Brasil. (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, p. 30).

Os empréstimos íntimos vindos do contato com o povo africano resultam de dois troncos linguísticos trazidos da África para o Brasil: o afro-asiático e o congo-cordofiano. Segundo Raso, Mello e Altenhofen

o primeiro (afro-asiático) teve importância reduzida e local, representado pelos africanos islamizados do ramo chádico, de língua hauçá, que foram instalados sobretudo na Bahia. O segundo (congo-cordofiano) teve grande importância e a ele pertencia a grande maioria dos africanos trazidos para o Brasil, que falavam línguas de uma mesma família linguística para cá trazida: a família Níger-congo. Essa família linguística foi aqui representada principalmente por dois grandes grupos – o ramo kwa e o ramo benu-congo. (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011, pp. 30-31)

Os africanismos resultaram da convivência familiar com alguns escravos que realizavam, principalmente, tarefas domésticas, como cozinheiras e amas-de-leite, resultando, assim, em empréstimos linguísticos, dentre eles os relacionados à culinária.

As línguas que convivem em um mesmo território podem também permanecer apenas trocando elementos, na condição de adstrato, ocorrendo apenas uma influência superficial entre elas, uma língua não assimilada pela outra (CARVALHO, 2009). Verificam-se, nesse caso, inúmeros empréstimos vocabulares, como ocorreu com a vinda de imigrantes para o Brasil surgindo, assim, situações de bilinguismo.

Os empréstimos culturais resultam dos contatos políticos, sociais, culturais e comerciais entre os povos e, segundo Carvalho (2009, p. 73), esse tipo de empréstimo

“efetua-se à distância entre comunidades lingüísticas diferentes. Opera em direções simultâneas com um intercâmbio de influência”.

Nesse sentido, pode-se citar o francês, língua que exerceu forte influência no século XIX e começo do século XX e que deixou vestígios na moda (*glamour*) e na culinária (*foundue*). À influência francesa, seguiu-se a influência inglesa, que, cada vez mais associada à globalização, tem gerado um fenômeno lingüístico, já citado anteriormente, que coloca essa língua como uma língua não mais de propriedade de um povo específico mas de todos os que a utilizam “independente do modo ou da forma” (RAJAGOPALAN, 2009, *apud* CALVO; EL KADRI, 2011, p. 31), seja em situações de contato direto em que pessoas estejam em um mesmo território, seja por meio de canais artificiais como a internet e redes sociais.

Os empréstimos dialetais são aqueles que se realizam entre os falantes de uma mesma língua, caracterizando-se como variantes regionais ou diatópicas, que apresentam diferenças de uma mesma língua em diferentes regiões de um mesmo país ou em países diferentes, as variantes sociais ou diastráticas que ocorrem em diferentes estratos da população, incluindo os jargões e as gírias. Segundo Carvalho

o empréstimo dialetal, feito no interior da comunidade lingüística entre variantes da mesma língua, afeta de forma diferente o sistema lingüístico, podendo modificar sua estrutura básica. A influência da variante popular sobre a norma comum culta é ocorrência observável na língua portuguesa: por exemplo, o caso de *a gente* como pronome. (CARVALHO, 2009, p. 52)

Ainda segundo a autora, os empréstimos dialetais também ocorrem com termos de terminologia específica ou de gírias que passam a ser de uso geral. Os empréstimos dialetais não constituem o foco da pesquisa, não sendo assim aprofundados neste estudo. O empréstimo cultural, resultado de contatos intralingüísticos, irá nortear nosso estudo, uma vez que esse empréstimo pode ser observado no *corpus* pesquisado, que são os recortes das falas dos apresentadores do programa *Manhattan Connection*.

2.7.3. Tipos de empréstimos

Segundo Câmara Jr (1989, p. 253), “o fenômeno dos empréstimos [...] estabelece traços lingüísticos novos dentro da língua tradicional”. Esses novos traços lingüísticos modelam o léxico da língua receptora e são responsáveis pela ampliação lexical. Os

empréstimos lingüísticos, do ponto de vista formal, podem ser mórficos, de fonemas, lexicais e de tipos frasais.

Os empréstimos mórficos, em especial os afixos, são responsáveis pela formação de novas palavras, porém, segundo Carvalho (2009, p. 53), são em pequeno número, opinião em que diverge de Câmara Jr (1989), que diz que empréstimos de sufixos são “numerosos e freqüentes” e sua incorporação na língua receptora não necessita do contato direto. Conforme Câmara Jr (1989, p. 258), “basta que certo número de vocábulos, com uma estrutura mórfica dada, sejam tomados empréstimos, para se constituir na língua importadora um centro de irradiação do novo sufixo”.

No português, entre os empréstimos de sufixos, estão os de origem germânica – *engo* (*mulherengo*), *-ardo* (*felizardo*) e *-isco* (*mourisco*), ibéricos *-arro* (*bizarro*), *-erro* (*bezerro*), celta *-ego* (*galego*), árabe *-i* (*marroquim* –posteriormente nasalizado) e o sufixo vindo do francês *-ete* (*garçonete*), que tem se mostrado muito produtivo no português, formando palavras como *paniquete*, *vedete*, etc (CARVALHO, 2009, p. 54).

As palavras funcionais ou gramaticais ocorrem em número reduzido. Manzolillo (2014, p. 59), em estudos feitos a partir de frases retiradas de jornais, aponta alguns exemplos da ocorrência de preposições de origem inglesa no português: *by*, utilizada com o mesmo sentido da língua exportadora, significando por (agente) “Mercado para o final da tarde, o casamento terá decoração 100% balinesa *by* Stilo Ásia” (*Jornal do Brasil*, 17/02/2003 p. B3); *off* significando longe da câmeras, do gravador “Semanas atrás, gravou e postou na web um vídeo de pouco mais de três minutos (...) enquanto faz uma narração reveladora em *off*” (*O Globo*, 09/10/2011, p. 1).

Os empréstimos de fonemas são mais raros, ocorrendo apenas nas situações de bilinguismo em que há, segundo Câmara Jr (1989, p. 64), “pleno domínio fonético e sistemático de ambas” as línguas. Nas situações de colonização de um povo sobre o outro, supremacia cultural, conquista territorial ou situação fronteiriça, “há um momento em que uma ou mais gerações já domina a língua em expansão e conservam a língua que se contrai e declina, usando uma ou outra conforme a situação” (CÂMARA JR., 1989, p. 264). Nesses casos, o sujeito bilíngue não encontra dificuldade articulatória, ocorrendo uma utilização normal de um ou outro sistema por parte do bilíngue.

Fora do contexto bilíngue, os empréstimos de fonemas são quase nulos. Isso porque, ao ingressar em uma língua, o empréstimo se adapta ao sistema fonético-fonológico da língua receptora, não conservando os fonemas da língua de origem.

Os empréstimos tipos frasais (CÂMARA JR., 1989) ou estruturais (HENRIQUES, 2014) são imitações de frases em que ocorre a tradução literal dos termos. É o que Carvalho (2009) chama de calque, vocábulo vindo do francês, *calque*, que significa cópia. Trata-se de da importação do significado e da estrutura de uma expressão ou palavra estrangeira, sem equivalente na língua receptora, passando por algumas adaptações morfológicas e fonológicas.

Alguns autores, como Alves (2004), Biderman (1978), Santos (2006) e Viaro (2011), preferem o termo decalque e, dentre eles, pode-se citar como exemplo *high technology* (alta tecnologia) e *skycraper* (arranha-céu), podendo ainda, segundo Alves (2009, p. 80), o termo “decalcado” competir com a expressão estrangeira. O decalque, segundo Viaro (2011), surge das dificuldades estruturais e gráficas que alguns empréstimos apresentam ao serem introduzidos em outro sistema lingüístico. Era utilizado pelos romanos para evitar empréstimos gregos, sendo posteriormente utilizado por outras línguas.

O decalque consiste em uma ‘construção culta artificial’ e é incorporada em outro sistema lingüístico por meio de discursos científicos, jornalísticos e, atualmente, com mais intensidade, pela internet. Além das construções artificiais, há casos de decalques populares com “fingidas más traduções” como em “queimar o filme” (*to burn the movie*) e de decalques por siglas (VIARO, 2011, p. 280), como em “VIP” (*Very important person*).

Os empréstimos lexicais são os mais comuns por serem mais facilmente importados do que outros. Dentre eles, estão os elementos das classes abertas, conforme cita Viaro (2011, p. 272), “algumas classes são mais facilmente importadas do que outras. Há mais empréstimos de substantivos, adjetivos e verbos do que de preposições, artigos, pronomes pessoais e morfemas flexionais.” A adoção de empréstimos lexicais ocorre de maneira mais ampla e significativa pelo fato de “o léxico ser, em última análise, nada mais do que uma lista de palavras; um elemento a mais ou a menos nesse conjunto afeta pouco o funcionamento do sistema como um todo” (MANZOLILLO, 2014, p.56). Além disso, as palavras que possuem significado lexical nomeiam o mundo biossocial, são numerosos e potencialmente ilimitados.

Os empréstimos semânticos consistem, segundo Santos (2006, p. 19), na adoção de um lexema já existente na língua receptora, porém adquirindo dois ou mais sentidos que não possuía antes. Para esse autor, o decalque e o empréstimo semântico devem ser tratados separadamente. Henriques (2014, p. 145) aponta que o empréstimo semântico

tem o mesmo sentido do decalque, “marcado pela tradução ou substituição de morfemas, de modo a preservar a idéia que é importada”. Já Carvalho (2009, p. 64) admite que “o empréstimo semântico é constituído de palavras já existentes na língua e utilizadas com uma nova acepção – locutor (speaker) – ou na formação de compostos – arranha-céu (skyscraper).”

No momento em que é incorporado em outro sistema lingüístico, o item estrangeiro é monossêmico e referencial, porém, durante o processo de transferência, podem ocorrer transformações semânticas devido às dificuldades de tradução, ou pela semelhança de forma, que leva o falante a utilizá-lo com um sentido novo, diferente do significado da língua de origem. É o que acontece com os falsos cognatos como *to realize* (imaginar) traduzido como “realizar”. Esse processo é classificado por Carvalho (2009) como *deceptive cognates* ou também chamado de *false friends*.

Reis (2012, p. 190) classifica esse processo como uma “tradução apressada” e “que não tem nada a ver com o significado real da palavra”, gerando, assim, complicações na comunicação. Outro tipo de empréstimo semântico apontado por Henriques é o epônimo que

costuma ser apresentado como resultado de um processo metonímico que se baseia numa relação de contigüidade entre nomes de pessoas e significações que não têm uma palavra própria para exprimi-la ou para os quais se propõe uma nova denominação. (HENRIQUES, 2014, p. 150)

O epônimo é a transposição do substantivo próprio para o substantivo comum mediante uma atribuição de sentido impessoal ao antropônimo (substantivo próprio). É o que ocorre com o nome *Barbie* (boneca produzida nos Estados Unidos) que passou a ser sinônimo de “mulher bonita fisicamente”.

Os empréstimos, ao serem incorporados na língua receptora, passam por adaptações fonéticas, morfológicas ou semânticas ou, ainda, passam a constituir base para a formação de novas palavras na língua receptora. É o que será abordado a seguir.

2.7.4. Formas de adaptação dos empréstimos

Ao ingressar em outro sistema lingüístico, é comum o item estrangeiro sofrer adaptações nos mais distintos níveis: fonético, ortográfico, morfológico e sintático. No nível fonológico, o falante comum adapta o estrangeirismo ao sistema fonológico de sua língua materna, podendo ocorrer “a substituição de segmentos não existentes na língua

de chegada por outros nela existentes, mudança no acento da palavra, perda da distinção em relação à quantidade das vogais”. (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 71).

Um exemplo de mudança fonológica é a palavra *stress*, que recebe a vogal ‘e’ no início da palavra porque o sistema linguístico do português não aceita palavras iniciadas com “S” desacompanhadas de vogal. Outro exemplo é a pronúncia do aparelho eletrônico *Ipod*, pronunciado com “d” mudo no final, passou a ser pronunciado /aipode/ com o acréscimo de “e” no final. A dificuldade de manter a pronúncia original do item lexical estrangeiro é apontada por Câmara Jr da seguinte forma:

De um lado, há uma dificuldade intrínseca a reproduzir as articulações necessárias para a realização fônica de um fonema estrangeiro. De outro lado, faltam em princípio a este os traços típicos que o entosem no sistema de correlações e contrastes dos fonemas nativos. (CÂMARA JR, 1989, pp. 261-262)

Essa adaptação, no entanto, é mais notadamente comprovada no nível ortográfico. Nesse nível, o item estrangeiro se adapta às normas ortográficas da língua portuguesa. De acordo com Monteiro (2014, p. 150), “a adaptação gráfica é consequência da ortoépica. Usam-se as letras que compõem o nosso alfabeto em vez das que nos parecem estranhas”. *Xampu* (*shampoo*) e *lobi* (*lobby*) são exemplos de palavras que sofreram adaptação gráfica.

No nível morfológico, o estrangeirismo adapta-se ao padrão flexional da língua receptora e deve receber marcas morfo-sintáticas de gênero, número (chef – chefe, chefa, chefes, chefas). Ao ser incorporado na língua receptora, todo empréstimo recebe a marca categorial de gênero. No português, a maior parte dos empréstimos é integrada ao léxico no gênero masculino, possuindo ou não gênero na língua fonte, como em *o hot dog* e *o lobby*.

A integração do vocábulo no gênero feminino “pode depender do gênero da palavra na língua de origem, ou da referência implícita a uma noção” (BIDERMAN, 1978, p. 165). A palavra *butique*, por exemplo, pertence ao gênero feminino no francês e passou a ser utilizada também nesse gênero no português. Já a palavra *xerox*, vinda do inglês, é usada no gênero feminino para se referir à máquina ou ao processo de se obter fotocópias.

Após essa adaptação, os empréstimos podem servir de base para a formação de novos termos pelos processos de derivação e composição. Essas adaptações fazem com a palavra não se torne tão estranha ao falante.

Sufixação: lobi +ista (lobista)

Sufixação: dog+ão (dogão)

Justaposição: homem+show

Prefixação: anti-doping

A adaptação semântica pode ocorrer em diferentes níveis. O empréstimo, ao ser introduzido em outro sistema linguístico, pode assumir um dos significados que tem na língua fonte, assumir outros significados na língua receptora, além do significado já trazido pelo estrangeirismo, e, ainda, assumir outros significados, diferentes do apresentado na língua fonte.

Outra forma de adaptação é o decalque, que consiste na tradução literal do termo estrangeiro. Nesse caso, o item lexical que passou pelo processo de decalque costuma rivalizar com a forma original (*high technology – alta tecnologia*).

Correia e Almeida (2012, p. 74) também apontam a “substituição de composto sintagmático para substituir um empréstimo”. Nesse caso, o item estrangeiro é substituído por um sintagma explicativo, como em “concorrência desleal” para *dumping*.

Ao ingressar em outro sistema linguístico, o item estrangeiro sofre ao menos adaptação fonético-fonológica e, quando sofre outras adaptações, não prejudica o sistema morfológico da língua receptora. Para compreender e alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, foi realizado um levantamento das ocorrências do uso de itens lexicais estrangeiros de origem inglesa no *corpus* já especificado, e que será apresentado no capítulo a seguir.

3. ESTRANGEIRISMOS EM MANHATTAN CONNECTION

Desde a sua chegada ao Brasil, “o vídeo transformou a face do país, modificou hábitos diários do povo, revolucionou a política, impôs profundas alterações na cultura, estabeleceu parâmetros de comportamento, afetou a fala e inovou a língua dos brasileiros” (SALLES, 1988 *apud* SOUZA, 2015, p. 24). Segundo Mauro Salles (1988 *apud* SOUZA, 2015, p. 24), “sem desmerecer a contribuição do rádio e da imprensa, é possível afirmar, sem medo de erro, que a televisão é a mídia mais importante”.

Dentre os itens que a televisão, por meio de seus programas jornalísticos, pode utilizar e divulgar, inovando a língua portuguesa, destacam-se, segundo Lage (2002, p. 39), os “neologismos de ordem coloquial” e as “denominações de objetos novos de origem científica ou popular”. Muitos desses neologismos, tais como *tour*, e vocábulos de termos específicos, como *shale gas*, constituem itens lexicais oriundos de outros sistemas linguísticos, os estrangeirismos, mas especificamente, os anglicismos, que compõem o *corpus* dessa pesquisa.

Santos (2006, p.19) aponta “a importância da mídia [...] para a entrada na língua de estrangeirismos, principalmente os de origem inglesa” e Carvalho (2009), em seus estudos sobre os empréstimos lingüísticos, destaca que é por meio da imprensa que os itens lexicais estrangeiros encontram uma via de acesso mais corrente para tornarem-se parte do repertório cotidiano dos falantes.

Assim, a pesquisa descreveu e analisou a ocorrência de anglicismos durante a apresentação das notícias e dos debates entre os jornalistas que participam do programa *Manhattan Connection*, “um painel semanal que discute fatos políticos, econômicos e culturais com um tempero de polêmica” (MEMÓRIA GLOBO).¹² E, por apresentar um formato que oferece “discussões intelectuais e de caráter filosófico” (JUSTINO, 2013, p. 17), o programa é destinado a um público elitizado intelectualmente. Segundo Justino

o *Manhattan Connection* tem na essência um caráter dialógico. Apesar de oferecer uma breve explicação de cada tema apresentado, os apresentadores conduzem as discussões partindo do pressuposto de que os telespectadores possuem uma bagagem acerca do tema analisado. Por esse motivo, o programa ganhou a alcunha de ‘elitista’ (JUSTINO, 2013, p. 17).

¹² Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/lucas-mendes.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

Os anglicismos coletados também serão analisados segundo a origem, fase de adoção, forma de derivação, forma de adoção, função, intenção ou necessidade de uso e área de atuação, no intuito de verificar como os anglicismos estão sendo usados no português. Os pressupostos teóricos de Carvalho (2009), Alves (2004) e Correia e Almeida (2012) norteiam a análise.

3.1.O corpus e a análise dos dados coletados

O objeto da pesquisa foram os anglicismos, itens lexicais de origem inglesa, utilizados pelos apresentadores do programa *Manhattan Connection*, transmitido pelo canal a cabo Globo News. A pesquisa se baseou na coleta de dados e na observação dos anglicismos. Para a coleta dos anglicismos, foi necessário assistir a 36 exibições do programa *Manhattan Connection*, entre os meses de janeiro a outubro de 2016. Esses programas encontram-se arquivados no site [globosatplay](http://globosatplay.globo.com)¹³, consultado para a realização da pesquisa.

Durante a exibição de cada programa, foram transcritos somente os recortes das falas dos apresentadores Lucas Mendes, Caio Blinder, Ricardo Amorim, Pedro Andrade e Angélica Vieira, que continham anglicismos que foram registrados nas transcrições em itálico. Os nomes próprios de restaurantes, museus, de shows, espetáculos e exposições e filmes não foram selecionados para a pesquisa. Foram recolhidos 52 anglicismos, alguns de uso comum na língua tais como *site* e *Facebook*, assim como outros que podem ser considerados estranhos ao vernáculo do português.

Após a transcrição de recortes das falas dos respectivos autores e data, foi feita uma contextualização do assunto em questão e, em seguida, foi descrito o seu significado, baseado nos dicionários *Oxford* e *Cambridge online*. O anglicismo, caracterizado por um vocábulo ou um sintagma, foi novamente destacado no item unidade lexical.

Utilizando os itens fornecidos por Carvalho (2009) e outros formulados com base nos estudos de Correia e Almeida (2012) e Alves (2004), foi feita uma análise de cada anglicismo, organizados por categorias de análise e numerados visando a uma melhor compreensão da pesquisa. (I) Tipo de neologia e de neologismo, (II) a classe de palavra a qual o anglicismo pertence na transcrição da fala, (III) origem, (IV) fase de

¹³ Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/globonews/manhattan-connection/>>.

adoção, (V) forma de derivação, (VI) forma de adoção, (VII) função, (VIII) intenção ou necessidade de uso e (IX) área de atuação.

Os (I) tipos de neologia encontrados são os denominativos, processo que nomeia novos seres, situações ou objetos, e o estilístico, que surge da necessidade do falante dar uma nova roupagem a palavras e expressões já existentes na língua (CORREIA e ALMEIDA, 2012).

Os (I) neologismos foram analisados segundo a sua novidade formal (introdução de novos itens no sistema lingüístico), semântico (nova acepção a palavras já existentes) ou pragmático (transferência de itens de outros idiomas, porém, adotados com novos significados) (CORREIA e ALMEIDA, 2012). (II) A classe gramatical que cada item estrangeiro assume será tratada conforme a sua função na língua receptora.

No item (III) origem, o elemento estrangeiro será classificado conforme sua introdução no sistema linguístico receptor. Ele poderá ser classificado como íntimo, quando é proveniente do contato entre línguas em um mesmo território, dialetal, quando se realiza entre falares de uma mesma língua, ou externo, quando é mediado por canais artificiais, no caso a mídia televisiva, sendo o resultado do contato social, político e comercial entre diferentes nações.

Na (IV) fase de adoção, o anglicismo foi classificado ora como (a) xenismo se permaneceu com grafia original, sofrendo apenas adaptação fonética; ora como (b) empréstimo, quando sofre adaptações ortográficas e morfológicas obedecendo aos padrões da língua receptora, ora (c) estrangeirismo, quando não sofre quaisquer adaptações à língua de chegada. Nesse item, foram considerados xenismos os anglicismos que se encontram registrados em dicionário geral de língua ou em dicionários de terminologia, e classificados como estrangeirismo, o item que não consta nos dicionários pesquisados.

Os dicionários gerais de língua utilizados para a pesquisa foram *Aulete online*¹⁴, *Houaiss* (2011) e Bechara (2011), e os de terminologia consultados foram: *Dicionário de economia* (SANDRONI, 2014), *Dicionário de Política* (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998), *Dicionário de administração* (DUARTE, 2011), *Dicionário de Informática e Internet* (SAWAYA, 1999).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>.

Na (V) forma de derivação, o item estrangeiro pode ser classificado como direto, quando deriva diretamente da língua fonte, a língua inglesa; ou indireto, quando provem de outra língua, diferente da língua fonte.

Na (VI) forma de adoção, a palavra pode ser classificada como decalque (tradução literal do termo), adaptação (fonética, morfológica e ortográfica) ou incorporação (com adaptação apenas fonética). E, por último, a (VI) função, intenção ou necessidade de uso, podendo ser classificada como conotativa, quando apresenta função expressiva, sendo utilizado como recurso estilístico, e denotativo, quando tem função referencial, introduzindo um novo conceito ou nomenclatura, e a área de atuação em que o anglicismo foi utilizado na transcrição da fala, podendo ser inserido em um contexto político, econômico, cultural, gastronômico ou tecnológico

A partir dessas categorias de análise, pretende-se verificar a presença ou não dos anglicismos em dicionários gerais de língua ou de terminologia e como esse item lexical pode ser classificado no português, segundo os aspectos mencionados. Optou, aqui, por seleção, não apenas, dos anglicismos considerados novos no vernáculo do português, mas também, àqueles que se tornaram de uso comum, com o intuito de verificar, especialmente na categoria (IV) fase de adoção, a classificação que esse vocábulo adquiriu ao ingressar no português.

A seguir, será apresentado as 52 ocorrências observadas nas falas do programa.

1. Transcrição da fala:

“(...) Ali é interessante você ter falado 1925 que vai ser quando a série vai terminar e eles falaram que aí vai começar o filme *Downton Abbey*, então, acabou a série, vai ter o filme de despedida e parece que alguns *spin-off*, eu não sei como fala esses *spin-off*, derivações, filhotes de outros personagens.” (Pedro Andrade, 10 de janeiro de 2016).

A fala do apresentador versa sobre o término da série *Downton Abbey* e o provável início de um filme sobre a série. O jornalista apresenta a expressão *spin-off* e tenta indicar algumas definições. Em *Cambridge online*, o vocábulo é grafado com hífen e designa um produto que se desenvolve a partir de outro mais importante.

Unidade lexical: spin-off.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo, introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

2. Transcrição da fala:

“Chora, Obama. Chora pelas crianças e pelas milhares de vítimas do *lobby* das armas.”
(Lucas Mendes, 10 de janeiro de 2016)

Os jornalistas discutem o plano de controle das armas apresentado pelo então presidente Barack Obama, que resultou em um choro que sensibilizou a muitos.

Unidade lexical: lobby.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo, pois mantém a forma gráfica original observada nos dicionários Aulete *online* e Bechara (2011). Em Houaiss (2011) o vocábulo *lobby* é remetido a *lobi*, forma adaptada ao português sendo considerado assim, somente como um empréstimo linguístico. O vocábulo também foi encontrado no Dicionário de economia (SANDRONI, 2014), no Dicionário de Administração e negócios (DUARTE, 2011) e no Dicionário de Política (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998).

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: denotativo, introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

3. Transcrição da fala:

“A Arábia Saudita está fazendo um cálculo. O cálculo é? Que jogando o preço do petróleo pra baixo, eles vão inviabilizar o *shale gas* dos Estados Unidos.” (Ricardo Amorim, 10 de janeiro de 2016)

Em meio à crise do Irã, Arábia Saudita, Iraque, Síria e Líbia, o preço do petróleo abaixou em dez anos e o economista Ricardo Amorim lista alguns dos motivos que explicam esse fenômeno. Na fala, o apresentador cita *shale gas* que significa gás natural encontrado em xisto (rocha macia e cinza), segundo os dicionários Oxford e Cambridge online.

Unidade lexical: shale gas.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: locução substantiva.

Origem: Externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, vindo do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: denotativo, introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

4. Transcrição da fala:

“(...) Ele escondia, tinha uma casa internacional que ficava na frente ali do... do dormitório e ele escondia no terceiro andar porque, primeiro ele vivia atrasado nos *deadline* (...)” (Lucas Mendes, 17 de janeiro de 2016).

O apresentador Lucas Mendes em sua fala, comentava sobre Alex Haley, autor de livros como *Roots* que foram “importantes na construção da identidade do negro

americano” (Lucas Mendes). O vocábulo *deadline* utilizado pelo jornalista significa prazo, segundo Cambridge Dictionary.

Unidade lexical: *deadline*

Tipo de neologia: estilística.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo masculino.

Origem: externa devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado nos dicionários Aulete *online*, no Dicionário de Administração de Duarte (2011) e no Dicionário de Economia de Sandroni (2005). Segundo Santos (2006, p. 146), *deadline* foi introduzido no português no final do século XX com “emprego mais frequente (...) na linguagem jornalística.”

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: conotativa.

Área de atuação: cultura.

5. Transcrição da fala:

“Além do novo rico Gates, há uma geração de filantropos novos. Mark Zuckerberg, pai do *Facebook*, é novíssimo.” (Lucas Mendes 10 de janeiro de 2016).

O termo *Facebook*, segundo *Cambridge dictionary*, é um *website* em que é possível mostrar informações pessoais e também ter contato com outras pessoas.

Unidade lexical: *Facebook*.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo masculino.

Origem: externa devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O termo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: denotativo, introduzindo um conceito novo no português.

Área de atuação: informática.

6. Transcrição da fala:

“vai ter um *boom* mesmo, agora, de *boom* a milagre tem uma certa distância”. (Ricardo Amorim, 10/01/2016)

A pauta foi a então situação política e econômica do Brasil. A palavra *boom* surgiu no final do século XIX, provavelmente, segundo *Oxford Dictionary*, do som de uma explosão repentina. Esse vocábulo designa um período de prosperidade ou crescimento econômico.

Unidade lexical: boom

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo masculino.

Origem: externa devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O termo foi encontrado em todos os dicionários consultados, *Aulete online*, Bechara (2011) e Houaiss (2011) e, em todos, aparece grafado em itálico. Boom também foi encontrado nos Dicionários de Economia (SANDRONI, 2005) e Administração e negócios (DUARTE, 2011).

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: denotativo, introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

7. Transcrição da fala:

“(…) Se eu tivesse ganho na *Powerball* essa semana, eu teria investido 54 dólares.” (Caio Blinder, 17/01/2016)

O termo *Powerball* refere-se a um jogo de loteria com combinações de bolas brancas numeradas e uma bola vermelha também numerada, a chamada *Powerball*. Essa palavra composta não foi encontrada nos dicionários Oxford e Cambridge *online*.

Unidade lexical: Powerball.

Tipo de neologia: estilística.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo feminino

Origem: externa devido ao contato social e cultural.

Fase de adoção: estrangeirismo. Não foram encontrados dados que comprovem o uso desse vocábulo na língua receptora, seu uso se restringe ao usuário da língua fonte. O termo estrangeiro também não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: O termo ainda se encontra em fase de adoção pelo português, não podendo, assim, ser considerado um empréstimo.

Área de atuação: economia.

8. Transcrição da fala:

“Apesar da sabotagem do Diogo Mainardi, dos republicanos, dos *Black blocs* persas, o acordo nuclear iraniano pode começar essa semana com a suspensão das sanções.”
(Lucas Mendes, 17/01/2017)

O termo *Black blocs* refere-se, segundo o *Oxford Dictionary Online*, a um grupo anarquista cujos membros se vestem de preto e escondem suas identidades para protestar.

Unidade lexical: Black blocs

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: locução substantiva.

Origem: externa devido ao contato social e cultural.

Fase de adoção: xenismo. O termo começou a ser utilizado no português no início da década de 2010 e tem sido utilizado na imprensa e algumas vezes, entre aspas: “Protestos contra reformas tem depredação em São Paulo – *Black blocs* jogaram pedras e pedaços de madeira em direção ao restaurante Senzala...” (*Folha de S.Paulo*, 29/04/2017). O termo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: empréstimo denotativo, introduzindo um conceito novo no português.

Área de atuação: política

9. Transcrição da fala:

“Supostamente, o (...), já vendeu a escultura também, mas ele não sabe exatamente pra quem, porque elas, normalmente, são compradas por *thrusters* e, ninguém sabe, exatamente, quem comprou, mas já está vendida.” (Ricardo Amorim, 24 de janeiro de 2016)

O vocábulo *thruster* refere-se, na fala do economista, aos atravessadores, que comercializam mercadorias ilegalmente.

Unidade lexical: thruster.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: substantivo masculino.

Origem: direta devido ao contato social e cultural.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Função, intenção ou necessidade de uso: empréstimo denotativo, introduzindo um conceito novo no português.

Área de atuação: cultura.

10. Transcrição da fala:

“Angélica, qual foi a *trumpetada*?” (Lucas Mendes, 10/01/2016)

O vocábulo “trumpetada” é formado pela base *Trump* (sobrenome do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump) e o sufixo *-ada*. O termo “trumpetada” começou a ser utilizado pelo apresentador Lucas Mendes durante a campanha presidencial e referia-se às atitudes controversas e polêmicas do então candidato à presidência.

Unidade lexical: trumpetada.

Tipo de neologia: estilística.

Tipo de neologismo: formal.

Classe gramatical: O termo formado por derivação sufixal passou a ser classificado como substantivo feminino.

Origem: nesse aspecto, considerar-se-á como externa somente a base (*Trump*) do vocábulo formado.

Fase de adoção: empréstimo. O vocábulo não consta nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, considerando apenas a palavra base, vinda do inglês diretamente para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação com adaptação fonética, morfológica e ortográfica.

Função, intenção ou necessidade de uso: empréstimo conotativo, com função expressiva e utilizado com recurso estilístico.

Área de atuação: política.

11. Transcrição da fala:

(1) “O Panamá foi feito para ser um canal. Está na sua geografia. O pequeno país centro-americano se tornou um paraíso para passagens de navios, transações financeiras e drogas. Os arranha-céus são uma fachada para a economia *offshore*”. (Lucas Mendes, 10 de abril de 2016)

(2) “(...) O caso do Cameron, por exemplo, ele tinha uma, uma... ele usou a *offshore* do pai dele pra fazer investimentos em bolsas, no total de 30 mil libras esterlinas.” (Diogo Mainardi, 10 de abril de 2016)

Em (1) o vocábulo *offshore* refere-se as 107 empresas constituídas no Panamá que estavam ligadas a empresas e políticos citados na operação lava-jato. Segundo o site G1.globo.com¹⁵, o escritório de advocacia e consultoria Mossack Fonseca, situado no Panamá, “operou para pelo menos seis grandes empresas brasileiras e famílias citadas na lava-jato, abrindo 16 empresas *offshore*”.

Em (2), o jornalista cita o caso do primeiro ministro britânico David Cameron, que admitiu em entrevista a uma emissora de TV possuir 30 milhões de libras esterlinas em ações em um fundo de investimento *offshore* criado por seu pai Ian Cameron, segundo o site G1.globo.com¹⁶.

Unidade lexical: offshore.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: Em 1, o item estrangeiro exerce a função de adjetivo e em 2, exerce a função de substantivo feminino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O dicionário Aulete *online* apresenta o vocábulo escrito sem hífen em oposição à forma inglesa com hífen, *off-shore*, apresentada pelo próprio dicionário. O vocábulo também foi encontrado no Dicionário de Economia de Sandroni (2014). Em Houaiss e Bechara, o vocábulo não foi encontrado.

Segundo Santos (2006, p. 270), o vocábulo passou a ser utilizado no português no final do século XX, na área da economia, referindo-se a bancos e instituições financeiras fora dos Estados Unidos. Atualmente, a palavra refere-se a “aplicações clandestinas ou secretas em contas nos chamados “paraísos fiscais”” (SANTOS, 2006, p.270).

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/04/investigacao-revela-107-offshores-ligadas-alvos-da-lava-jato.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.

¹⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/david-cameron-admite-que-possuiu-aco-es-de-um-fundo-offshore.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.

12. Transcrição da fala:

A: “Oh... Ricardo, até o Delfin Neto entrou na lavagem. 15 milhões. Ele... ele fez o que pelos 15 milhões?” (Lucas Mendes, 10 de abril de 2016)

B: “Segundo ele, ele ajudou a formar um consórcio pra participar do leilão de Belo Monte mas a história meio complicada. Ah... e não bastasse a lava-jato, ainda tem o *Panama Papers* pra cima dele.” (...) (Ricardo Amorim, 10 abril 2016).

Panama Papers é o nome dado aos documentos que revelaram numerosas sociedades *off-shore* criadas pelo escritório Mosack Fonseca para evasão de divisas e lavagem de dinheiro (G1.globo.com)¹⁷. Segundo o *site*, dentre os clientes dos advogados donos do escritório, estão personalidades famosas do mundo inteiro e políticos envolvidos em investigações da lava-jato.

Unidade lexical: Panama Papers.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: locução substantiva.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. Por se uma expressão recente, não foi encontrada nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: empréstimo denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

13. Transcrição da fala:

A: “O... O Caio, conte pros brasileiros o que é *Gawker* e porque está nas machetes com o lutador Hulk Hogan.” (Lucas Mendes)

¹⁷ Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/escandalo-do-panama-papers-abala-credibilidade-do-pais-dizem-analistas.ghtml> >. Acesso em: 22 set. 2017.

B: “*Gawker* é um site de... de fofocas e se for o caso de muita sacanagem. O Hulk é um ex-lutador de luta livre, hoje, mas ele continua sendo uma geladeira. E essa geladeira teve..., transou com a mulher de um amigo há uns dez anos, aí a... o vídeo...” (Caio Blinder, 27 de março de 2016)

Gawker era um site que divulgava vídeos ou comunicações de celebridades. Após a divulgação do vídeo do lutador Hulk Hogan que processou o site por invasão de privacidade, o *Gawker* encerrou as suas atividades em 16 de agosto de 2016.

Unidade lexical: *gawker*

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora. O vocábulo começou a ser utilizado no português no início do século XXI. Um artigo do jornal Folha de São Paulo publicado em 13 de outubro de 2004 mostra o uso do vocábulo em questão: ¹⁸“Depois de obter relativo sucesso com o blogue Defamer.com, que mistura fofocas de celebridades com acontecimentos políticos, a Gawker Media criou os blogues Kotaku (www.kotaku.com), com dicas de jogos(...)”

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: informática.

14. Transcrição da fala:

A: “Pedro, a nova capital do tango, primeiro qual é? Segundo, ameaça Buenos Aires?” (Lucas Mendes).

¹⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr1310200428.htm>>. Acesso em: 22 set. 2017.

B: “*Portland. Portland Oregon.* Uma cidade fascinante é uma delícia de cidade. Não está na lista de turismo da grande maioria dos brasileiros, mas deveria estar. Come-se muito bem, bebe-se bons vinhos e tem uma tradição de dança, de *ballrooms*. Desde o início do século passado eles tinham aqueles salões enormes e davam muitas festas e a partir dos anos 90, o tango virou uma febre (...)” (Pedro Andrade, 20 de março de 2016)

Ballrooms são grandes salões destinados à realização de danças.

Unidade lexical: ballrooms

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

15. Transcrição da fala:

A: “(...) O nosso boa noite (risos) é com o mestre da música brasileira e muito apropriada pra época. Obrigado Jobim, obrigado Nauchá Adnet. Com os nossos governos abananados. Mais alguns séculos o Brasil vai chegar na civilização dos vikings ou viking.”(Lucas Mendes, 20 de março de 2016)

B: “Vikings...” (Caio Blinder)

A: “Você fala *vikings gay*?” (Lucas Mendes)

B: “Ah?” (Caio Blinder)

A: “Você sabe falar *vikings gay*?” (Lucas Mendes)

B: “Sei.” (Caio Blinder, 20 de março de 2016)

Unidade lexical: vikings gay

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. A expressão não foi encontrada nos dicionários consultados. Nem mesmo nos dicionários *online Cambridge e Oxford*, a expressão foi localizada.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura

16. Transcrição da fala:

“O *high five*. O *high five* (os apresentadores Lucas Mendes e Caio Blinder batem as mãos). Os velhos jornalistas estão celebrando, nós estamos. Este prêmio de consolação que foi maravilhoso. O *Boston Globe* já teve 580 repórteres há 20 anos quando você podia fazer investigação jornalística. Hoje ele tem 50. Ele melhorou um pouquinho de dois anos pra cá em investimento global.” (Caio Blinder, 06 de março de 2016)

Unidade lexical: high five

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura

17. Transcrição da fala:

“As primárias dessa semana foram boa pra Hillary, ótimas para Donald Trump. Agora, o Trump se refere a Hillary como *crooked* Hillary, a trapaceira. Hillary, a trapaceira, devia ser, não devia ser Hillary, a sortuda? Depois dessa semana você tem dúvida quem vai ser o próximo presidente dos Estados Unidos?” (Lucas Mendes, 01 de maio de 2016)

Durante a campanha para presidente dos Estados Unidos, Donald Trump utilizou a estratégia de “colar alcunhas ofensivas em rivais”¹⁹. Assim, o candidato recorreu às redes sociais para qualificar a ex-secretária de Estado, Hillary Clinton, de *crooked* (trapaceira)

Unidade lexical: crooked

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: adjetivo

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política

18. Transcrição da fala:

A: “O...Diogo, você entendeu o discurso do Trump sobre a política externa americana. Chama *America first*. Se você entendeu, traduz pra nós.” (Lucas Mendes)

B: “Difícil. Difícil traduzir o que ele diz. É... é muito simples traduzi-lo porque ele repete a mesma frase 18 vezes por exemplo: “Eu não vou permitir que o Irã tenha bombas nucleares.” É ... esse tipo de coisa é... (...) pode funcionar pro eleitorado dele mas não é política externa. (...) E nesse caso, como a plataforma dele é *America first*,

¹⁹ Disponível em: < <http://internacional.estadao.com.br/blogs/eua-2016/desonesta-hillary-pequeno-marco-ted-o-mentiroso-os-apelidos-usados-por-trump/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2017.

isto é, isolamento mais absoluto, quer dizer, eu vou olhar só para os Estados Unidos, não vou me preocupar com o resto do mundo. (...)” (Diogo Mainardi, 01 de maio de 2016)

A expressão *America first* foi o *slogan* utilizado pelo candidato americano Donald Trump na campanha eleitoral.

Unidade lexical: America first

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: Locução substantiva.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. A expressão não foi encontrada nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política

19. Transcrição da fala:

“(...) É uma questão tão hipócrita, tão antitransparente que ele se recusa a divulgar as declarações do imposto de renda, que é uma praxe entre os políticos. De fato ele rompe as barreiras, ele não faz coisas óbvias que é um político que está concorrendo à presidência, divulgar sua declaração de imposto de renda. E quando perguntado, ele é agressivo. Falou: *It's none your business*. Claro que é o *business* do país, porque ele quer ser presidente (...)” (Caio Blinder, 15 de maio de 2016)

Ao ser questionado sobre a sua declaração de imposto de renda, atitude comum àqueles que pretendem concorrer ao cargo de presidente dos Estados Unidos, o então candidato Donald Trump declarou que *It's none your business*. Além do sentido comercial referindo-se a negócios, o vocábulo também pode apresentar o sentido de assunto como na frase citada por Trump.

Unidade lexical: business

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo não foi encontrado em dicionários gerais, apenas em dicionários de terminologia, porém associados a outros vocábulos como *agribusiness* (SANDRINI, 1999, p. 18). Segundo Santos (2006, p. 116), o vocábulo foi introduzido no português no final do século XX.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia

20. Transcrição da fala:

“(...) E o Trump, que se diz o *outsider* né, que está rompendo todas as regras da política, não tira a gravata.” (Caio Blinder, 15 de maio de 2017)

A pauta da qual foi retirada a frase do apresentador Caio Blinder foi a acusação sobre o então presidente Barack Obama de ser o responsável pela queda de 50% nas vendas de gravatas, porque, segundo o apresentador Lucas Mendes, a gravata não fazia parte do vestuário do presidente. O vocábulo *outsider* no contexto é seguido de uma explicação do apresentador, significando um rompimento de todas as regras da política.

Unidade lexical: outsider

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado apenas no dicionário *Aulete online*. Segundo Santos (2006, p. 274), *outsider* começou a ser utilizada no português no final de século XX designando “pessoa que não é aceita em grupo social; pessoa que

não pertence a determinada organização ou empresa ou que não se ocupa de determinada atividade.”

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

21. Transcrição da fala:

“(...) Não, mas a Megyn ela... começou, ela era *team leader* aos quinze anos de idade, fez faculdade de direito, depois faculdade de jornalismo, era repórter em TV local e teve a grande sorte na época. A *Fox News* estava com grande problema: as únicas mulheres que assistiam a *Fox News* eram as mães daqueles repórteres rabugentos da *Fox News*. Eles falaram: precisamos de uma mulher aqui. Chamaram a Megyn Kelly, deram um, um banho de loja nela, cortaram o cabelo dela e foi um sucesso (...)” (Pedro Andrade, 22 de maio de 2017).

Megyn Kelly era âncora da *Fox News* e ficou muito conhecida após confrontar Donald Trump, que fazia declarações sexistas em relação à jornalista. Aos quinze anos, conforme citou Pedro Andrade, Megyn foi *team leader*, que, segundo o dicionário *Oxford online*, é uma pessoa que lidera um time de esporte, com a intenção de motivá-lo. Começou a ser utilizado, segundo o dicionário *Oxford online* no final do século XIX.

Unidade lexical: team leader

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. A expressão não foi encontrada em nenhum dos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

22. Transcrição da fala:

A: “Oh... Ricardo, fecha o bloco. Petróleo a cinquenta dólares o barril. Quem chora e quem festeja?” (Lucas Mendes)

B: “Provavelmente quem mais festeja é o Maduro que como o... o Caio dizia, está sem grana, desesperado, vai precisar de mais um pouquinho. Certamente a gente também tem é... outros déspotas mundo afora festejando bastante. Acho que o segundo que eu colocaria na lista é o Putin que também não está numa situação nada fácil. Tá precisando de grana e o petróleo mais caro significa mais dinheiro no bolso deles. E por fim, o pessoal ah... do gás de xisto nos Estados Unidos, quer dizer, a chance da gente ter exploração do, do *fracking* do *shale gas* é só com petróleo caro.” (Ricardo Amorim, 29 de maio de 2016)

No comentário sobre o valor do barril do petróleo, Ricardo Amorim utilizou o vocábulo *fracking* que segundo o dicionário Oxford começou a ser utilizado na década de 1950 representando uma abreviação de *fracturing*. Consiste em um processo de injeção de líquido a alta pressão em rochas subterrâneas de modo a forçar a abertura de fissuras existentes para a extração de petróleo ou gás. É também chamado de *hydraulic fracturing*.²⁰

Unidade lexical: fracking

Tipo de neologia: denominativa

Tipo de neologismo: formal

Classe de palavra: substantivo

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

²⁰ Disponível em <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/fracking>>. Acesso em 09/10/2017.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

23. Transcrição da fala:

“(...) Com relação às armas, Orlando especificamente tem algumas das regras mais, das leis mais frouxas com relação à posse de armas. Pra você ter uma noção, você não precisa de uma licença pra comprar uma arma. Você não precisa registrar sua arma. Você não precisa de *background check*. Você pode ter sido passado pela prisão, você pode ter distúrbio mental (...)” (Pedro Andrade, 12 de junho de 2016)

A lei de posse de armas na Flórida, local do massacre a tiros em uma boate *gay*, foi a pauta da fala do jornalista. O vocábulo *background check*, segundo o dicionário *Cambridge online*, consiste em uma verificação do que uma pessoa fez no passado.

Unidade lexical: background check

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: locução substantiva

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O sintagma não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

24. Transcrição da fala:

“(…) Vale destacar que daqui a algumas semanas eles também vão abrir pro café da manhã e pra *brunch* nos finais de semana.” (Pedro Andrade, 19 de junho de 2016)

A fala do apresentador refere-se a uma reportagem sobre o restaurante La Sirena localizado na *9th Avenue* em Manhattan. Segundo o dicionário *Oxford online*, a palavra *brunch* começou a ser utilizada no final do século XIX e corresponde a uma refeição entre o café da manhã e o almoço, podendo até mesmo substituir este último. *Brunch* constitui um cruzamento vocabular das palavras *breakfast* e *lunch*. Segundo Gonçalves (2016, p. 74-75), o cruzamento vocabular consiste na “mistura de fragmentos de palavras existentes”.

Unidade lexical: brunch

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado em Aulete *online* e em Bechara (2011). Segundo Santos (2006, p. 116) *brunch* foi introduzido no português no final do século XX.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: gastronomia

25. Transcrição da fala:

“(…) No referendo de quinta-feira, os britânicos votam se querem ficar ou sair da união européia. O apoio ao *Brexit* cresceu nos últimos dias: medo da imigração, do terror e da perda da identidade britânica.” (Lucas Mendes, 19 de junho de 2016)

Brexit é um cruzamento vocabular das palavras *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída). Este vocábulo foi criado durante o processo de saída da Grã-Bretanha da União

Européia na primeira metade da década de 2010. O termo encontra-se registrado nos dicionários *Oxford* e *Cambridge online*.

Unidade lexical: Brexit

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O termo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

26. Transcrição da fala:

“(...) Agora as possibilidades. A possibilidade grave é que esse dominó que cai com essa separação possa derrubar outros maiores e com implicações muito mais significativas. Um deles, eu já comentei aqui várias vezes, não vou me estender, é o risco de um *crash* nas bolsas de valores.” (Ricardo Amorim, 26 de junho de 2016)

Na transcrição acima, Ricardo Amorim comenta as conseqüências da saída da Grã-Bretanha da União Européia. O vocábulo citado pelo economista, é uma “denominação dada a uma forte queda nas Bolsas de Valores” (SANDRONI, 1999, p. 139).

Unidade lexical: crash

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O termo foi encontrado apenas no Dicionário de Economia de Sandroni (1999). Segundo Santos (2006, p. 142), o vocábulo foi inserido no português no século XX.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

27. Transcrição da fala:

“O Brasil, essa semana, pediu para entrar no Acordo Internacional de Comércio em Serviços. Em inglês a sigla é TISA e ela envolve Estados Unidos, México, Canadá e União Européia (...).” (Lucas Mendes, 26 de junho de 2016)

A sigla TISA (Trade in Services Agreement) que consiste em um acordo que abre mercados para o país que dele participa.

Unidade lexical: TISA

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O termo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: economia.

28. Transcrição da fala:

“Angélica, vamos entrar no *Brexit*, mas não no *regrexit*.” (Lucas Mendes, 03 de julho de 2016)

O termo *regrexit* que consiste em um cruzamento vocabular entre as palavras *regret* (arrependimento) e *exit* (saída), surgiu depois da saída da Grã-Bretanha da União Europeia e Lucas Mendes, na continuação da fala, cita que “os líderes da campanha *Brexit* prometeram uma saída fácil e a Grã-Bretanha entrou num roda moinho com políticos atarantados, rebaixada pelas agências de crédito, ameaçada de perder a Escócia (...).”

Unidade lexical: *regrexit*

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O termo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

29. Transcrição da fala:

“(...) A gente tendo eleições inconclusivas na Espanha, onde no fundo o que aconteceu é que já era uma eleição que, que era um *revival* da eleição de dezembro (...).” (Ricardo Amorim, 03 de junho de 2016).

Nessa fala, Ricardo Amorim analisa as eleições na Áustria e Espanha e utiliza o vocábulo *revival* que se refere a um ressurgimento do resultado da eleição anterior na Espanha.

Unidade lexical: revival

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O termo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

30. Transcrição da fala:

“No Brasil, nós temos jecas, pobres, mas não temos a expressão lixo branco. Angélica, nos Estados Unidos temos o *white trash* que pode ser um fator decisivo nessa eleição suja.” (Lucas Mendes, 03 de julho de 2016).

A expressão citada pelo jornalista refere-se a pessoas brancas e pobres, especialmente àquelas que moram no sul dos Estados Unidos, segundo *Oxford Dictionary online*.

Unidade lexical: white trash

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: Estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política

31. Transcrição da fala:

“Lucas, duas coisas inevitáveis nos Estados Unidos: as taxas e o *laundry*.” (Angélica, 10 de julho de 2016)

O vocábulo *laundry* foi utilizado pela produtora executiva do programa em uma reportagem sobre a loja *The Laudress*, “que vende produtos biodegradáveis e orgânicos” (Angélica Vieira, 10/07/2016).

Unidade lexical: laundry

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: Estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: variedade.

32. Transcrição da fala:

“(…) O jogo não chegou aqui ainda. Ainda não foi lançado no Brasil. Você tendo... Enfim, das, das *apps stores* brasileiras ainda não dá pra baixar e a gente nem sabe quando vai poder.” (Ricardo Amorim, 17 de julho de 2016).

O vocábulo *app store*, loja *online* que vende aplicativos para celulares (Cambridge Dictionary), foi utilizado na fala do economista sobre o lançamento do aplicativo *Pokémon go*.

Unidade lexical: app store

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo feminino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: informática.

33. Transcrição da fala:

“(...) Ele levou sete anos pra... O filme em si, cinco anos. Ele fez uma peça, depois foi no *Kickstarter*, pediu dinheiro, mais de mil e quinhentas pessoas doaram dinheiro (...)”
(Pedro Andrade, 17 de janeiro de 2016).

O apresentador, em sua fala, refere-se ao diretor do filme *Anomalisa*, Charlie Kaufman, que por meio do *site* de financiamento coletivo chamado *Kickstarter*, conseguiu recursos para financiar sua produção. No dicionário *Cambridge online*, o vocábulo é grafado com hífen (*kick-start*) e pode designar uma ajuda, fazer alguma coisa acontecer.

Unidade lexical: Kickstarter.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: empréstimo. O vocábulo não foi encontrado em nenhum dos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: informática.

34. Transcrição da fala:

“(...) A J. K. Rowling escreveu esse negócio... Ela era pobre, sustentava uma mãe doente e a filha com, como é... *food stamp*, vale refeição (risos), é verdade.” (Pedro Andrade, 31 de julho de 2016).

Na pauta, Pedro Andrade comentava sobre o início da carreira de J. K. Rowling, autora de Harry Potter, que sustentava a família com *food stamp*, um tipo de vale refeição, distribuído pelo governo a pessoas pobres para a compra de alimentos.

Unidade lexical: food stamp

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

35. Transcrição da fala:

“O nosso boa noite é um grande presente do Felipe, filho do filho e câmera da Angélica, nossa Vieira. O Felipe usa um aplicativo onde ele minimiza tudo até a própria mãe. Foi um pedido meu inspirado na abertura do *talk show* do Stephen Colbert, é muito bacana!” (Lucas Mendes, 31 de julho de 2016).

O vocábulo *talk show*, utilizado na fala do jornalista, refere-se a um programa de televisão em que convidados famosos são entrevistados. (Cambridge Dictionary).

Unidade lexical: talk show

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado nos dicionários Aulete *online* e Bechara (2011). Santos (2006, p. 344) aponta que o vocábulo foi introduzido no português no final do século XX e cita como exemplo o programa do Jô Soares.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: variedade.

36. Transcrição da fala:

“(...) Esse é o primeiro livro dele de não ficção, em dezesseis anos. Então ele... ele acha que a nossa fala..., por isso que o livro chama “O império da fala”, é uma espécie de, de criação nossa, uma grande sacada, um *big bang*. Não houve uma evolução.” (Caio Blinder, 04 de setembro de 2016)

A pauta da fala do jornalista foi o lançamento do livro de Tom Wolfe, *The Kingdom of speech* que, segundo Caio Blinder, “contesta a teoria da evolução” de Darwin.

Unidade lexical: big bang.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: locução substantiva masculina.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado nos dicionários *Aulete online*, Houaiss (2011), Bechara (2011) e no Dicionário de Economia de Sandroni (2005). Santos (2006, p.107) aponta, além da forma original, a forma aportuguesada *bigue-bangue* e cita que o vocábulo começou a ser utilizado no português na década de 1950.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

37. Transcrição da fala:

“O boa noite da Angélica ham... é uma homenagem ao dia do trabalho nos Estados Unidos, O *Labor Day*.” (Lucas Mendes, 04 de setembro de 2016).

Labor Day é um feriado nacional americano comemorado na primeira segunda-feira de setembro (*Oxford Dictionary online*).

Unidade lexical: Labor Day

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: locução substantiva masculina.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. A locução não foi encontrada nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

38. Transcrição da fala:

“(...) Aquela cena histórica dele nas ruas, perdido em Nova York, Por quê? Não por heroísmo. Por que ele decidiu que o *bunker* de comando da cidade era onde? Nas Torres que foram destruídas.” (Caio Blinder, 11 de setembro de 2016).

A pauta comentada pelo jornalista foi a posição tomada pelo prefeito Rudolph Giuliani de Nova York no atentado às Torres Gêmeas. O vocábulo *bunker*, segundo *Cambridge Dictionary*, consiste em uma sala subterrânea onde as pessoas se protegem, especialmente de bombas.

Unidade lexical: bunker.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado apenas em Houaiss (2011).

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

39. Transcrição da fala:

A: “(...) Ricardo, que nome você daria para essa foto?” (Lucas Mendes)

B: “*MMA*. Que basicamente é a... é a, é o vale tudo daqui. É a luta que vale qualquer coisa.” (Ricardo Amorim, 11 de setembro de 2016).

A foto analisada era dos presidentes Vladimir Putin da Rússia e Barack Obama que estão olhando um para o outro com expressões sérias. A sigla *MMA*, traduzida pelo economista como ‘vale tudo’, significa *mixed martial arts* (Cambridge Dictionary).

Unidade lexical: MMA.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

40. Transcrição da fala:

“Os guias hoje oferecem *tours* da miséria na Europa.” (Lucas Mendes, 11 de setembro de 2016).

A pauta da discussão do jornalista é sobre a mudança no turismo que, segundo a reportagem, oferece lugares para os turistas em áreas que estão em guerra. A palavra *tour*, segundo o *Oxford Dictionary*, designa um passeio por diversos lugares.

Unidade lexical: tour

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado nos dicionários Aulete online e Houaiss (2011).

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

41. Transcrição da fala:

“O nome é abreviação da expressão *Made in USA*, ou seja, feito aqui nos Estados Unidos. Os três donos são italianos e queriam abrir um restaurante no Brooklin que focassem, que usassem ingredientes locais e também tivessem em mente o prazer que o italiano tem pra comer e beber.” (Pedro Andrade, 18 de setembro de 2016)

Miusa wine bar restaurant, sendo que *Miusa* é a abreviação de *Made in USA*, é o restaurante apresentado pelo jornalista no programa.

Unidade lexical: Made in.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: verbo e preposição.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. A sentença não foi encontrada nos dicionários pesquisados. Segundo Santos (2006, p. 249), *Made in* foi introduzida no português no final do século XX e é usado “na etiquetagem de mercadorias para exportação.”

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

42. Transcrição da fala:

“[...] Ele é o inventor de uma ferramenta que hoje em dia, a gente não consegue imaginar a TV, cinema sem esse que se chama é... *act vídeo*, *vídeo active*, é... *vídeo assist*, exatamente que, literalmente, antigamente você tinha que revelar filme, você só podia rever aquela cenas na hora da edição (...) e agora não, você literalmente filma.” (Pedro Lucas, 18 de setembro de 2016).

A pauta foi o lançamento do filme do comediante Jerry Lewis.

Unidade lexical: vídeo assist

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

43. Transcrição da fala:

A: “Oh... Diogo. Agora uma parte da imprensa americana chama as mentiras do Trump de mentiras. Eles des..., desmentem na hora o que ele está mentindo. Eles colocam um selo, uma tarja na fala do Trump (risos) dizendo “Não é isso aí.” Ele, ele, ele disse, ou ele não disse. Eles desmentem na hora? Isso é bom jornalismo?” (Lucas Mendes)

B: “Isso é *fact checking*. Não é, não é jornalismo? Acho que o jornalismo tem que falar sim, tem que falar quando é mentira.” (Diogo Mainardi, 25 de setembro de 2016)

A locução *fact checking*, utilizada na fala do jornalista Diogo sobre a revelação por parte da imprensa das mentiras ditas pelo então candidato Donald Trump, consiste, segundo o *Cambridge Dictionary*, em checar se estão corretos todos os fatos escritos, artigos de notícias e discursos.

Unidade lexical: *fact checking*.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: locução substantiva masculina.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

44. Transcrição da fala:

“Eu acho que o seguinte, o Snowded hoje, como o Oliver Stone, Stone, está um pouco mais comedido. Ele descobriu que existe 50 tons de cinza. Existe o *big brother* americano, existe o *big brother* Putin. É muito pior.” (Caio Blinder, 25 de setembro de 2016).

Big brother, segundo o *Cambridge Dictionary* e de acordo com o contexto do recorte da fala, consiste em um governante ou uma pessoa de autoridade que tem poder para controlar as pessoas e cercear suas liberdades.

Unidade lexical: big brother

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

45. Transcrição da fala:

“[...] Pra combater a insônia, descobriram que o *audiobook*, livro de áudio em russo, não, de escritores russos e ingleses eram os melhores, para você, fazer você dormir.” (Lucas Mendes, 02 de outubro de 2016)

O *Cambridge Dictionary online* apresenta o vocábulo audiobook como uma gravação em CD ou disponível na internet de um livro lido em voz alta.

Unidade lexical: audiobook

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: empréstimo. Nos dicionários *Aulete online*, Bechara (2011) e Houaiss (2011) foi encontrada a forma audiolivro.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: calque.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

46. Transcrição da fala:

“[...] Enfim, enfim, mas eu diria que a maior contribuição deles foi o *power lunch*. Então era o almoço poderoso. Eram três Martinis, três contratos e zero ressaca. Esse ficou.”
(Pedro Andrade, 02 de outubro de 2016)

O vocábulo *power lunch* foi utilizado na discussão sobre o livro de Paul Freedman sobre os dez restaurantes que mudaram a América. Segundo o apresentador Pedro Andrade, *power lunch* consiste em um almoço entre empresários que culminava em contratos.

Unidade lexical: power lunch

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

47. Transcrição da fala:

“[...] É a primeira vez que uma muçulmana vai na Playboy. Ela não vai pelada. Uma jornalista. Mas os protestos já começaram. É... cê vai no *Instagram* dela, coitada, é um xingamento atrás do outro. E a maior competição de xadrez do mundo, agora vai ser, seria em fevereiro, vai ser em fevereiro entre o Irã, no Irã e... eles exigiram que todas usassem o *hijab*.” (Pedro Andrade, 02 de outubro de 2016)

Na pauta sobre a primeira muçulmana que aparece nas páginas da Playboy, o apresentador Pedro Andrade usou o vocábulo *hijab* que, segundo o *Oxford Dictionary online*, veio do árabe *hajaba* e consiste em um lenço que algumas mulheres muçulmanas usam quando estão em público.

Unidade lexical: *hijab*

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

48. Transcrição da fala:

“Eu não achei a Hillary com *super punch*. Ela não conseguiu..., não, um golpe realmente fenomenal em cima do Trump. Por isso ele ganha.” (Caio Blinder, 10 de outubro de 2016)

O sintagma *super punch* foi utilizado para se referir à fraca atuação da candidata à presidência dos Estados Unidos em um debate com outros candidatos em uma rede de televisão americana. *Super punch* consiste em um super soco utilizado no contexto.

Unidade lexical: super punch

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. Não foi encontrado nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

49. Transcrição da fala:

“[...] Eu acho que ela perdeu mais por uma razão simples. Ele sobreviveu, sabe, havia expectativas tão baixas sobre o Trump é... teve, com a hemorragia que ele foi sofrendo nas últimas semanas, vários problemas e escândalos e o *pussygate*, como ta sendo chamado. Imagina na época do Nickson era *water gate*, agora temos o *pussygate*.” (Caio Blinder, 10 de outubro de 2016).

Ao comentar sobre o debate dos presidenciáveis em uma rede de televisão americana realizada em outubro de 2016, o jornalista Caio Blinder citou o vocábulo *pussygate*, nome dado ao escândalo envolvendo o nome de Donald Trump “após divulgação de um vídeo de 11 anos atrás, onde ele se referia a mulheres de maneira vulgar, típica de machistas sem freios. [...] Imediatamente o escândalo foi chamado

pelos americanos de Pussygate, numa referência ao Watergate que derrubou Richard Nixon.” (AQUINO, 2016).²¹

Unidade lexical: pussygate

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não foi encontrado nos dicionários consultados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

50. Transcrição da fala:

“[...] A obrigatoriedade do... de, de ficar sério é a mesma pro... você não pode usar óculos. Eles, hoje em dia, têm aquele *face-recognition*, aquela, aquele reconhecimento facial que você precisa ter as medidas é... corretas da face.”(Pedro Andrade, 10 de outubro de 2016).

O vocábulo *face-recognition* foi utilizado na pauta sobre a autorização do governo francês de liberar sorrisos nas fotos de passaporte. Segundo *Cambridge Dictionary online*, o vocábulo aparece separado por hífen e refere-se a um *software* que pode reconhecer uma pessoa a partir de uma imagem digital.

Unidade lexical: face-recognition

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

²¹ AQUINO, Ruth de. A revanche das mulheres. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/columnas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2016/10/revanche-das-mulheres.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

Classe de palavra: locução substantiva masculina.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: estrangeirismo. O vocábulo não consta nos dicionários pesquisados.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

51. Transcrição da fala:

“[...] O importante pro Trump, é manter o controle do ciclo nutricional de graça, os patetas nossos, os *losers*, jornalistas, não paramos de falar dele, então ele encomendou o noticiário dessa semana com essa aparição da Sarah Palin.” (Caio Blinder, 4 de janeiro de 2016)

A pauta foi a quantidade de noticiários sobre Donald Trump. O vocábulo *losers*, utilizado pelo então candidato à presidência dos Estados Unidos, refere-se, segundo *Cambridge Dictionary online*, a uma pessoa que não tem sucesso na vida, um fracassado.

Unidade lexical: loser.

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado apenas no Dicionário de administração e negócios (DUARTE, 2011) significando “carta fora do baralho”, “pessoa que deixou de ter prestígio e influência”.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: política.

52. Transcrição da fala:

“[...] Vale explicar um pouco mais, quem é o Adam Grant. Ele foi o professor mais jovem a ser, assumir o cargo de professor catedrático em Wharton e a razão é que um bom professor, que publica muito, publica três pesquisas acadêmicas por ano em bons jornais científicos. Ele, no ano ruim, publicava seis, no ano bom, publicava nove. Ele, ele dá de goleada em produ..., em bons *papers* [...]” (Ricardo Amorim, 24 de janeiro de 2016)

Pauta sobre o professor universitário Adam Grant, que realizou testes que verificaram que as pessoas que tinham procrastinação eram mais criativas. Segundo Adam “procrastinar é um pecado na produtividade, mas uma virtude na criação.” O vocábulo *paper*, refere-se, segundo o *Oxford Dictionary online*, a trabalhos acadêmicos.

Unidade lexical: papers

Tipo de neologia: denominativa.

Tipo de neologismo: formal.

Classe de palavra: substantivo masculino.

Origem: externa, devido ao contato cultural e social.

Fase de adoção: xenismo. O vocábulo foi encontrado em Aulete *online*, no Dicionário de Economia (SANDRONI, 2014), e no Dicionário de Administração e negócios (DUARTE, 2011). Santos (2006, p.279) aponta que esse vocábulo foi introduzido no português no final do século XX, referindo-se a um “ensaio, dissertação, estudo para comunicação em congressos ou simpósios”.

Forma de derivação: direta, deriva da língua fonte, inglês, para a língua receptora.

Forma de adoção: incorporação na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso: denotativo introduzindo um conceito novo.

Área de atuação: cultura.

No item a seguir, será apresentada a análise e interpretação dos resultados encontrados no *corpus*.

3.2 Análise dos resultados

Para a apresentação da análise dos dados, será verificado cada aspecto dos anglicismos apresentados no item 3.1 (O *corpus* e a análise dos anglicismos coletados). O primeiro item, tipo de neologia, mostrou que 49 anglicismos nomeiam objetos ou conceitos, sendo assim classificados de denominativos. Apenas três anglicismos exprimiram “de modo inédito uma certa visão de mundo” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 18), que foram os vocábulos *trumpetada*, *deadline* e *Powerball*, sendo classificados como neologias estilísticas.

A neologia formal, segundo Correia e Almeida (2012, p.24), “apresenta uma forma não atestada no estágio anterior de língua” e é composta de “palavras novas que são construídas com recursos a processos morfológicos ou sintáticos de construção de palavras [...], bem como as palavras que resultam de importação” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 22-24). A partir dessa afirmação, constatou-se que todos os anglicismos são neologias formais.

Segundo Alves (2004, p. 80), “os neologismos por empréstimo recebidos pelo português distribuem-se sobretudo entre a classe substantival e, mais raramente, entre adjetivos e verbos”. Dos anglicismos coletados, *spin-off*, *lobby*, *deadline*, *boom*, *Powerball*, *Trumpetada*, *offshore*, *Gawker*, *ballroom*, *Facebook*, *site*, *business*, *outsider*, *fracking*, *brunch*, *Brexit*, *crash*, *TISA*, *regrexit*, *revival*, *laundry*, *Kickstarted*, *bunker*, *MMA*, *tour*, *audiobook*, *hijab*, *pussygate* e *paper* exercem a função de substantivos, *loser*, *offshore*, *crooked* são adjetivos, *shale gas*, *Black blocks*, *Panama Papers*, *vikings gay*, *high five*, *America first*, *team leader*, *background check*, *White trash*, *app store*, *food stamp*, *talk show*, *big bang*, *Labor Day*, *vídeo assist*, *fact checking*, *big brother*, *Power lunch*, *super punch*, *face- recognition* são locuções substantivas, e a expressão *Made in* formada por verbo e preposição.

Todos os anglicismos pesquisados são de origem externa adotados, ou ainda em processo de adoção por meio do contato social e cultural.

Na fase de adoção, aparecem em grande número os xenismos, “palavras que permanecem na forma original, apesar da grande frequência de uso” (CARVALHO, 2009, p. 57), ou por estarem registrados em dicionários. São xenismos: *lobby*, *deadline*, *boom*, *Black bloc*, *offshore*, *Facebook*, *site*, *business*, *outsider*, *brunch*, *crash*, *talk show*, *big bang*, *bunker*, *MMA*, *tour*, *Made in*, *big brother*, *loser*, *paper*.

Os anglicismos que não se encontram registrados em dicionários do português e com baixa frequência de uso no programa foram considerados estrangeirismos, dentre eles estão: *spin-off*, *shale gas*, *Poweball*, *Panama Papers*, *gawker*, *ballroom*, *vikings gay*, *high five*, *crooked*, *America first*, *team leader*, *fracking*, *background check*, *Brexit*, *TISA*, *regrexit*, *revival*, *White trash*, *laundry*, *app store*, *kickstarted*, *food stamp*, *Labor Day*, *vídeo assist*, *fact cheking*, *Power lunch*, *hijab*, *super punch*, *pussygate*, *face-recognition*.

Os anglicismos considerados empréstimos são os estrangeirismos adaptados de várias formas (CARVALHO, 2009, p.60). Dentre os empréstimos, estão *trumpetada* e *audiobook* registrado nos dicionários como audiolivro.

Na forma de derivação, todos os vocábulos pesquisados são considerados diretos, ou seja, vindo da língua fonte, o inglês, pois a pesquisa delimitou analisar apenas os anglicismos. Na fase de adoção, considerando que o anglicismo foi utilizado na fala dos apresentadores do programa, os vocábulos coletados foram incorporados na forma original com adaptação fonética.

Segundo a função, intenção ou necessidade de uso, todos os anglicismos são denotativos, introduzindo um conceito novo no português. Na área de atuação, os anglicismos foram divididos nas seguintes áreas, conforme o contexto em que o anglicismo foi utilizado: cultura (*spin-off*, *deadline*, *ballroom*, *viking gay*, *high Five*, *team leader*, *food stamp*, *big bang*, *Labor Day*, *tour*, *Made in*, *vídeo assist*, *audiobook*, *powerlunch*, *hijab*, *face-recognition*, *paper*, *thurster*), política (*lobby*, *Black blocs*, *trumpetada*, *crooked*, *Amarica first*, *Brexit*, *regrexit*, *revival*, *white trash*, *bunker*, *MMA*, *fact checking*, *big brother*, *super punch*, *pussygate*, *loser*), economia (*shale gas*, *boom*, *Powerball*, *off-shore*, *Panama Papers*, *business*, *fracking*, *backgroundcheck*, *crash*), informática (*gawker*, *app store*, *kickstarted*), gastronomia (*brunch*), variedade (*laundry*, *talk show*).

Para melhor visualizar o registro dos anglicismos em dicionários gerais ou de terminologia, optou-se por uma tabela, em que foi marcado com um (x) o dicionário em que o vocábulo encontra-se registrado.

	Aulete online	Houaiss (2011)	Bechara (2011)	Duarte (2011) Adm. Negoc.	Sandroni (2014) economia	Sawaya (1999) Inform.	Bobbio; Matteucci; Paquino (1998)
--	------------------	-------------------	-------------------	------------------------------------	--------------------------------	-----------------------------	--

							Política
1.spin-off	x			x	X		
2.lobby	x	x	x	x	X		x
3.shale gas							
4.deadline	x			x	X		
5.Facebook				x			
6.boom	x	x	x	x	x		
7.Powerball							
8.Black blocs							
9.thruster							
10.trumpetada							
11.offshore	x				x		
12.Panama Papers							
13.gawker							
14.ballroom							
15.vikings gay							
16.high Five							
17.crooked							
18.America first							
19.business					x		
20.outsider	x						
21.team leader							
22.fracking							
23.background check							
24.brunch	x		x				
25.Brexit							
26.crash					x		
27.TISA							
28.regrexit							
29.revival							

30.white trash							
31.laundry							
32.app store							
33.kickstarted							
34.food stamp							
35. talk show	x		x				
36. big bang	x	x	x		x		
37.Labor Day							
38.bunker		x					
39.MMA							
40.tour	x	x					
41made in							
42.video assist							
43.fact checking							
44.big brother							
45.audiobook (audiolivro)	x	x	x				
46.power lunch							
47.hijab							
48.super punch							
49.pussygate							
50.face-recognition							
51.loser				x			
52. papers	x			x	x		

De modo geral, observou-se que a maior parte dos anglicismos coletados não está registrada em nenhum dicionário. Alguns são nomes próprios de acontecimentos (surtem e desaparecem nas mídias) recentes na língua inglesa como *Brexit*, *regrexit*, *Panama Papers*, mas outros como *MMA*, *Black blocs*, apesar da frequência de uso no

português, ainda não foram registradas. Diante do exposto, serão apresentadas, a seguir, as conclusões sobre a pesquisa realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito fazer um levantamento e analisar a incidência e uso de anglicismos em um *corpus* composto de transcrições da fala dos apresentadores do programa *Manhattan Connection*, com o intuito de verificar a influência desse programa na ampliação lexical do português, considerando-se que, o programa *Manhattan Connection* utiliza mais anglicismos do que os demais programas de TV.

Os pressupostos teóricos de Carvalho (2009), assim como as categorias de análise apontadas pela autora para classificar um empréstimo linguístico como a origem, fase de adoção, forma de derivação, forma de adoção, função, intenção ou necessidade de uso, foram utilizados para analisar e compreender o uso do anglicismo na língua. Além desses aspectos, outros foram formulados, baseados nos estudos de Correia e Almeida (2012) sobre o tipo de neologia e neologismo, além da classe gramatical que o anglicismo exerceu na transcrição da fala e a área em que foi usado o item lexical estrangeiro.

No *corpus* de estudo, observou-se que o uso dos anglicismos no programa é frequente e utilizado nas mais diversas áreas debatidas no programa como cultura (34,61% de anglicismos usados), política (32,69%), economia (19,3%), informática (9,61%), variedade (3,84%) e gastronomia (1,9%), demonstrando que o programa exerce influência na divulgação de anglicismos não apenas em uma área específica como a política e a economia, mas também em outras áreas. A pesquisa, também constatou que 57,69% dos vocábulos coletados são estrangeirismos, 40,38% são xenismos e 1,92% são empréstimos.

Na consulta aos dicionários, constatou-se que há instabilidade na grafia dos empréstimos, como *lobby* ou *lobi*, em que os termos foram encontrados nas duas formas. A instabilidade também ocorreu com a função morfológica do item *offshore*, ora exercendo a função de adjetivo, ora de substantivo.

Os anglicismos coletados foram classificados ‘forma de adoção’, como incorporados na forma original com adaptação fonética (98,07%), considerando para esse aspecto o recorte das falas dos apresentadores do programa. Apenas o vocábulo *audiobook* apareceu nos dicionários pesquisados com a forma *audiolivro*, um decalque ou calque (1,92%), ocorrendo quando há tradução literal do termo.

O registro dos anglicismos apenas em dicionário geral da língua ocorreu em 11,53% dos casos. Apenas em dicionário de terminologia, 7,69% dos anglicismos

aparecem registrados, 15,38% dos anglicismos estão registrados tanto em dicionário geral quanto de terminologia, e 63,46% dos anglicismos pesquisados não constam em nenhum dicionário. Os dados, dessa forma, demonstram a divulgação do programa de anglicismos ainda estranhos ao vernáculo do português, como *white trash* ou de vocábulos recentes na língua fonte como *Brexit*, *regrexit* e *pussygate* que estudos posteriores podem identificar a inserção ou não desses vocábulos no vernáculo do português. Os resultados podem demonstrar também que, o programa tem por objetivo criar uma identificação do público com o universo americano nas diversas áreas, principalmente na política, economia e cultura, tendo em vista, a considerável influência dos Estados Unidos no mundo ocidental.

Ao utilizar um estrangeirismo, o emissor tem a intenção de trazer ao vernáculo, um termo de outro código linguístico, diferente do código de chegada. Assim, o estrangeirismo traz em si o caráter de estranheza, mesmo sendo destinado a um público elitizado intelectualmente. “São aqueles que são sentidos como alógenas, ou seja, como estranhos ao sistema linguístico de acolhimento” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.70). Para amenizar essa situação, apesar de não ser um ato corrente entre os apresentadores do programa, alguns anglicismos como *gawker*, *ballrooms*, *America first*, *outsider*, *MMA* e *super punch* foram usados seguidos de uma explicação do termo, e *crooked*, *TISA*, *spin-off*, *food stamp*, *made in*, *audiobook*, *Power lunch* e *face recognition* foram utilizados seguidos de tradução do item. Esses recursos amenizam o ingresso dos anglicismos e fornecem objeto de estudo para posteriores pesquisas.

A análise do *corpus* constatou que a incidência de anglicismos é considerável, porém, em nenhum momento, o uso desses itens estrangeiros afetou o sistema linguístico do português. Muitos desses empréstimos linguísticos, utilizados no *corpus*, foram classificados como neologismos, porém, já se encontram inseridos no léxico do português, podendo, dessa forma, não serem mais considerados um vocábulo novo no sistema. Além disso, conforme os estudos realizados, o processo de empréstimo linguísticos é contínuo e um campo amplo para estudos sobre o acervo lexical de um idioma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fernando. **Dicionário de expressões estrangeiras**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismos criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo, Cosac Naif, 2015.

AQUINO, Ruth de. **A revanche das mulheres**. Disponível em:

<<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2016/10/revanche-das-mulheres.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marinalva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais**. XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto: APL, 2010, PP.201-210.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo Contexto, 2014.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BECKER, Beatriz. O sucesso da telenovela “Pantanal” e as novas formas de ficção televisiva. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

BENEVENUTO JR., Álvaro. Comunitário: um peixe vivo, mas fora da rede. In: BRITTO, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (orgs). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1978.

BOBBIO, Noerberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfresco. **Dicionário de política**. Trad. Carmen C. Varriale *et al.* Brasília: Editora de Brasília, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: Uma introdução à lexicografia**. São Paulo Editora UNESP, 2003.

BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (orgs). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

CALDAS, Aulete. **Dicionário Aulete digital**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: set. 2017.

CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles. Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços. *In* GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles (orgs.). **Inglês como língua Franca: Ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011.

CAMARA JR. J. Mattoso. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1989

CAMBRIDGE, Dictionary. Disponível em: <dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues>. Acesso em: set. 2017.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

CARVALHO, Nelly. Fundamentos da criação neológica. *In*: CARVALHO, Nelly (orgs). **Criação neológica: teoria e prática**. Curitiba: Editora Appris, 2012.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, Edvaldo Souza. *et al.* **Da cultura de massa às interfaces na era digital**. R. Faced, Salvador, n.14, p.105-118, jul/dez. 2008.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística - contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

DUARTE, Geraldo. **Dicionário de administração e negócios**. KBR, 2011. Disponível em:

<<http://www.fkb.br/biblioteca/livrosadm/Dicionario%20de%20Administracao%20e%20Neg%C3%B3cios-%20Geraldo%20Duarte.pdf>>.

ETYMOLOGY, Online Dictionary. Disponível em: < <http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: set.2017.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema e televisão no contexto da transmediação. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2012.

JANSON, Tore. **A história das línguas: uma introdução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

JUSTINO, Agatha Arianne de Assis. **Performances, egos, disputas: análise discursiva da eleição de Barack Obama no programa Manhattan Connection**. Disponível em <http://www.ccta.ufpb.br/cj/contents/tcc/performances-egos-disputas-analise-discursiva-da-eleicao-de-barack-obama-no-programa-de-tv-manhattan-connection-agatha-arianne-de-assis-justino>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. **Acerca da dinamicidade lexical**. SOLETRAS, Ano 1, nº 2. São Gonçalo: UFRJ. Jul/Dez. 2001.

MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. **Ainda em torno da dicotomia empréstimo/estrangeirismo**. Revista Philologus, Ano 7, nº 21. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Set/Dez. 2001. Disponível em: <www.filologia.org.br/rph/ANO07/21/002.pdf>.

MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. **Empréstimo lingüístico o que é, como e por que se faz?**. Cadernos do CNLF. Vol. XVIII. Nº 3- Minicursos e oficinas. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

MELO, José Marques de. **Televisão Brasileira: Desenvolvimento, Globalização, Identidade. 60 anos de ousadia, astúcia, inovação.** São Paulo: Cátedra UNESCO/UMESP de comunicação, 2010.

MIRA, Maria Celeste. O moderno e o popular na TV de Sílvia Santos. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa.** Campinas: Pontes, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB na era da TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

OXFORD, Dictionary. Disponível em: <en.oxforddictionaries.com>.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PASTERNOSTRO, Vera Ísis. **Globo News: 10 anos, 24 horas no ar.** São Paulo: Globo, 2006.

PETTER, Margarida. A influência das línguas africanas no português brasileiro. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs). **Os contatos lingüísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PILLA, Éda Heloisa. **Os neologismos do português e a face social da língua.** Porto Alegre: Editora AGE. 2005).

POSSEBON, Samuel. **TV por assinatura 20 anos de evolução.** São Paulo: Save Produção, 2009.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos lingüísticos e o Brasil. Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In* RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. (orgs.) **Os contatos lingüísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

REBOUÇAS, Edgard. América Latina: um território pouco explorado e ameaçador para a TV Globo. *In*: BRITTOS, Valério Cruz e BOLAÑO (orgs). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.** São Paulo: Paulus, 2005.

REIS, Simone de Campos. Anglicismos: tecnologia e sociedade. *In*: CARVALHO, Nelly (orgs). **Criação neológica: teoria e prática.** Curitiba: Editora Appris, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação da TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo Contexto, 2015.

ROXO, Marco. A volta do “jornalismo cão” na TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (orgs). **A história da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

SANTOS, Agenor Soares dos. **Dicionário de anglicismos e de palavras correntes em português**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de Informática e Internet**. São Paulo: Nobel, 1999.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. O “glamour” das palavras inglesas na língua portuguesa. *In*: SILVA, José Pereira da (orgs). **Neologia e neologismos no século XXI**. Curitiba: Apris, 2012.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2015.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico. Descrição e análise do português**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VILAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

ZANFERRARI, Cristina Momberger. **O estrangeirismo no texto publicitário efeitos de sentido**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2006.